



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

EZEQUIEL NUNES DIAS GOMES

Estudo e reflexão da Unidade Letiva *Jesus, um Homem para os outros*, do programa de Educação Moral e Religiosa Católica do 6.º ano de escolaridade

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutor João Alberto Sousa Correia

Braga
2019

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta etapa e o objetivo alcançado tardiamente obriga a um bem-haja a todos e a todas quantos tornam possível a concretização.

Em primeiro lugar, um obrigado aos professores da Universidade Católica Portuguesa, particularmente aos professores Maria Isabel Pereira Varanda e João Alberto Sousa Correia pela orientação e disponibilidade. Ao orientador-cooperante, António Clemente, um agradecimento pelo acolhimento na sua escola e pelo tempo despendido. Aos colegas e amigos que sempre insistiram e bem para que o começado não acabasse à nascença. À família, naturalmente, me reconheço agradecido por todo o apoio.

Por fim, à Liliana, mulher e futura mãe. Porque sem ela nada teria sido possível.

A todos e a todas um grande Obrigado.

RESUMO

Este relatório traduz o resultado da Prática de Ensino Supervisionada realizada na Escola EB 2/3 de Mundão no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas. A segunda unidade letiva do sexto ano de escolaridade do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica foi a base deste trabalho e apresenta a pessoa de Jesus Cristo ao longo da sua vida até à Ressurreição e conseqüente Pentecostes, sem esquecer a Igreja, lugar da presença de Jesus e templo do Espírito Santo. Esta reflexão destaca a pedagogia de Jesus através do acolhimento e do perdão em três episódios bíblicos: a “Mulher adúltera” (Lc 7, 36-50), o “Fariseu e o publicano” (Lc 18, 9-14) e o “Bom samaritano” (Lc 10, 25-37). Inclui uma proposta pedagógica que foi implementada em estágio e a fundamentação da mesma.

Palavras-chave:

Jesus Cristo, Reino de Deus, parábola, Igreja, Ressurreição, acolhimento, perdão, EMRC, pedagogia, próximo.

ABSTRAT

This final report translates the result of the Teaching Supervised Practice performed at the EB 2/3 School of Mundão, in the context of the Master of Religious Science. The second teaching unit of the sixth grade curriculum of “Catholic Moral and Religious Education” was the main basis of this work and it presents the person of Jesus Christ throughout His life until Resurrection and consequent Pentecost, without forgetting the Church, place of the presence of Jesus and temple of the Holy Spirit. This reflection highlights the pedagogy of Jesus through the welcoming and the forgiveness in three biblical episodes: “The woman taken in adultery” (Lc 7, 36-50), “The pharisee and the publican” (Lc 18, 9-14) and “The good samaritan” (Lc 10, 25-37). It includes a pedagogical planning proposal that was implemented in school internship and its theoretical foundation.

Keywords:

Jesus Christ, Kingdom of God, parable, Church, Resurrection, welcoming, forgiveness, EMRC, pedagogy, neighbour.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO.....	iii
ABSTRAT	iii
ÍNDICE DE TABELAS.....	vi
SIGLÁRIO	vii
INTRODUÇÃO	viii
I. JESUS CRISTO: VIDA E HISTÓRIA	1
1. A pessoa de Jesus Cristo	1
1.1 O Messias anunciado e o nascimento de Jesus Cristo	4
1.2 A Paixão e a Morte de Jesus.....	9
1.3 A Ressurreição de Jesus	16
2. Jesus e o Reino de Deus	18
2.1 O anúncio do Reino de Deus	20
2.2 A edificação da igreja, comunidade de crentes no ressuscitado	24
2.3 A igreja, lugar da presença de Jesus e templo do Espírito Santo	30
II. O ACOLHIMENTO E O PERDÃO: MODELOS DA PEDAGOGIA DE JESUS	33
1. A pedagogia de Jesus Cristo: acolhimento e perdão	33
1.1 O episódio bíblico da pecadora arrependida (Lc 7, 36-50)	37
1.2 A parábola do fariseu e do cobrador de impostos (Lc 18, 9-14)	41
1.3 A parábola do bom samaritano (Lc 10, 25-37)	46
III. PROPOSTA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA DE LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA	
“JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS” 50	
1. Apreciação do ambiente de estágio	50
1.1 Caracterização da escola EB2/3 de Mundão	51
1.2 Caracterização da turma da Prática de Ensino Supervisionado	52
2. O enquadramento da unidade letiva “Jesus, um homem	55
para os outros” no programa de EMRC.....	55
2.1 Considerações pedagógicas e didáticas para a disciplina de EMRC	55
2.2 Enquadramento da unidade no programa do sexto ano e a sua articulação com os outros temas	58
2.3 Os domínios e os conteúdos referentes à unidade letiva	59
“Jesus, um homem para os outros”	59
3. A unidade letiva “Jesus, um Homem para os outros”	64
3.1 Proposta de planificação da unidade “Jesus, um Homem para os outros”	64
3.2 Planos de aula.....	82
3.2.1 Aula 1.....	82

3.2.2 Aula 2	84
3.2.3 Aula 3	86
3.2.4 Aula 4	88
3.2.5 Aula 5	90
Sumário: A condenação, a Paixão e a Morte de Jesus Cristo.....	90
Ficha de trabalho.....	90
3.2.6 Aula 6	92
CONCLUSÃO	94
Bibliografia	97
Webgrafia	100
Anexos	101

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Domínios e metas de EMRC do 2.º Ciclo do Ensino Básico.	58
Tabela 2 - Correspondência da operacionalização de competências e dos conteúdos programáticos da UL2.....	60

SIGLÁRIO

AAS Acta Apostolicae Sedis

At Atos dos Apóstolos

AT Antigo Testamento

CEP Conferência Episcopal Portuguesa

Cf Confrontar, consultar

1Cor Primeira Carta de Paulo aos Coríntios

Dt Deuterónimo

Dz Denziger

EMRC Educação Moral e Religiosa Católica

Ex Êxodo

Ibid. Na mesma obra

Hb Carta aos Hebreus

Is Isaías

Jr Jeremias

Jo Evangelho de João

Lc Evangelho de Lucas

Lv Levítico

Mc Evangelho de Marcos

Mq Profeta Miqueias

Mt Evangelho de Mateus

NT Novo Testamento

PES Prática de Ensino Supervisionada

Rom Carta aos Romanos

Ss Seguintes

UL Unidade letiva

UL2 Unidade letiva 2 “Jesus, um Homem para os Outros” do sexto ano de escolaridade

V Versículo

INTRODUÇÃO

A dissertação é objeto de análise crítica da segunda Unidade Letiva do sexto ano de escolaridade, do programa de Educação Moral Religiosa e Católica (EMRC) e intitula-se “Jesus, um Homem para os outros”. Reflete o trabalho desenvolvido durante a Prática de Ensino Supervisionada na disciplina de EMRC e dedica-se ao âmbito do tratamento eclesiológico, cristológico, pedagógico e didático relativamente à Unidade Letiva (UL) referida anteriormente. Esta UL foi escolhida para o desenvolvimento deste trabalho pelo desafio que é apresentar a pessoa de Jesus Cristo na escola atual. A análise crítica incidirá na pertinência dos vários elementos constitutivos, enquanto unidade alicerçada nos vários momentos principais da vida de Jesus e nos acontecimentos subsequentes à Ressurreição.

A articulação da UL respeitará a seguinte forma:

O primeiro capítulo, intitulado *Jesus Cristo: vida e história*, será uma reflexão sobre a pessoa de Jesus Cristo e o contexto coincidente entre a vida e a história, como ênfase no Messias Jesus anunciado no AT e nascido em Belém, no horizonte envolvente da Paixão e Morte, e na Ressurreição, realidade histórica que deu origem à comunidade eclesial e já um reflexo e protótipo do Reino de Deus.

O segundo capítulo, denominado *O acolhimento e o perdão: modelos da pedagogia de Jesus*, refletirá sobre a pedagogia de Jesus, tendo o episódio bíblico da pecadora arrependida, a parábola do fariseu e do cobrador de impostos e, por fim, a parábola do bom samaritano como modelos de adesão a Jesus Cristo. Esta adesão não é mais do que a aceitação da pessoa de Jesus formulada pela recetividade ao acolhimento e ao perdão de Jesus. A anuência a Jesus inscreve-se na instauração do Reino de Deus e no acolhimento aliado ao perdão de Jesus sendo este o alicerce do horizonte relacional da vida humana em plenitude com Deus.

O terceiro capítulo, intitulado *Proposta pedagógica e didática de lecionação da unidade letiva “Jesus, um homem para os outros”*, será uma análise focada na pedagogia e na didática em contexto de sala de aula. Para além de se iniciar por uma caracterização da escola de estágio, também prevê uma harmonização da unidade do programa de EMRC. Por fim, e ainda inserido neste capítulo, serão apresentadas propostas de planificação da unidade em questão, a sua aplicação no contexto do estágio da Prática de Ensino Supervisionada, respetivas descrições detalhadas de cada uma das aulas previstas e a consequente autoavaliação e heteroavaliação formulada pelo orientador cooperante e pelo núcleo de estágio.

Esta dissertação concluirá com uma revisão do trabalho realizado, tendo em conta cada uma das sessões em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada.

I. JESUS CRISTO: VIDA E HISTÓRIA

Neste capítulo, pretende-se refletir sobre a pessoa de Jesus Cristo e o horizonte de continuidade entre o messianismo anunciado no AT e os acontecimentos vitais e marcantes da vida pública de Jesus.

Num primeiro ponto, destaca-se o dinamismo messiânico presente no cumprimento da promessa de Deus, no AT, de enviar um Salvador para a Humanidade. A esta iniciativa contrapôs-se a interpretação judaica dos textos veterotestamentários sobre a expectativa messiânica ao não reconhecerem a filiação divina e humana de Jesus Cristo. Expõem-se os acontecimentos principais da vida de Jesus no que respeita à Paixão e à Morte constituindo momentos culminantes e axiais na iniciativa de salvação endereçada por Deus à humanidade. A Ressurreição, cerne da intervenção de Deus na Humanidade através de Jesus, é o ponto de partida da Igreja, fundada pelo próprio Jesus.

Num segundo ponto, aborda-se a implicação da pregação de Jesus Cristo acerca do Reino de Deus. Neste ponto será abordado o anúncio do Reino de Deus, a edificação da Igreja enquanto comunidade primitiva e a presença do Espírito Santo no corpo eclesial orientado para o Reino de Deus. De salientar a presença de Deus na história da humanidade e no desenrolar do acontecimento da Salvação na sua dimensão histórica, bem como, nas implicações morais para a Pessoa.

1. A pessoa de Jesus Cristo

Neste capítulo dedicado à pessoa de Jesus Cristo, serão abordados os momentos principais da vida de Jesus no que respeita à sua preexistência, enquanto Messias anunciado no AT e coincidente na pessoa de nome Jesus nascido em Belém, tendo ainda em conta a

sua Morte e a sua Ressurreição. Por fim, explanar-se-á a comunidade germinada no anúncio do Reino de Deus que Jesus empreendeu em palavras e gestos desde o nascimento até à Ascensão.

Uma primeira referência visa refletir a pessoa de Jesus Cristo como ponto de partida. Jesus é o ponto central da fé da Igreja. A confissão de fé na sua pessoa é, antes de mais, um esforço de referência aos acontecimentos da vida de Jesus. É no retorno aos acontecimentos essenciais da vida de Jesus que se torna possível qualquer argumentação ou discurso acerca da descoberta do Messias. Quaisquer enunciados ou alusões à sua pessoa devem ter em conta as singularidades específicas de Jesus como Deus, como Homem e como Messias esperado e estas dentro da comunidade que o reconhece como o Cristo.¹ A referência à pessoa de Jesus leva a considerar a união hipostática², na medida em que a pessoa de Jesus Cristo é constituída por duas naturezas numa única substância, numa única pessoa. As duas naturezas, a humana e a divina, intrinsecamente unidas, influem na pessoa de Jesus Cristo³.

Jesus nasce homem por meio de Maria, mas já existia desde o princípio⁴, portanto as duas naturezas não se confundem, nem se confrontam, mas subsistem na mesma pessoa. Historicamente, esta temática da afirmação de duas naturezas numa pessoa de Jesus teve os seus confrontos, nomeadamente na negação da divindade de Jesus pelo arianismo e na

¹ “O acontecimento único e absolutamente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que seja o resultado de uma mistura confusa do divino com o humano. Ele fez-Se verdadeiro homem, permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.” [*Catecismo da Igreja Católica*, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005), 464].

² Etimologicamente, “hipostática” provém de “hypostasis”, palavra grega que significa “substância” ou “subsistência”. Deriva de “hypo” que traduz a ideia de “sob” ou “debaixo”, e de “stasis” que exprime a ideia de “posição”, “lugar” e “situação”. *Online Etymology Dictionary*, “hypostasis”, https://www.etymonline.com/word/hypostasis#etymonline_v_51248 (acedido a 12 de maio de 2019).

³ Jo 1, 14.

⁴ Jo 1, 1-2.

negação da humanidade de Jesus pelo docetismo. Contra estas posições a Igreja respondeu conciliarmente em Niceia (ano 325)⁵, em Éfeso (ano 431)⁶ e em Calcedónia (ano 451)⁷.

O concílio de Niceia afirmou que Jesus Cristo é Filho de Deus e provém da mesma essência de Deus⁸, o que leva à afirmação de uma relação de amor entre o Pai e o Filho e simultaneamente que ambos se comunicam e comunicam-se ao mundo pela encarnação de Jesus. O concílio de Éfeso estabelece, contra Nestório, a união hipostática das duas naturezas em Jesus⁹, o que apresenta uma igualdade nas naturezas humana e divina e a comunicação entre Deus e a humanidade, porque o Filho de Deus incorporou a natureza humana, tendo desde sempre a natureza divina. Como consequência a humanidade comungará, também, da natureza divina devido à filiação adotiva. As afirmações do concílio de Calcedónia complementam os Símbolos provenientes dos dois concílios anteriores e fundamentalmente declaram Jesus Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Pela eternidade, Jesus está reportado ao Pai, e está referido à humanidade pela sua missão de salvação¹⁰. No horizonte amplo dos três concílios mencionados está a afirmação de Jesus Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Estas duas faces não se subtraem mutuamente, mas ambas se concretizam plenamente na pessoa de Jesus.

A pessoa de Jesus Cristo não teve uma caracterização fixa e imutável para a humanidade. Fora e dentro da igreja o rosto de Jesus é referenciado de diferentes formas, gerando diversos sentidos, dependendo da especificidade de cada um, da capacidade crítica ou do grupo de referência ou de pertença. O rosto de Jesus é interpretado de forma singular

⁵ Heinrich Denzinger, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja Católica*, (São Paulo: Paulinas/Loyola, 2006), 125.

⁶ *Ibid.*, 250 e ss.

⁷ *Ibid.*, 300.

⁸ Olegario Gonzalez de Cardedal, *Cristologia*, (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001), 236.

⁹ *Ibid.*, 257.

¹⁰ *Ibid.*, 274.

dependendo subjetivamente de quem observa e de quem contempla. Ao longo da história foram várias as interpretações equivocadas acerca da pessoa de Jesus. O Iluminismo e o Positivismo, filosofias potenciadoras do valor único e intrínseco da humanidade, influenciaram a ótica acerca da pessoa de Jesus. A forma de pensar atual, imbuída da componente metodológica científica, não compromete o fundamento evangélico, mas é positiva na medida em que se permite uma reconstrução dos acontecimentos históricos em conjunção com os conteúdos de fé relativos à salvação por Jesus Cristo. Até porque, “na mentalidade e na cultura histórica dos nossos dias a investigação levada a cabo de modo científico é essencial para aceder à fé e ao evangelho. (...) A tensão entre a história criticamente reconstruída e a decisão do crente não se encontra só na relação entre o Jesus histórico e a fé da primeira comunidade, mas é uma estrutura permanente dialética que subjaz em todo o discurso sobre Cristo”.¹¹

1.1 O Messias anunciado e o nascimento de Jesus Cristo

Considerar Jesus como o Messias é o cerne da fé cristã. O cristianismo não é a única religião que, de forma histórica e sistemática, reivindica o messianismo bíblico. Para o judaísmo, a espera pelo messias é basilar no papel do crente judeu. Ambas as religiões têm em comum este conceito de “messianismo”, ainda que haja uma divergência no cumprimento da realidade messiânica. As mesmas promessas messiânicas presentes no AT são uma expectativa quer para cristãos, comunidade formada pelos seguidores de Jesus após a ressurreição e as aparições pascais, quer para os judeus, mas que, no entanto, não associam

¹¹ Rinaldo Fabris, *Jesus de Nazaret, História e Interpretación*, (Salamanca: Sígueme, 1985), 320.

o cumprimento da figura messiânica a Jesus, porque para estes ainda decorre a promessa do envio do Messias.

Para o Judaísmo, há quatro razões principais para que Jesus não seja aceite como Messias¹²:

- A crença judia assenta numa revelação nacional, ao invés de uma revelação pessoal como a pessoa de Jesus Cristo. No Livro do Êxodo Deus fala ao povo, à nação israelita.¹³

- Segundo os judeus, algumas passagens bíblicas que os cristãos aplicam a Jesus são traduções erradas, nomeadamente Is 7, 14, quando afirma que a virgem conceberá um filho e lhe dará o nome de Emanuel. Os judeus advogam que o termo correto é “jovem”, “mulher” e não “virgem” e que era uma ideia pagã do primeiro século os deuses engravidarem as mortais.

- A pessoa de Jesus não incorporou as características messiânicas maiores, como a descendência na linhagem de David.¹⁴ Como José era o pai adotivo de Jesus, não poderia haver uma linhagem direta desde David até Jesus.

- Jesus não cumpriu as profecias messiânicas. Um dos temas centrais da profecia bíblica é a promessa de um tempo futuro de paz universal e do reconhecimento de Deus, nomeadamente, na construção do santuário,¹⁵ na reunião de todo o povo judeu em Israel¹⁶ e

¹² Nicholas De Lange, *Introduction to Judaism*, (Cambridge: Cambridge University Press, 2002), 201-206.

¹³ “Deus pronunciou todas estas palavras, dizendo: «Eu sou o Senhor, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egípto, da casa da servidão.»” (Ex 20, 1-2)

¹⁴ “O Senhor falou a Moisés no deserto do Sinai, na tenda da reunião, no primeiro dia do segundo mês, no segundo ano após a saída da terra do Egípto, dizendo: «Fazei o recenseamento de toda a comunidade dos filhos de Israel segundo as suas famílias, segundo a casa de seus pais, contando, nominalmente, por cabeça, todos os varões.» “Pelos filhos de José: Elichamá, filho de Amiud, por Efraim, Gamaliel, filho de Pedaçur, por Manassés;” (Nm 1, 1-2.10).

¹⁵ “Farei com eles uma aliança de paz; será uma aliança eterna; Eu os estabelecerei e os multiplicarei; e colocarei o meu santuário no meio deles para sempre. A minha morada será no meio deles. Serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Então, reconhecerão as nações que Eu sou o Senhor que santifica Israel, quando tiver colocado o meu santuário no meio deles para sempre.” (Ez 37, 26-28).

¹⁶ “Não tenhas medo, que Eu estou contigo. Trarei do Oriente os teus filhos, e congregarei do Ocidente os que te pertencem. Direi ao Norte: 'Devolve-os!' E ao Sul: 'Não os retenhas!' Tragam-me os meus filhos lá de longe, e as minhas filhas dos confins da terra.” (Is 43, 5-6).

no reconhecimento de que o Deus de Israel reinará sobre toda a terra.¹⁷ Para o Judaísmo, se um destes parâmetros não for cumprido, não será reconhecido o Messias.

Ao messianismo bíblico poderíamos associar e incorporar uma característica original que consiste na sua inauguração sob o âmbito e o terreno da história. O elemento primordial de esperar e aguardar uma redenção no AT consiste na esperança de que será o próprio Deus a enviar um Salvador. É pela reinterpretação dos textos do AT na comunidade gerada por Jesus que o conteúdo da esperança no Messias se torna concreto e coincidente. A espera relatada nos escritos veterotestamentários coincide com a realidade que a pessoa de Jesus proporciona. O que foi dito antes tem um novo sentido, uma conexão entre o conteúdo dos textos do AT e a realidade messiânica de Jesus. “É necessário, porém, ter em conta que a interpretação messiânica do Antigo Testamento, como se faz nos ambientes cristãos, é já fruto da releitura dos textos pela comunidade de Jesus e, em alguns casos, por ele mesmo. Só a partir dessa releitura se pode ver o Antigo Testamento como um movimento orientado para um tempo determinado, em que aparecerá o Messias; só a partir do próprio Jesus é que se pode ver e dizer que as Escrituras de Israel falavam dele e o anunciavam com clareza.”¹⁸

O cumprimento da promessa realizada por Deus no princípio da história concretiza-se em Jesus Cristo.¹⁹ O anúncio de Jesus Cristo em vários momentos no AT concretiza-se no nascimento de Jesus em Belém. As fontes do AT incidem quer na preexistência de Jesus, quer na sua filiação divina, sustentando simultaneamente a sua divindade e a sua

¹⁷ “E o Senhor reinará sobre toda a terra. Naquele dia, o Senhor será único e o seu nome será único.” (Zc 14, 9).

¹⁸ José Ornelas Carvalho, “Origem e evolução do messianismo em Israel”, *Didaskalia* 30 (2000), 29.

¹⁹ “Por isso, o Senhor, por sua conta e risco, vos dará um sinal. Olhai: a jovem está grávida e vai dar à luz um filho, e há-de pôr-lhe o nome de Emanuel.” (Is 7, 14).

humanidade. Os anúncios de Jesus como Filho de Deus e nascido de uma mulher, Maria, aparecem simultaneamente imiscuídos entre si nos textos de Paulo.²⁰

A citação paulina Gl 4, 4-6 enquadra três afirmações ou concepções entrelaçadas no mesmo acontecimento. Primeiro, Deus que envia Jesus, o seu filho; em segundo, o nascimento que ocorre num momento histórico concreto, e, em terceiro, o envio dirigido à humanidade do Espírito de Jesus, concretização do desígnio patente no amor de Deus através da comunidade eclesial. Este texto paulino demonstra a primazia da importância em apresentar este mesmo acontecimento de três realidades simultâneas numa única pessoa que nasceu em Belém. Ao invés dos Evangelhos de Lucas e de Mateus (Lc 1-2 e Mt 1-2) que acentuam a concepção divina de Jesus pelo Espírito Santo, Paulo incorpora Jesus numa tradição, num povo, numa história e, conseqüentemente, num desejo divino de salvação prometido desde o AT e elemento de um povo influenciado pela história da promessa de Deus²¹. A consequência precede o acontecimento, ou seja, antes do nascimento de Jesus ter ocorrido e, mesmo antes do anúncio de Jesus, Filho de Deus, Jesus já era sujeito e interveniente do plano divino de salvação para a humanidade. O divino nasceu na humanidade com Jesus. O que foi prometido para salvar o povo, nasceu no seio do próprio povo. Paulo elege o teor soteriológico da inserção de Jesus num povo e na humanidade pelo seu nascimento, mais do que a origem humana de Jesus, mais do que a sua maternidade e paternidade adotiva nas pessoas de Maria e de José, respetivamente.

²⁰ “Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei, para resgatar os que se encontravam sob o domínio da Lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: «Abbá! - Pai!»” (Gl 4, 4-6).

²¹ “Realizou-se também cabalmente a missão do Messias, isto é, daquele que recebera a plenitude do Espírito Santo, em favor do Povo eleito por Deus e de toda a humanidade. «Messias», literalmente, significa «Cristo», isto é, «Ungido»; e na história da salvação significa «ungido com o Espírito Santo». Esta era a tradição profética do Antigo Testamento.” (nº 15) João Paulo II, Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem* (18 de maio de 1986): AAS 78 (1986) 709-900.

Os dois primeiros capítulos dos evangelhos de Mateus e de Lucas relatam o mesmo acontecimento do nascimento de Jesus, em configuração diversa, ou seja, o mesmo acontecimento histórico tem um registo histórico diferente nos dois escritos evangélicos. Em ambos os relatos, a ação de Deus que intervém no mundo para que Jesus nasça de uma mulher é primordial, ao invés da primazia paulina no cumprimento da promessa de Deus em enviar o seu filho para a salvação da humanidade. O nascimento de Jesus é o fruto da iniciativa de Deus que, sem qualquer interferência humana, pretende operar a Encarnação no projeto de salvação. Mateus e Lucas são a fonte para a concepção virginal de Jesus. De realçar a colaboração voluntária humana na pessoa de Maria para o cumprimento da iniciativa divina pela aceitação em participar no projeto de Deus.²²

Maria é o sinal da fecundidade entre a proposta de Deus e a sua aceitação em participar do mesmo. A dádiva da salvação é gerada por Deus, nascida e transmitida por Jesus, e consentida por Maria na sua inauguração no mundo. Maria colabora no projeto de Deus, porque é nela que germina a semente da relação entre Deus e a humanidade na pessoa de Jesus. A mesma certeza que se comprova no cumprimento da promessa veterotestamentária do Filho de Deus, surge na constatação da concepção virginal de Jesus no seio de Maria, proclamada desde o começo da Igreja primitiva.²³

Com a concepção virginal afirma-se que o único pai de Jesus é Deus, excluindo assim a paternidade biológica humana. A geração do Filho pelo Pai não aconteceu inscrita fora do

²² “De Moisés nació el pueblo de Dios y para ello Dios le concedió una especial asistencia (cf. Ex 33,12-17); de María nace el nuevo y definitivo pueblo de Dios y Dios le concede una asistencia muy particular. La asistencia de Dios se articula en términos de gracia. (...) María ha sido «agraciada» por Dios para la maternidad mesiánica: «Vas a concebir en el seno y vas a dar a luz un hijo, a quien pondrás por nombre Jesús» (Lc 1, 31). Ha sido elegida y habilitada para la gran vocación para la que desde siempre ha sido llamada. Este agradecimiento redundará en beneficio de todo el mundo.” [José Cristo Rey García Paredes, *Mariología* (Salamanca: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995), 82-83].

²³ “En el misterio de esta nueva creación resplandece el papel de la maternidade virginal de Maria. San Ireneo, llamando a Cristo “Primogénito de la virgen” (Adv. Haer. 3, 16, 4), recuerda que, después de Jesús, muchos otros nacen de la Virgen, en el sentido que reciben la vida nueva de Cristo.” [João Paulo II, *La virgen Maria: Catequesis sobre el Credo* (Madrid: Editorial Palabra, 2001), 122].

tempo, mas ocorreu intrometida na história e a marcar a história com o nascimento de Jesus em Belém²⁴. Nos evangelhos de Lucas e Mateus concomitam a geração de Jesus e a intervenção do Espírito Santo. Não se entende como pai de Jesus o Espírito Santo. Jesus é Filho de Deus que, pela ação do Espírito Santo, atuou na história e deu existência ao Verbo na natureza humana. Insiste-se que “ao afirmar que Cristo é único, por ser o Filho de Deus encarnado, que o Pai enviou para resgate dos nossos pecados e nos outorgar a filiação, estamos a afirmar o carácter incomparável dele com nenhum outro mediador anterior ou posterior.”²⁵

Na proposta de Deus para a humanidade, a concepção humana de Jesus por Maria e a concepção divina por Deus formam uma nova origem, um (re)início da Criação concretizada na história através do novo Adão, Jesus²⁶. O acontecimento que fundou a nova criação, Jesus, realça e inaugura a importância da maternidade virginal de Maria.

1.2 A Paixão e a Morte de Jesus

No decurso da pregação de Jesus há três momentos bíblicos marcantes referentes ao prenúncio dos acontecimentos finais da vida de Jesus. Nestes momentos estão presentes as três ocasiões em que Jesus anuncia a sua Paixão e a sua Ressurreição.

Em Mc 8, 31-33, o primeiro dos anúncios marca o encontro crucial e decisivo na missão de Jesus. A expressão “Filho do Homem”, título messiânico de Jesus, indica que o messianismo se realizará em humildade e simplicidade, assumindo a condição humana e que

²⁴ “O anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus.» (Lc 1, 35).

²⁵ Olegario Gonzalez de Cardedal, *Cristologia*, (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001), 552.

²⁶ *Catecismo da Igreja Católica*. (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), 504.

será desprezado e rejeitado pela estrutura religiosa e civil. A messianidade aplicada a Jesus é confessada inicialmente por Pedro quando Jesus lhe perguntava sobre a sua pessoa (Mc 8, 27-30). Os apóstolos não compreenderam que a messianidade de Jesus exigia que este passasse pela morte para chegar à glória da Ressurreição. Jesus expressa que será reprovado pelo Sinédrio, assembleia formada pelos sumos sacerdotes, anciãos e escribas, será morto e ressuscitará ao terceiro dia. Em Mc 9, 2-13 é relatada a Transfiguração. Neste episódio Jesus sobe à montanha com Pedro, Tiago e João e o mistério de Jesus revela-se na brancura e no esplendor da figura de Jesus. Uma nuvem formou-se e cobriu-os de sombra, o que representa o Espírito Santo que desce sobre Jesus. Em Mc 9, 30-32, um segundo anúncio aos apóstolos retoma os acontecimentos da Paixão e da Ressurreição futuras. O terceiro anúncio em Mc 10, 32-34 ocorre num momento em que Jesus sobe a Jerusalém, cidade onde decorrerão os momentos últimos e fundamentais da sua vida.

Após a entrada messiânica em Jerusalém no último domingo da vida de Jesus (Mc 11, 1-11), este é aclamado pelo povo como o Messias esperado, o Filho de David. A entrada triunfal em Jerusalém e a ida ao templo têm um carácter profético e messiânico. Zacarias profetiza o Messias a entrar humildemente em Jerusalém montado num jumento (Zc 9,9). A Purificação do templo (Mc 11,15-19) acontece no dia posterior à entrada em Jerusalém. Foi uma ação profética que remete para Is 56, 7 e revela a expulsão dos vendedores que usavam o templo como local propício ao negócio. As autoridades religiosas do templo, os sumo sacerdotes e os escribas, decidiram condenar Jesus à morte. Os últimos dias da vida de Jesus, de quinta a domingo, são o auge máximo, onde Jesus realizará a sua Páscoa através dos acontecimentos da Última Ceia, da Paixão, da Morte e da Ressurreição. Os acontecimentos pascais não se limitam à morte e à ressurreição de Jesus, mas compreendem a Última Ceia, cujo momento maior foi a instituição da Eucaristia, a Paixão, a Ressurreição e, por fim, a

Ascensão de Jesus. Consequentemente, a efusão do Espírito Santo, o Pentecostes, é essencial à origem da Igreja, comunidade primitiva dos seguidores e das testemunhas de Jesus ressuscitado.

O povo hebreu celebrava a festa da páscoa como uma combinação de dois momentos numa única festividade.²⁷ Em primeiro, a celebração dos pastores onde se imolava um cordeiro na noite de lua cheia mais próxima do equinócio da primavera (Ex 12,1-15) e, em segundo, a festa dos ázimos que consistia numa celebração dos agricultores na primavera, onde confeccionavam pães sem fermento para que a colheita anterior não contaminasse a nova colheita e eram consumidos durante sete dias (Ex 12, 15-20).²⁸ A Última Ceia inaugura uma nova aliança entre Deus e a Humanidade apontando para a morte de Jesus como morte salvadora, na medida em que é sacrificial e expiatória. A inauguração remete para duas passagens: a passagem da antiga ceia pascal judaica para a ceia pascal de Jesus e a passagem da comemoração do cordeiro sacrificado para o novo Cordeiro de Deus, o Corpo e o Sangue de Jesus, que de forma definitiva liberta a humanidade do pecado (Jo 1, 29).

Além de ser a inauguração de uma nova Aliança, as palavras de Jesus na Última Ceia: “Tomai: isto é o meu corpo.” (Mc 14, 22) e “Isto é o meu sangue da aliança, que vai ser derramado por todos.” (Mc 14, 24) constituem os pontos principais da doutrina eucarística que a Igreja considera como tradição. Em primeiro, a presença de Jesus na Eucaristia é real, não é presença simbólica,²⁹ em segundo, a transubstanciação, ou seja, a conversão do pão e

²⁷ “Porém, a festa da Páscoa (pessah, em hebraico) é muito anterior. Já existiria provavelmente no tempo dos patriarcas para falar da passagem dos rebanhos dos seus acampamentos para novas pastagens (transumância), no começo da primavera (início do verão, em Israel).” [João Alberto Sousa Correia, “A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia (I) *Theologica*, 43, 1 (2008), 199].

²⁸ La Pascua de Israel (...), documentada sobre todo por Êxodo 12, conserva com fidelidade los rasgos de la Pascua Mosaica; es una fiesta doméstica, sin intervención de sacerdotes oficiales y todavía distinta de la Fiesta de los Ázimos, de origen agrícola. (...) Y todavía distinta de la fiesta de los Ázimos, de origen agrícola.” [Raniero Cantalamessa, *La Pascua de nuestra salvación. Tradiciones pascales de la Biblia y de la Iglesia primitiva* (Bogotá: Ediciones San Pablo, 2007), 38].

²⁹ Dz, 1640.

do vinho em Corpo e Sangue de Jesus³⁰ e em terceiro, a Eucaristia congrega e atualiza os principais sacrifícios da antiga aliança: Jesus é o sacrifício pascal (Mc 14, 22-25) e é a vítima de expiação e holocausto / sacrifício perfeito.³¹

Neste sentido, apresentam-se os doze conteúdos que relatam os principais acontecimentos que compõem a Paixão de Jesus.

1. A oração no Getsémani (Mc 14, 32-42): a oração e o sofrimento de Jesus tiveram uma natureza salvífica. O projeto de salvação de Deus para a humanidade tinha uma missão redentora e dolorosa para o Enviado do Pai.

2. A Prisão de Jesus (Mc 14, 43-52): Jesus foi entregue por Judas. A ordem de prisão é aceite voluntariamente por Jesus.

3. O interrogatório em casa de Anás (Jo 18, 12-24): Anás interroga Jesus sobre os seguidores e sobre o ensinamento. Jesus é vítima de violência por parte de um guarda (Jo 18, 23).

4. Os ultrajes a Jesus – Profeta (Mc 14, 65): estes ultrajes a Jesus remetem para o primeiro poema do Servo de Javé (Is 42,1-7) que já constituía uma antecipação da Paixão de Jesus.³²

5. As negações de Pedro (Mc 14, 54. 66-72): as negações de Pedro reforçam o valor do Perdão de Jesus, porque após negar três vezes a Jesus, mesmo assim perdoou-o. Pedro negou o que Jesus afirmava e, pela conversão, conseguiu o perdão.

6. O processo perante o Sinédrio (Mc 14, 55-64): O processo do sinédrio foi de carácter religioso, porque este tribunal indagou sobre as pretensões messiânicas de Jesus. A afirmação de Jesus - “Tu o disseste. E Eu digo-vos: vereis um dia o Filho do Homem sentado

³⁰ Dz, 1642.

³¹ Dz, 1739.

³² Felipe Fernández Ramos, *Pasión de nuestro señor JesuCristo* (Salamanca: Editorial San Esteban, 2007), 15.

à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu.” (Mt 26, 64) - foi o motivo pelo qual Jesus foi declarado condenado à morte. A afirmação de Jesus como Messias, divindade, Filho de Deus, sentado à direita do Pai e a quem Deus entregou um Reino universal e eterno.³³

7. O processo perante Pilatos (Mc 15, 1-15): após o Sinédrio, Jesus foi presente perante Pilatos, chefe da autoridade civil. A acusação central foi Jesus intitular-se rei, mas Pilatos indeferiu a acusação. Jesus é enviado a Herodes segundo o Evangelho de Lucas (Lc 23, 7-12), onde recusa responder a Herodes e é devolvido a Pilatos que convocou o povo. Não lhe reconheceu a culpa pela pena de morte aplicada e deu a escolher a libertação de um preso como amnistia: Barrabás ou Jesus. Pilatos entrega Jesus à multidão e este é flagelado.

8. O caminho até ao Calvário (Mc 15, 21): o costume à época era que o condenado carregasse a trave da cruz, mas como já tinha poucas forças devido aos castigos, chamam um transeunte, Simão de Cirene, a substituir Jesus no caminho até ao Calvário.

9. A Crucificação (Mc 15, 22-27): a pena foi a crucificação de Jesus no Gólgota, ladeado por dois ladrões.

10. A contemplação de Jesus na cruz (Mc 15, 29-37): antes de Jesus morrer crucificado, ele clamou: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (v. 34). Este é um grito de dor e de desespero, porque tudo parece frustração. O que veio aniquilar o pecado é o que, aparentemente, experimenta o abandono.

11. Reações à morte de Jesus (Mc 15, 33. 38-41): após a morte de Jesus, quatro acontecimentos ocorreram: as trevas, o terramoto, os sepulcros abertos e a ressurreição dos mortos e, por fim, o véu do templo que se rasgou em dois.

³³*Catecismo da Igreja Católica*. (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), 595-598.

12. A sepultura de Jesus (Mc 15, 42-47): Jesus foi sepultado na mesma tarde em que morreu. José de Arimateia reclamou o corpo de Jesus perante Pilatos e Nicodemos tratou de providenciar o perfume (Jo 19, 39), uma mistura de mirra e aloé, para o embalsamento. O corpo de Jesus foi envolto, perfumado e sepultado.³⁴

Sob a prova neotestamentária da crucificação de Jesus, e de todos os acontecimentos prévios e posteriores, o que resulta como garantia e afirmação primeira é a interpretação dos acontecimentos relativos a Jesus na sua componente salvífica para a humanidade. O valor e a certeza soteriológica sobrepõem-se quando nos referimos ao âmbito bíblico neotestamentário. A certeza da realização em Jesus do projeto do Reino de Deus pelos acontecimentos vividos por Jesus são a prova da sua própria validade e esta prova é prévia à comprovação da sua confirmação documental histórica.

É na realização da promessa do Reino de Deus que se confirma a validade, e não na verificação da sua veracidade histórica, que os acontecimentos da Páscoa se confirmam como verdadeiros. A sequência de acontecimentos inerentes à Paixão e à Morte de Jesus substanciam a entrega pelo Pai do seu próprio Filho.³⁵ A interpretação da Paixão e da Morte de Jesus compreende-se como uma releitura da promessa de Deus em entregar o seu próprio Filho a partir do episódio bíblico do Servo de Javé (Is 53, 7) e estes acontecimentos exprimem o seu valor salvífico a partir da expiação do sacrifício de Jesus.³⁶

³⁴ “La legislación romana preveía también la entrega del cuerpo del crucificado a sus parientes, una vez comprobada oficialmente la muerte y después de haberse hecho la solicitud oportuna a la autoridad competente. En el ambiente judío prevalece la costumbre de bajar el cuerpo de la cruz antes de ponerse el sol, ya que según el texto de Dt 21, 22-23, lo que cuelga del madero es una amenaza de contaminación para la tierra de Israel.” [Rinaldo Fabris, *Jesus de Nazaret, Historia e Interpretación* (Salamanca: Sígueme, 1985), 261].

³⁵ “De facto, Deus fez o que era impossível à Lei, por estar sujeita à fraqueza da carne: ao enviar o seu próprio Filho, em carne idêntica à do pecado e como sacrifício de expiação pelo pecado, condenou o pecado na carne, para que assim a justiça exigida pela Lei possa ser plenamente cumprida em nós, que já não procedemos de acordo com a carne, mas com o Espírito.” (Rm 8, 3-4).

³⁶ “Isaías había comparado al Siervo de Yahweh con el Mesías, cual ‘la oveja conducida al matadero’ y como ‘al cordero mudo bajo la mano de aquel que le trasquila’”. [Luiz Diez Merino “El cordero de Dios en la literatura intertestamental” in Flores Florentino, *Dead Sea scrolls and other early jewish studies in honor of Florentino Garcia Martinez* (Boston: Brill Academic Publishers, 2007), 552].

Uma abordagem aos acontecimentos anteriores da vida de Jesus é previamente necessária a uma incidência direta à paixão e à morte de Jesus. A vida terrena de Jesus contrasta entre as duas latitudes, o anúncio do Reino de Deus e o julgamento de Jesus que culminou na pena aplicada, a morte por crucificação. O anúncio do reino pelos milagres operados por Jesus demonstra uma aceitação por parte do povo, um benefício que Jesus proporcionou e que o povo aceitou e agradeceu com a adesão em massa.

Um exemplo deste binómio benefício / aceitação por parte do povo encontra-se no relato do milagre da multiplicação dos pães³⁷. O eco dos acontecimentos da vida Jesus ressoa no número de pessoas que o seguem. Jesus confirmava o que os profetas anunciaram acerca do Messias enviado por Deus. A visão de um profeta na pessoa de Jesus era a característica divina que movia o povo atrás de Jesus. A dádiva do sofrimento de Jesus e da sua morte não obedecem a uma relação entre causa e efeito, uma consequência direta e cronológica dos anúncios do Messias no Antigo Testamento, mas são produto da vontade de Jesus em oferecer à humanidade o dom da salvação, oferta incondicional de Jesus, tendo como fim último a entrega de si mesmo por todos.

A entrada aclamada em Jerusalém fornece-nos a indicação de que o povo esperava alguém, só ficando a faltar a nota da grandiosidade aparente da realeza. Um profeta, enviado por Deus, surge como um humano vulgar e tendo como meio de locomoção um vulgar animal de tração. Tal figura profética, enviada por Deus, serviria para um profeta, mas não acalentava a grandeza do filho de Deus, porque ficava a faltar a visibilidade, a riqueza, o valor ostensivo e o poderio militar. Em Jerusalém segue-se a ida ao templo.

³⁷ Jo 6, 1-15

1.3 A Ressurreição de Jesus

Os acontecimentos da vida terrena de Jesus finalizaram com a sua morte, mas por outro lado, a morte foi origem e início da ressurreição. A ressurreição, após a morte, é um momento fundante da comunidade eclesial. A certeza da ressurreição de Jesus é a base de todo o desígnio salvífico presente no projeto de Deus para a humanidade. De acordo com Gonzalez de Cardedal, “Jesus é o primeiro ressuscitado de entre os mortos (At 4, 2), a primícia e a causa. É o último homem, enquanto finalizador do desígnio de Deus e antecipador do destino futuro do homem (1Cor 15, 45).”³⁸

A ressurreição de Jesus marca a história, porque é um acontecimento axial na história. Até à ressurreição tudo culmina nela e a partir da ressurreição tudo provém dela. A ressurreição precede a história e a história procede da ressurreição. A ressurreição, enquanto ato e momento, é única e é o acontecimento que pertence ao passado, porque é charneira de tudo o que foi anunciado sobre o plano de Deus para a humanidade na pessoa de Jesus, e pertence ao presente na pessoa do ressuscitado que está vivo sempre. A própria humanidade é chamada à ressurreição, porque é convidada a responder ao convite de Deus que é o destino último da Humanidade. A ressurreição é o ponto de partida da comunidade crente em Jesus, o próprio princípio que anuncia, agrega e envia a própria humanidade. O acontecimento da ressurreição que manifesta Jesus como Filho de Deus é o cerne da intervenção de Deus na história e o fim último e definitivo.

No que toca à ressurreição de Jesus, há dois acontecimentos que determinam a sua veracidade: as aparições aos discípulos e o túmulo vazio. Este último dá conta de um primeiro passo, uma premissa inicial para a credibilidade da ressurreição, ainda que

³⁸ Olegario Gonzalez de Cardedal, *Cristologia*, (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001), 550.

provocasse medo e espanto nas testemunhas do sepulcro vazio. Este sinal é apresentado como confuso, sujeito a diversas interpretações, tal como foi entendido por Maria Madalena, no sentido em que teriam roubado o corpo de Jesus³⁹. O túmulo vazio é um sinal que provoca a reflexão sobre a possibilidade da ressurreição. O acontecimento que proporciona a esperança firme e concretizada na ressurreição de Jesus é a aparição de Jesus em vários momentos relatados nos evangelhos. O relato de 1Co 15, 3-5⁴⁰ e At 3, 15⁴¹ são as primeiras referências às aparições do Jesus ressuscitado. Estas aparições não são uma ficção, mas um conteúdo de fé da comunidade cristã primitiva. A certeza na ressurreição é o resultado ao incitamento à fé recebido pelos apóstolos, provocado, quer pelo túmulo vazio, quer pelas aparições de Jesus. Este impacto provocado pela fé no Jesus crucificado e ressuscitado foi a alavanca para o nascimento da Igreja. O testemunho dos que acreditavam em Jesus despoletou um novo horizonte dentro da comunidade primitiva, em que o sacrifício pelo martírio foi uma prova irrefutável da certeza em Jesus ressuscitado (credibilidade existencial).

A esperança da humanidade concretizou-se no Jesus ressuscitado, o que assegura as condições de possibilidade para a transfiguração total da realidade humana. A ressurreição de Jesus é transcendente, no que respeita à sua relação com a humanidade, porque oferece as condições de possibilidade para ser arrebatada e transfigurada, tendo em conta o projeto de salvação de Deus para a humanidade. O horizonte existencial proporcionado pela ressurreição na humanidade já não se apresenta como uma utopia (*u-topos*), uma ausência de caminho, mas um novo “topos”, u novo horizonte último de concretização da esperança

³⁹ Jo 20, 2.13.15.

⁴⁰ “Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; apareceu a Cefas e depois aos Doze.”

⁴¹ “Destes a morte ao Príncipe da Vida, mas Deus ressuscitou-o dos mortos, e disso nós somos testemunhas.”

para a humanidade. A ressurreição permite à humanidade a transcendência da esperança, ou seja, permite as condições de possibilidade da humanidade em concretizar a sua esperança em Jesus.

2. Jesus e o Reino de Deus

No tempo de Jesus, o universo judaico acreditava num único Deus e que este tinha escolhido um povo, fornecendo-lhe uma lei e prometendo, também, um reino e um messias.⁴² O que constitui uma divergência completa para os judeus é a associação da pessoa de Jesus ao próprio messias, devido à rejeição formal linearmente manifestada na concordância judaica da pena aplicada a Jesus “Pilatos disse-lhes: «Que hei-de fazer, então, de Jesus chamado Cristo?» Todos responderam: «Seja crucificado!»” (Mt 27, 22). Voltando atrás, a predicação de Jesus sobre o Reino de Deus é o expoente e o núcleo da mensagem de Jesus. Todos os ensinamentos de Jesus tiveram o teor do Reino de Deus como expoente e finalidade. A passagem bíblica de “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho.” (Mc 1, 15) marca o início da pregação sobre o Reino. Jesus estava inserido no povo judeu, partilhava as tradições do povo e conhecia toda a revelação do AT no que consistia o Reino e o Messias esperado.

A novidade do Reino anunciado por Jesus era a iniciativa de salvação para a humanidade, não só adscrita ao universo judeu, mas a todos os povos e já estava a operar-se na pessoa de Jesus. A vida nova do Reino não dependerá, com Jesus, de uma intervenção extraordinária, pomposa ou mirabolante, mas nascerá da conversão do coração como uma

⁴² “The King Messiah will restore the kingdom of David to its former glory, restore the Temple and the sacrificial worship, and gather in the dispersed Israelites.” [Nicholas de Lange, *Introduction to Judaism* (Cambridge: Cambridge University Press, 2002), 203].

resposta afirmativa a Deus através da vivência do Reino como um eixo crucial na vida da pessoa e na vida da comunidade.⁴³ Jesus está sincronizado com toda a tradição bíblica que fala de um Deus que se revela na história oferecendo um projeto de salvação para a humanidade. Deus aproxima-se da humanidade com uma oferta de vida nova. A iminência do Reino é a iminência da promessa da graça e do perdão como advento do Reino. Deus é a realidade preeminente e soberana que constitui o Reino e que alastra até à pessoa de Jesus. O cumprimento da promessa do Reino interfere com a pessoa de Jesus no valor salvífico da cruz, porque esta entrega de Jesus leva à proximidade do Reino a humanidade, enquanto cumprimento do compromisso / sacrifício maior de Jesus na cruz. Este não assumiu o protagonismo, mas o destaque da mensagem do Reino.

Toda a argumentação sobre o Reino no AT remete para as condições de possibilidade do próprio Reino, nomeadamente através da fé e da confiança na aliança e pela espera da salvação no cumprimento da lei.⁴⁴ O que é próprio e específico do Reino de Deus é a solidariedade divina com a humanidade pobre e pecadora e o facto de Jesus ser o emissário deste destino de felicidade e de realização humana. Jesus, o delegado de Deus, dá a conhecer o Reino pelas suas palavras, pelos gestos de perdão, de compaixão e de aceitação, e autentica esta aliança com a morte, que nos faz já participantes da promessa de salvação, mas não integralmente para já.

⁴³ “El Reino de Dios llega a la vida del hombre, cuando Dios llega a ser definitivamente real para él, por el acogimiento de la palabra de Jesús y el consentimiento al amor ofrecido. El Reino es lo que le acontece a un hombre cuando se integra a Cristo, se deja animar por su dinamismo, responde a sus exigencias y vive ante Dios como él.” [Olegario Gonzalez de Cardedal, *Cristologia* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001), 52].

⁴⁴ “El Reinado de Dios, logicamente, una respuesta por parte del hombre: la conversión, hacer de la afirmación histórica de Dios y de su proyecto de humanización el valor supremo, el eje vertebrador de la vida personal y colectiva. (...) El Dios de Jesús es un Dios de vida, que se manifiesta devolviendo su rostro humano a la sociedad; y la sociedad se transforma y humaniza en la medida en que se acerca al Dios verdadero”. [Olegario Gonzalez de Cardedal, et al., *Salvador del mundo: Historia y actualidad de Jesucristo. Cristologia Fundamental* (Salamanca: Secretariado Trinitario, 1997), 67].

2.1 O anúncio do Reino de Deus

Igualmente importante como a figura de Jesus, foi a sua própria mensagem. A notícia que Jesus difundiu, quer pelo testemunho vivido, quer pelo testemunho proclamado, não é mais que o anúncio do Reino de Deus. O sinal que esteve em toda a sua pregação foi a novidade do Reino. A realidade que deu sentido a toda a sua atividade foi o Reino. O tema central do NT aplica-se a Jesus e ao anúncio do Reino. Todo o envolvente não nuclear a Jesus Cristo e ao Reino torna-se acessório, no sentido em que, sem a centralidade ou sem o ponto de referência fulcral, tudo é dispensável ou secundário. Há uma miríade de referências bíblicas ao Reino de Deus no NT, no entanto, elencaria como momentos chave os episódios em que Jesus revela o Reino (Mc 4, 11-12 e Mt 11, 25-26); Jesus aquele que inicia o Reino (Mt 4, 11-12); Jesus o Mediador do Reino (Mc 2, 18-19) e Jesus que encaminha o Reino de Deus até à humanidade (Mt 4, 17).

Um filão bíblico que incide sobre o Reino de Deus é o conjunto de parábolas presente no Evangelho de Mateus, nomeadamente as parábolas do semeador (Mt 13, 1-9), do trigo e do joio (Mt 13, 24-30), do grão de mostarda (Mt 13, 31-32), do fermento (Mt 13, 33), do tesouro escondido (Mt 13, 44-45) e da rede (Mt 13, 47-51). As parábolas referenciadas atrás não esgotam as passagens bíblicas que abordam o Reino de Deus, nem as restantes referências, quer do AT, quer do NT, que incidem sobre o mistério do Reino.

Acerca da parábola do semeador, Mateus apresenta uma reflexão sobre a postura que o ouvinte poderá adotar: ou a incredulidade ou a cooperação. Esta parábola é explícita quanto a este processo de cooperação na imagem da semente lançada e frutificada em boa terra, porque o privilégio de compreender a parábola é providenciado pela graça de Deus. Sem a graça de Deus esta adesão fica contaminada por ameaças exteriores, os “espinhos” que

sufocam e não permitem a frutificação. A postura da incredibilidade ou da não aceitação é a consequência da falta de simpatia do coração, uma cegueira que afeta a alma. Esta parábola do semeador incide sobre a sementeira efetuada pelo semeador (Deus), através da pregação da Palavra. As sementes eclodem na ausência do semeador. As atitudes à palavra de Deus variam entre a aceitação ou o repúdio, tal como a semente cresce e dá bom fruto, ou esta se perde no terreno da incredulidade.

A ação da parábola do trigo e o joio também acontece na ausência do semeador (Deus) e, ainda que pareça difícil distinguir de maneira absoluta os que são salvos ou os que estão perdidos, só no fim dos tempos – o fim da sementeira – é que Deus ajuizará escatologicamente. O terreno da sementeira poderia associar-se à comunidade eclesial onde há bons e maus cristãos e o juízo escatológico pertence a Deus, relativamente à separação entre o trigo e o joio, entre os justificados e os condenados.

As parábolas do grão de mostarda e do fermento apontam para o contraste entre a pequenez aparente do Reino no presente e a grandeza do Reino no fim dos tempos. Na pequena semente do Reino já presente está ainda por revelar a magnitude futura. A pregação do Reino através da Igreja promove o crescimento do cristianismo.

As parábolas do tesouro escondido e da pérola apresentam a dinâmica da alegria alcançada pela graça recebida. Há um otimismo que desponta perante o contraditório da incredibilidade no Reino de Deus. A comunidade eclesial, formada pelos que aceitam Jesus como senhor e salvador, constitui em si mesma um tesouro escondido.

A parábola da rede exorta à paciência, tal como, acontece na parábola do trigo e do joio. A espera das redes durante a faina assemelha-se ao tempo da pregação do Reino que findará com a separação dos justos e dos injustos. Ao ouvinte cabe a tarefa de interpretar e descobrir o significado de cada uma e a respetiva escolha inerente. As parábolas são uma

espécie de convite simples para o Reino. A escolha é sempre um “sim” ou um “não” ao projeto de Deus para a humanidade.

O capítulo 13 do Evangelho de Mateus é endereçado aos judeus que rejeitaram as palavras dos profetas e do próprio Jesus (Mt 13, 10-15). Por outro lado, aqueles que o ouvirem e o seguirem receberão em abundância (Mt 13, 12). O Reino na forma do reino de David não é o mesmo conceito ou modelo de que Jesus fala. Jesus refere-se a outro tipo de Reino no qual virá, mas que ainda não se proporciona totalmente na atualidade. Jesus fala de um Reino que se manifesta ainda antes da instauração definitiva do Rei do Reino de Deus. As narrativas das parábolas evidenciam e clarificam o que é fundamental do Reino de Deus. Este mesmo Reino de Deus, dom gratuito e universal é dirigido à humanidade, e a cada um e a cada uma. A resposta a esta mesma vocação é dada com confiança e afeta tudo o que foi criado na sua plenitude. A aceitação do convite a entrar no Reino não está imiscuída de uma estrutura humana por si só, mas é a iniciativa misericordiosa de Deus que quer arrebatá-lo e ser humano, dando-lhe a possibilidade de gerar uma resposta adequada para o encontro com Deus. O que quer salvar dá a mão; aquele que quer ser salvo também tem de esticar a mão para ser justificado.

As parábolas acima referidas acentuam o carácter da conversão e da decisão pelo Reino. A “decisão” requer uma cisão entre o que é do Reino e o que não é. A raiz etimológica do verbo “decidir” provém de *decido, -ere* e significa “separar” ou “cortar”. Portanto, aquele que se decide pelo Reino de Deus corta com o que não pertence ao Reino e assim surge a escolha da decisão que orienta até Deus. As parábolas não formam um corpo doutrinal ou dogmático rígido, mas adaptam-se a qualquer circunstância, a qualquer pessoa e a qualquer tempo, garantindo uma validade e uma atualidade em qualquer época ou em qualquer circunstância cultural ou pessoal. As parábolas não versam unicamente o Reino de Deus,

mas o próprio Jesus Cristo, porta do Reino. Jesus, mensageiro do Reino, faz também parte do Reino, no sentido em que “Ninguém vem ao pai, se não por Mim”⁴⁵.

A mensagem das parábolas torna concreto como Jesus se relaciona com Deus e o envolve na sua vida e leva a entender melhor a presença salvadora de Deus em Jesus e a presença salvadora de Jesus no Mundo. A fidelidade de Jesus ao Reino de Deus está também patenteada nas parábolas, porque a conduta de Jesus torna real a mensagem das parábolas. A salvação oferecida, isto é, o convite a entrar no Reino, nunca acontece se a conversão não ocorrer em primeiro lugar.

O arrependimento que implica a cisão com o que não é bom, torna-se essencial para a vida nova em Jesus e para a vida nova no Reino. É por Jesus e pelos exemplos (parábolas) que ele deixou que a relação com Deus acontece. A entrada no Reino não se dá se não houver uma conversão, um “refazer” da nova vida que descontinuou com o que não era de Deus, e uma escolha do que coloca em relação com Deus. As parábolas permitem sempre uma escolha, oferecem sempre um caminho que leva ao encontro com Jesus e outro que conduz à rejeição. O encontro ou desencontro com Jesus são também o encontro ou desencontro com o Reino.

A parábola, em forma de ensinamento pedagógico, leva uma reação do ouvinte: ou acontece a vinculação a Jesus e ao Reino de Deus e o que isso acarreta e implica para a vida das pessoas, ou leva a uma indiferença em relação à pessoa de Jesus e ao caminho que leva ao Pai. A parábola provoca sempre uma escolha entre a conversão e a inação. Uma outra observação pedagógica sobre as parábolas é que, como mostram as situações quotidianas e

⁴⁵ Jo 14, 6

rurais próprias das comunidades do tempo de Jesus, facilita ao ouvinte a compreensão da mensagem inerente à parábola através do quotidiano que ele bem conhece.⁴⁶

2.2 A edificação da igreja, comunidade de crentes no ressuscitado

Neste capítulo pretende-se elucidar qual foi o momento em que a igreja começou a ser uma realidade plena de sentido, enquanto comunidade identificada na pessoa de Jesus e até porque o testemunho pela “confissão de fé dos discípulos de Jesus Cristo nasce de uma Igreja peregrina, enviada em missão.”⁴⁷ Com a morte e a ressurreição de Jesus nada se manteve igual. A mudança acontece ao nível do cumprimento da Promessa de Deus para a humanidade pelo acontecimento salvífico de Jesus. Todas as testemunhas que vivenciaram de perto o Filho de Deus, foram testemunhas do anúncio do Reino de Deus e testemunhas do início da implementação desse mesmo Reino junto da humanidade. Os que o ouviram, os que o acompanharam no ministério público e os que o reconheceram como o Ressuscitado, formam a comunidade dos seguidores de Jesus.

As testemunhas de si mesmo e que Ele envia com a missão de anunciar formam a primeira célula eclesial, a semente lançada que germinará (Mc 1, 16-20). A escolha de algumas pessoas e o envio destas em missão são a igreja edificada (Mc 3, 13-19). Quando Jesus enviou os apóstolos a difundir o Reino, não os enviou de forma solitária, mas sim providos do Espírito Santo. A Igreja primitiva não foi constituída somente pela associação

⁴⁶ Na parábola do semeador (Mt 13, 1-9), Jesus usou a imagem do semeador que semeia e espera pacientemente o crescimento e a colheita. A semente é a Palavra lançada e quem semeia é Jesus ou aquele que anuncia Jesus. O desabrochar da semente é o crescimento da fé nas pessoas. A semente que morre e gera uma nova vida é a conversão à vida nova, porque só renasce algo que morre de antemão. O semeador lança a semente e espera acompanhando o crescimento que é o acompanhamento do Espírito Santo.

⁴⁷ Congregação para o Clero, *Diretório Geral para a Catequese* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1998), n° 107, 98.

dos apóstolos em missão de anúncio do ressuscitado, mas sim por todos aqueles que o aceitaram e, de alguma forma, testemunharam Jesus ao seu redor.

O livro dos Atos dos Apóstolos constitui um manancial de descoberta da comunidade eclesial unida pela mesma adesão a Jesus (At 2, 41). Quem inicialmente recebeu a Palavra formava a igreja, comunidade dos que receberam e partilharam o “ensino dos Apóstolos, a união fraternal com Jesus, a fração do pão e a oração” (At 2, 42). No Evangelho de Lucas a pertença à comunidade da Igreja é caracterizada pelos que receberam o Espírito (Lc 24, 49) e em São Paulo pelos que são membros do corpo (eclesial) onde Jesus é a Cabeça (1Cor 12, 27). Os sacramentos acompanham a vida da igreja, mas o sacramento eucarístico é especial no que respeita à participação eclesial, ou seja, a eucaristia é o sacramento do seu Corpo (Eucaristia) para o seu Corpo (Igreja).

Jesus esteve sempre relacionado a algum tipo de comunidade: ou inserido na família de Nazaré ou agregado ao grupo dos apóstolos e dos discípulos. A característica da relação sempre foi uma constante na vida de Jesus. Esta está presente na vida da igreja desde a sua edificação, ou seja, o envio das testemunhas do Ressuscitado para o anúncio do Reino de Deus constitui o horizonte de “missão visível segundo a fórmula: o Pai enviou o Filho, o Filho enviou os Apóstolos.”⁴⁸ Uma primeira comunidade eclesial originária foi o grupo dos seguidores de Jesus que o anunciaram e que provocaram a origem de novas comunidades eclesiais. Um primeiro pressuposto de pertença à comunidade eclesial dos seguidores de Jesus era a crença no próprio Jesus. Os primeiros cristãos eram aqueles que acreditavam em Jesus e constituíam um grupo denominado pelo título messiânico da universalidade, ou seja, os “cristãos”.

⁴⁸ António Sílvio Couto, “A Igreja peregrina à luz da Trindade na eclesiologia de Yves Congar,” *Didaskalia* 34 (2004):156.

A partir de At 2, 41 pode verificar-se que a pertença ao grupo dos cristãos era proporcionada pela crença em Jesus, porque aqueles que acreditavam eram incorporados numa comunidade de crentes. Crer em Jesus era o mesmo que pertencer à comunidade reunida pela Palavra de Jesus, o conteúdo vivencial e o objeto de fé dos crentes. Pertencer à comunidade dos crentes ou ser igreja equivalia ao mesmo e daqui procede a característica da igreja em ser fonte de fé para o crente. Quem acreditava em Jesus, pertencia à comunidade que por si só, por estar inserido na igreja, era já uma condição de possibilidade real da fé em Jesus. Aquele que pertencesse à comunidade dos que acreditavam em Jesus, já era igreja. A integração na igreja constituía uma relação com o próprio Jesus e com a comunidade que se reúne, que se congrega e que celebra o Jesus ressuscitado pela eucaristia. O singular da igreja é que a pertença à comunidade⁴⁹ já é, por si só, uma condição da possibilidade da fé em Jesus. A edificação da igreja na sua célula viva mais primitiva não ocorreu pela congregação espontânea de um grupo de pessoas à volta de Jesus por um fator de adesão em massa a um ideal genérico, mas este alicerce eclesiológico tem a particularidade maior de ter sido eleito e escolhido por Jesus. O chamamento direto de Jesus aos que constituíam o grupo dos primeiros seguidores resultou na comunidade eclesiológica inicial.⁵⁰

À comunidade primordial dos seguidores de Jesus aplica-se a designação “ekklesia”.⁵¹ Esta designação foi construída no tempo no sentido de se aplicar ao conjunto dos seguidores de Jesus um nome que os distinguisse das demais denominações religiosas à época. O grupo dos seguidores de Jesus, a “ekklesia”, era a associação que reunia três características

⁴⁹ “Além disso, o Batismo é o sacramento pelo qual os homens se tornam membros do corpo da Igreja, edificados uns com os outros em morada de Deus no Espírito,¹¹ e em sacerdócio real e povo santo; é também o vínculo sacramental da unidade que existe entre todos os que são assinalados por ele.” [Conferência Episcopal Portuguesa, *Celebração do Batismo das crianças* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999), nº 4, 11].

⁵⁰ Olegario Gonzalez de Cardenal, *Fundamentos de Cristologia II*, (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006), 259.

⁵¹ *Ibid.*, 152-153.

específicas: primeiro, uma assembleia que celebrava Jesus (1Cor 11,18), segundo, pertença a um lugar determinado (1 Cor 16,1) e, em terceiro, a designação universal de todos os grupos dos seguidores de Jesus na sua totalidade / universalidade (1 Cor 15,9). Estes três âmbitos eclesiológicos entrelaçam-se na medida em que se referem ao povo convocado e agregado por Deus na pessoa de Jesus.⁵²

As comunidades messiânicas já são uma congregação de pessoas reunidas pelo anúncio do Evangelho e pelo kerigma, proclamação das primeiras testemunhas recentes do Ressuscitado e, portanto, testemunhas do acontecimento recente da ressurreição⁵³. A igreja, na sua forma mais primitiva e mais elementar, estava alicerçada em quatro sustentáculos principais, não obstante a inferência divina na sua instituição. Estes quatro pilares que fundam a igreja são o “kerigma”, a “koinonia”, a “fração do pão” e a “oração”.⁵⁴ Para além da relação com Deus, a igreja é também instância relacional com os seus membros. Ambas as relações se implicam e nenhuma sobrevive sem a outra. É no plano horizontal, na relação com os membros, que surgem as notas fundantes do “kerigma”, da “koinonia”, da “fração do pão” e da “oração”, porque estes elementos brotam da igreja no seu contexto comunitário.

O “kerigma” é o anúncio da comunidade eclesial primitiva em relação à pessoa de Jesus, assente no testemunho dos apóstolos e transmitido vivencialmente pela comunidade como uma pedagogia do exemplo a partir da vida de Jesus. A partir da citação bíblica “Eram assíduos ao ensino dos apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2, 42) verifica-se que a nova comunidade cristã estava centralizada e congregada na pessoa de Jesus e era atualizada pelo ensinamento dos apóstolos. A razão para a continuidade do anúncio de Jesus era a sua vida, a sua morte e a sua ressurreição, na medida em que esses acontecimentos

⁵² Eloy Bueno de la Fuente, *Eclesiología* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998), 38.

⁵³ *Ibid.*, 53.

⁵⁴ At 2, 44-46.

se propagam pela missão de anúncio dos apóstolos e da comunidade cristã primitiva abonada por Jesus. É a comunidade cristã primitiva que evangeliza e é evangelizada, simultaneamente.

A “koinonia”, relacionada com o “kerigma” apostólico, é a comunhão que a comunidade cristã primitiva revelava na partilha dos bens e na partilha do pão. A igreja edificada por Jesus não ficou abstraída do mesmo espírito de comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A relação na comunidade trinitária está também presente na comunidade que Jesus deixou. A partilha dos bens foi uma realidade identitária da comunidade original (At, 2, 44-45). Esta partilha de bens pela comunidade não se cingia a uma simples doação de bens, mas a uma partilha de si mesmos em prol do exemplo pedagógico de Jesus na primeira das Bem-aventuranças (Lc 6, 20).

A “fração do pão” sugere imediatamente uma ideia de partilha em comunidade. Partilhar o pão não é mais que o gesto comunitário da memória da Última Ceia, uma pedagogia de Jesus repetida pela comunidade com o efeito de memória e atualização do acontecimento fundante. Atualizar ou recordar a Última Ceia era uma espécie de encontro com o ressuscitado, na medida em que se obedece ao pedido de Jesus “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22, 20). O acontecimento eucarístico foi a forma de a igreja primitiva seguir o exemplo e celebrar o Jesus ressuscitado, como que uma operacionalização da pedagogia do encontro proposta por Jesus.⁵⁵

⁵⁵ “La fracción del pan es el lugar por antonomasia para el encuentro con el Resucitado. La existencia cristiana, como memoria agradecida a la vida histórica de Jesús e identificación con el Resucitado, se constituyó por medio del bautismo y de la eucaristía. El bautismo inserta a cada hombre en el destino de muerte y resurrección de Jesús, de tal forma que Dios actuará en él como actuó con Cristo y participando en su muerte participaremos en una vida nueva (Rom 6,4-5). Si el bautismo opera una identificación con el destino de Cristo, la eucaristía nos hace partícipes de los frutos salvíficos de su obra, a la vez que nos inserta en su cuerpo, la Iglesia, haciéndonos posible la revelación y comunión con su persona.” [Olegario Gonzalez de Cardedal, *Cristologia*, (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001), 152-153].

A “oração”, enquanto alicerce da comunidade eclesial primitiva, está correlacionada com o momento da “fração do pão”. A comunidade cristã não só repetia e atualizava a eucaristia / fração do pão, mas também a oração de Jesus. A prática da oração em comunidade era já um sinal de igreja comunitária que testemunhava o Ressuscitado. A oração era já um costume antigo no povo judeu, não obstante o ordenamento ritual judaico que propunha um culto sabático formal no templo (Lv 23, 1-3) e a prática diária da oração pessoal e familiar, até porque “a oração tem um lugar indiscutível na piedade do povo, tem normas bem estabelecidas e os homens são formados na oração desde os primeiros anos”.⁵⁶ Jesus foi iniciado no seio da religião judaica e esta pertença pressupunha uma formação religiosa e a prática da oração (Mt 14, 19; Mc 6, 41), a ida à sinagoga e ao templo (Lc 4, 16), a aprendizagem da lei e os ritos de iniciação (Lc 2, 41-43). A comunidade eclesial dos seguidores de Jesus conservou a mesma prática de Jesus ao nível da oração, porque “tanto a oração de Jesus como a da comunidade primitiva se situam na linha da tradição litúrgica”.⁵⁷ Estes dois últimos alicerces eclesiais são a visível expressão comunitária da fé em Jesus.

Estas quatro notas constitutivas da primitiva comunidade eclesial representam as dimensões essenciais da vida da igreja. São pontos de referência pedagógica para o que é ser igreja e são prova da unidade da igreja, ou seja, são os princípios fundantes que estruturaram a comunidade cristã primitiva.

⁵⁶ Joachim Jeremias, *Abba. El mensaje central del Nuevo Testamento*, (Salamanca: Sígueme, 2005), 76.

⁵⁷ *Ibid.*, 86.

2.3 A igreja, lugar da presença de Jesus e templo do Espírito Santo

Uma primeira nota acerca da igreja como o lugar por excelência da presença de Jesus ocorre da eleição das pessoas de uma pequena comunidade que Jesus escolheu para continuarem o anúncio do Reino de Deus. Esta comunidade de cristãos é o conjunto das primeiras testemunhas do ressuscitado e são os primeiros convidados para anunciar Jesus a todos quantos não o conhecem. O envio é uma realidade presente desde os primórdios da igreja. Esta escolha dos discípulos e o envio destes pelo mundo é a raiz fundante da igreja. A presença de Jesus na igreja acontece desde este momento que é pioneiro na vida da igreja.⁵⁸ A eleição e o envio dos apóstolos ocorreram após a Morte e a Ressurreição de Jesus, porque foi após o Pentecostes (At 2, 2-4), a descida do Espírito Santo, que se deu início ao anúncio de Jesus, a missão da igreja.

A igreja é sinal de Jesus e é já presença de Jesus, porque ser formada pelo conjunto dos que o anunciam, o aceitam, o celebram e o exemplificam. Há uma vinculação entre a comunidade fundada por Cristo e o Jesus ressuscitado. Este vínculo mantém-se na história pelo acompanhamento do Espírito Santo. A Igreja é a comunidade humana chamada à santidade e se esta não fosse instituída e acompanhada divinamente não passaria de uma estrutura social temporária, fadada a desaparecer. A Igreja é a comunidade orientada para o Reino e difere de qualquer associação religiosa ou de índole similar que não tivesse sido realmente fundada por Jesus Cristo.

⁵⁸ “Jesús puso en marcha un movimiento de «seguidores» que se encargaran de anunciar y promover su proyecto del «reino de Dios». De ahí proviene la Iglesia de Jesús”. Por eso, nada hay más decisivo para nosotros que reactivar una y otra vez dentro de la Iglesia el seguimiento fiel a su persona. El seguimiento a Jesús es lo único que nos hace cristianos. (...) Esta decisión lo cambia todo. Es como empezar a vivir de manera diferente la fe, la vida y la realidad de cada día. Encontrar, por fin, el eje, la verdad, la razón de vivir, el camino.” [José Antonio Pagola, *Jesús. Aproximación histórica*. (Madrid: PPC Editorial, 2007), 462].

Uma imagem da relação entre a Igreja e Jesus é-nos dada por São Paulo quando enuncia a Igreja como Corpo de Cristo; a Cabeça é o próprio Jesus e os membros são os crentes (1Cor 12, 12-14). O fundamento do Corpo de Cristo (Igreja) provém desde a eucaristia, porque a igreja e a eucaristia estão interligadas (1Cor 10, 17). A edificação da Igreja é a edificação do lugar da presença de Cristo. A Igreja é o horizonte de relação entre Deus e a humanidade fundado por Jesus Cristo revelado na história. Jesus restabeleceu definitivamente a relação entre Deus e a humanidade pelo acontecimento pascal (Hb 12, 24) e a ação da Igreja é o anúncio do acontecimento pascal.⁵⁹

A igreja entende-se como um dinamismo que tende à comunhão plena de todos os membros com Deus Pai. Este esforço para a plenitude é acompanhado pelo Espírito Santo que assiste e auxilia a união pessoal com Jesus, tendo como finalidade a comunhão plena através do serviço à própria Igreja, enquanto exercício do amor ao próximo (Jo 15, 4-5). A presença de Jesus na Igreja acontece pelo Espírito Santo. A expressão “Igreja, templo do Espírito Santo” indica a casa onde “habita” o Espírito Santo. Esta Igreja é a comunidade animada pelo Espírito Santo (1Cor 3, 16). Todos os processos que renovam a Igreja e a revitalizam são devidos à componente divina do Espírito Santo presente na Igreja (Jo 3, 8).

A Igreja, presença de Jesus e templo do Espírito Santo, é também lugar onde ocorrem os dons salvíficos, nomeadamente no que respeita à Revelação e à transmissão a toda a humanidade, aos dons do Espírito Santos e ao dom dos sacramentos.⁶⁰ A Igreja recebe,

⁵⁹ “Lo que se realizó en la existencia terrena de Jesús, se hizo claro por la pascua ahora se concreta expresamente en la profesión de fe. Porque el centro del mensaje pascual lo forman proposiciones de identidad: el Resucitado es el Crucificado y el Crucificado es el Resucitado. (...) Por Jesús se interpreta qué y quién es el hijo de Dios. La razón real de esa mutación radica en el contenido del mensaje pascual. Este dice que el Crucificado vive -ahora total y unicamente de la fuerza de la fidelidad creadora de Dios en la gloria de éste. La identidad entre el Crucificado y el Resucitado no se funda, pues, en el sustrato constante de la naturaleza humana, sino sólo en la fidelidad creadora de Dios.” [Walter Kasper, *Jesús, El Cristo* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1978), 273].

⁶⁰ Olegario Gonzalez de Cardenal, *El Quehacer de la Teología* (Salamanca: Biblioteca de Autores Cristianos, 2008), 402.

conserva e transmite a Revelação, enquanto tarefa orientada para a Salvação. Esta tarefa não se resume a um débito de palavras e textos alusivos à pessoa de Jesus, mas à transmissão através do anúncio e da vivência do que é anunciado (Rm 10, 14-15), um “pôr em prática” da pedagogia de Jesus. A comunidade eclesial tem a responsabilidade de atualizar e adaptar à humanidade a mensagem do Evangelho. Os dons salvíficos do Espírito Santo, nomeadamente os dons da Sabedoria, da Inteligência, do Conselho, da Fortaleza, da Ciência, da Piedade e do Temor de Deus, são dons propiciados aos membros incorporados na Igreja e permitem aperfeiçoar as virtudes humanas. A presença dos dons é a presença do Espírito Santo e é presença, também, da Igreja. Os sacramentos são sinais através dos quais a Igreja opera o desígnio da Salvação de Deus para a Humanidade.

II. O ACOLHIMENTO E O PERDÃO: MODELOS DA PEDAGOGIA DE JESUS

1. A pedagogia de Jesus Cristo: acolhimento e perdão

Etimologicamente, pedagogia provém de “paidagógos” e significava originalmente o escravo que acompanhava a criança à escola.⁶¹ Posteriormente é que se generalizou este papel associado ao professor encarregue do ensino. Numa aceção geral e resumida a pedagogia é a ciência da educação e do processo de ensino e de aprendizagem. Sem divagar pelas várias concepções académicas de pedagogia que surgiram ao longo da história, considerar-se-á a pedagogia como o acompanhamento feito no ensino para que aqueles que são ensinados se realizem plenamente como pessoas.

Ainda que Jesus não seja um mestre pedagogo no rol dos nomes maiores da pedagogia académica, não deixa de ser o Mestre, por excelência, do ensino que se ocupa do encontro e da relação da humanidade com Deus. Todos os ensinamentos de Jesus tiveram o propósito de já construir o Reino de Deus no mundo e de alicerçar o horizonte relacional da vida humana em plenitude com Deus e com os irmãos. A pedagogia de Jesus era o ensino pela palavra e pelo exemplo de si e visava formar os cristãos, aqueles que seguiam Jesus em comunidade, comprometidos e responsáveis na construção de uma nova sociedade fundada nos valores evangélicos. A intenção de Jesus não era educar um grupo seletivo de pessoas ou um único povo em particular, mas dirigia-se universalmente à Humanidade, destinatária do Reino de Deus e, ainda, sem a interferência de pretensões exclusivistas de pertença a um povo em particular.

⁶¹ *Online Etymology Dictionary*, “pedagogue”, https://www.etymonline.com/word/pedagogue?ref=etymonline_crossreference (acedido a 27 de junho de 2019).

Jesus dirige-se aos herdeiros do Reino e promove a transformação da sociedade e da mentalidade no intuito de estabelecer no mundo o Reino e a fraternidade universal entre todos. O Sermão da Montanha (Mt 5, 1-12) é um texto pedagógico no qual não se ensina exatamente qual o sentido único do agir cristão, nem pretende ser um manual das ações concretas, mas inspira para os valores e para o fim último dentro da amplitude da ação humana.⁶²

Jesus aponta para o agir em conformidade com o Evangelho em vez de propor um receituário de ações humanas isoladas. A pedagogia de Jesus, a partir do Sermão da Montanha, por exemplo, é a pedagogia do acompanhamento no caminho da humanidade para Deus, um “dar a mão” à pessoa para que esta faça o seu caminho para o Pai. Antes de predicar o Sermão da Montanha, Jesus foi o primeiro a vivê-lo: “o seu ensino sobre a «nova justiça» apoiava-se na sua própria experiência de relação com o seu Pai e com os demais seres humanos.”⁶³ Este ensino de Jesus não se baseia no clássico modelo tradicional do professor que transmite conteúdos da melhor forma que sabe, mas pretende levar a humanidade ao Pai em sentido vertical, e, neste sentido ascendente, Jesus acompanha, “de mão dada”, a humanidade e cada um pessoalmente no caminho até ao Reino.⁶⁴

⁶² “Esas “cosas de Dios”, que van más allá del dinero y de la espada, no son puros ideales superiores (que dejan las realidades inferiores como estaban), sino que penetran en el nivel de la economía (denario) y en el plano de la violencia (espada), como indica de forma ejemplar el Sermón de la Montaña (Mt 5-7; Lc 6, 20-46). Esas “cosas” definen la identidad del proyecto cristiano y lo sitúan en un espacio de gratuidad personal, desbordando el plano del talión, como sabe Mt 5, 21-48: “habéis oído que se ha dicho; yo, en cambio, os digo (...)” [Xabier Pikaza, *Hijo de Hombre Historia de Jesús Galileo* (València: Editorial Tirant lo Blanch, 2007), 221].

⁶³ “La predicación jesuánica del reino de Dios es un juicio implícito sobre la situación presente y una llamada a la conversión. Jesús y su Dios son radicales, contraculturales y subversivos. ¿Está Dios, el padre de Jesús, al lado de los oprimidos y los desvalidos? Sí, Dios es el protector del pobre. Esto resulta evidente de inmediato y negativamente en el hecho de que sería un error manifiesto suponer que Jesús pudiera estar al lado de los ricos, los poderosos e influyentes. Y, como un padre, Dios no se mantiene ciertamente al margen, ni mira con neutralidad cuando alguien más fuerte actúa brutalmente contra sus hijos. El Dios de Jesús es el Dios de la justicia y del juicio contra la injusticia porque es un Dios de amor.” [Marcel Dumais, *El Sermón de la montaña - Mateo 5-7* (Estella: Editorial Verbo Divino, 1998), 69].

⁶⁴ Roger Haight, *Jesús, símbolo de Dios* (Madrid: Editorial Trotta, 1999), 133.

O acolhimento e o perdão são os modelos existenciais da pedagogia de Jesus. “Acolher”, do termo latino “*accolligere*”, significa “dar as boas vindas”, “receber”, “acomodar”. “Perdoar”, do termo latino “*perdonare*” (*per* + *donare*) significa “dar”, “oferecer algo gratuitamente”. O perdão não é mais que querer o bem gratuitamente a alguém que prejudicou, sem ressentimento. Associar Jesus, aquele que acolhe, ao acolhimento é vincular o amor de Jesus pelos desfavorecidos. A inclusão que Jesus vivia com a sua vida não se identifica unicamente com a integração ou a inclusão, entendida nos moldes atuais, como dar melhores condições sociais e de vida. Jesus optou pela inclusão no coração. Jesus ia ao encontro, acolhia, amava e ensinava pelo exemplo, até porque “não há caminho cristão sem o acolhimento / escuta atenta da Palavra de Deus. Começa aí a hospitalidade cristã e a construção da identidade de qualquer cristão e de qualquer comunidade crente.”⁶⁵ A eleição dos fracos como os primeiros merecedores do Reino de Deus é uma viragem antropológica e teológica, no sentido em que Jesus amava os rejeitados pela sociedade do seu tempo, invertendo a lógica da justiça, e acomodando pela lei do amor e pela realização plena da humanidade dirigida ao Pai: “«Aí estão minha mãe e meus irmãos. Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe.»” (Mc 3, 35).

O “perdão” acompanha o acolhimento na mesma linha existencial que constitui o caminho até ao Pai através de Jesus. O perdão, enquanto ato de amor de si mesmo para o outro, é um instrumento de cura e de reparação. O perdão livra da vingança ao que perdoa e limpa a culpa do perdoado. Cada ato de perdão imita o perdão de Jesus, no sentido em que descobrimos a vocação à santidade e o caminho para Deus. Há vários episódios bíblicos alusivos ao perdão, nomeadamente o episódio da Samaritana (Lc 7, 36-50), a parábola do Servo impiedoso (Mt 18, 21-35) e a oração do Pai Nosso (Mt 6, 9-13). O perdão percorre a

⁶⁵ João Alberto Sousa Correia, “A hospitalidade na construção da identidade cristã. Uma leitura de Lc 24, 13-35 em chave narrativa.” *Theologica*, 49, 1, (2014): 116.

bíblia desde o livro do Génesis até ao livro do Apocalipse, enquanto restauração operada relativamente à queda e à falta do ser humano.

O perdão no AT está associado a Deus, especificamente no livro do Êxodo (34, 6-8) após o pecado da idolatria na figura do bezerro de ouro. O perdão acompanha o castigo, porque a remissão da culpa no pecador era operada por Deus em troca de um sacrifício. Ainda no AT é de referir o culto judaico como fonte de perdão através dos sacrifícios no templo. Este modelo de perdão no AT é já um avanço ao princípio de justiça retaliativa da lei de Talião (Lv 24, 19-20). A oferta da possibilidade do perdão de Deus em troca de um sacrifício no templo já implicava uma noção de Deus como justo e não como defensor de um regime de castigos diretamente proporcionais, ou ainda exagerados, ao crime cometido.

Há uma transição da justiça vingativa e retaliativa para a Lei de Moisés, um dom de Deus que possibilita a expiação dos pecados através dos sacrifícios no templo e do arrependimento. É ilustrativa a condenação penal apresentada em Lv 5, 5-7⁶⁶ relativa aos casos de culpa pela recusa de juramento, de culpa por alguém mexer em criatura impura ou por juramento irrefletido.

A lei de Talião (Lv 24, 10-13) era uma forma de justiça em que o crime e a pena eram recíprocos, havendo uma igualdade direta entre o mal cometido e a pena aplicada pela vítima ao culpado do delito.

No NT, a novidade do perdão de Jesus é a transição da lei de Moisés, em que a expiação dos pecados era satisfeita pelos sacrifícios, sempre que a lei (mosaica) era transgredida, para uma nova fonte de perdão que é a misericórdia de Deus. O que mudou

⁶⁶ “Quando alguém é culpado de um destes delitos, deve confessar em que pecou; depois, apresentará ao Senhor, como reparação pelo pecado que cometeu, uma fêmea de gado miúdo, uma ovelha ou uma cabra, em sacrifício pelo pecado; e o sacerdote fará por ele o rito da expiação do seu pecado. -Se não tiver meios para comprar uma ovelha ou uma cabra, oferecerá ao Senhor, em expiação do seu pecado, duas rolas ou duas pombas ainda novas: uma, como sacrifício pelo pecado, e outra, como holocausto”.

desde a lei de Moisés até Jesus foi a superação do templo, mecanismo de expiação dos pecados, até porque “prefiro a misericórdia ao sacrifício” (Mt 9, 13). Com Jesus, o perdão não era o pagamento de uma dívida como na lei antiga ou a vingança de Talião, mas era fruto da graça de Deus que liberta das estruturas de escravidão e põe a pessoa em comunhão com Deus.⁶⁷

A mesma aliança entre Deus e a humanidade, presente no contexto bíblico enfatiza a santidade e as condições reais de possibilidade para atingir a perfeição pela graça de Deus. O perdão, enquanto rejeição da idolatria e do egoísmo, é fonte de relação entre o Povo e Deus. O perdão leva à comunhão, à amizade e evita o mal. O mal na ação humana leva à quebra da relação, quer no plano de relação com Deus, quer no plano relacional humano e ambos em simultâneo. O egoísmo, por exemplo, substitui o Outro pelo Eu na relação humana, o que necessariamente substitui também o rosto de Deus no horizonte relacional humano. O perdão reabilita o olhar para a face do Outro, porque permite eliminar o pecado que ofuscava o Outro. O perdão redime o pecado e reconcilia a pessoa da sua culpa para a relação com Deus.

1.1 O episódio bíblico da pecadora arrependida (Lc 7, 36-50)

“³⁶Um fariseu convidou-o para comer consigo. Entrou em casa do fariseu, e pôs-se à mesa. ³⁷Ora certa mulher, conhecida naquela cidade como pecadora, ao saber que Ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. ³⁸Colocando-se por detrás dele e chorando, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas; enxugava-os com os cabelos e beijava-os, unguendo-os com perfume. ³⁹Vendo isto, o fariseu que o convidara disse para consigo: «Se este

⁶⁷ “Jesucristo es el nuevo propiciatorio o lugar de la presencia de Dios, que ya no se asperja desde fuera con sangre de animales, porque desde dentro su sangre, es decir, su libertad y persona, es el don de su perdón y de nuestra redención (Rom 3, 25).” [Olegario Gonzalez de Cardenal, *El Quehacer de la Teología* (Salamanca: Biblioteca de Autores Cristianos, 2008), 192].

homem fosse profeta, saberia quem é e de que espécie é a mulher que lhe está a tocar, porque é uma pecadora!»⁴⁰Então, Jesus disse-lhe: «Simão, tenho uma coisa para te dizer.» «Fala, Mestre» - respondeu ele.⁴¹«Um prestamista tinha dois devedores: um devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta.⁴²Não tendo eles com que pagar, perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?»⁴³Simão respondeu: «Aquele a quem perdoou mais, creio eu.» Jesus disse-lhe: «Julgaste bem.»⁴⁴E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: «Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; ela, porém, banhou-me os pés com as suas lágrimas e enxugou-os com os seus cabelos.⁴⁵Não me deste um ósculo; mas ela, desde que entrou, não deixou de beijar-me os pés.⁴⁶Não me ungieste a cabeça com óleo, e ela ungiu-me os pés com perfume.⁴⁷Por isso, digo-te que lhe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas àquele a quem pouco se perdoa pouco ama.»⁴⁸Depois, disse à mulher: «Os teus pecados estão perdoados.»⁴⁹Começaram, então, os convivas a dizer entre si: «Quem é este que até perdoa os pecados?»⁵⁰E Jesus disse à mulher: «A tua fé te salvou. Vai em paz.»»

Este episódio bíblico relata o convite dirigido a Jesus por parte de um fariseu para desfrutar de uma refeição em sua casa. Enquanto Jesus come, uma mulher conhecida por motivos que denegriam a sua imagem entrou na casa para lavar os pés de Jesus, secá-los com o seu cabelo e perfumá-los. Esta ação repentina da mulher provocou no fariseu uma atitude de descontentamento para com a mulher e uma atitude de surpresa para com o próprio convidado, Jesus. A atitude de aborrecimento foi provocada pelo aparecimento da mulher que, não sendo convidada, entrou e interagiu com um dos convidados. A mulher que tinha o passado do conhecimento de todos, certamente não era convidada para a casa de uma qualquer autoridade civil ou religiosa.⁶⁸ A mulher era desfavorecida pela sua reputação, o

⁶⁸ “A presença de convidados à mesa tinha também as suas regras e exigências: deviam ser dignos (respeitadores da Lei) e apresentar-se dignamente. Não admira que a comensalidade de Jesus com os publicanos e pecadores gerasse escândalo e suscitasse tantas reservas por parte dos fariseus (Mt 9, 10-11; Mc 2, 15-16; Lc 5, 29-30). A preocupação era sempre a mesma: evitar a cumplicidade com o pecado e a idolatria, assim como a contaminação que, nessas circunstâncias, a partilha da mesa poderia gerar. Superior a isso, Jesus ultrapassa as limitações da lei e, desse modo, persegue objetivos bem diversos.” [João Alberto Sousa Correia, “A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia (I).” *Theologica*, 43, 1 (2008), 201].

que era impedimento da hospitalidade e da inserção na sociedade. O repúdio à mulher era demonstrativo da sociedade do tempo de Jesus que a condenava e divergia o olhar sobre ela.

A vida desviada dos modelos propostos pela lei de Moisés estava guarnecida de culpa e de pecado. Mal este que só seria redimido sacrificialmente através de oferendas no templo. Após lavar os pés de Jesus, a mulher secou-os com o seu próprio cabelo, cobriu-os de beijos e perfumou-os.⁶⁹ Esta atitude pouco vulgar à época de sequer mostrar o cabelo solto e perfumar os pés é considerada como indigna pelo fariseu por serem gestos públicos e, a acontecerem, ocorriam na intimidade, mas Jesus alheou-se da posição do fariseu.⁷⁰

No v. 39 fica registado o desagrado do anfitrião perante Jesus ter permitido a ousadia da mulher. Para o fariseu, se Jesus era profeta enviado por Deus ao povo, teria de ter conhecimento prévio da situação negativa da mulher. Portanto, o desagrado acompanha a dúvida acerca de Jesus. Sem que Jesus tivesse proferido qualquer palavra, interpelou o fariseu e contou uma parábola na qual um prestamista surpreendentemente perdoa, por completo, a dívida ao devedor, entendendo-se como um momento escatológico em que Deus perdoa os pecados, ou seja, perdoa as “dívidas” geradas pelos pecados.⁷¹

Neste novo tempo do Reino proclamado por Jesus, é notável e surpreendente a prescindibilidade do sacrificio na redenção dos pecados. O fariseu deixou-se contagiar pelo egoísmo e pela falta de compreensão no que respeita à mulher e ao seu ato audaz. A atenção

⁶⁹ “No se trata de considerar toda la perícopa como una escena erótica, ya que la mujer llora”, pero se que se trata de una escena poco conveniente según los criterios de la época: esta criatura se introduce en un banquete (algo reservado a los hombres); trae un frasco de perfume que proviene de lo que se llama vida dissoluta; desata sus cabellos (lo cual, para la sensibilidad judía, tiene un efecto altamente erótico); besa los pies y realiza a la vista de todos un gesto que tiene que ver con la intimidad e incluso con las costumbres perversas: le unge los pies.” [François Bovon, *El Evangelio según San Lucas Lc 1-9*, I (Salamanca: Sígueme, 1995), 553].

⁷⁰ “Pero Jesús interpreta este comportamiento de manera distinta a los fariseos y no rechaza este gesto. Todos se llenan de indignación al ver que Jesús se deja «tocar» por una mujer de este género. Frente a estos gestos eróticos, Jesús rechaza los clichés de la época. Gracias a las lágrimas, percibe el verdadero sentido del mensaje oculto en esos gestos.” [*Ibid.*, 553].

⁷¹ “En la parábola y su aplicación todos los interpretes y muchos lectores han apreciado una extraña incoherencia, que podemos resumir así: ama mucho porque le han perdonado mucho (parábola) / se le ha perdonado mucho porque ha amado mucho.” [Luis Alonso Schökel, *Biblia del Peregrino, Nuevo Testamento*, III (Estella: Editorial Verbo Divino, 1997), 175].

de Jesus para com a pecadora foi um escândalo aos olhos do fariseu. De notar que o perdão de Jesus para com a pecadora foi antecedido pelo acolhimento quando ele deixa que lhe sejam lavados os pés.⁷² A vontade da pecadora em procurar Jesus e o seu acolhimento são contrários à medíocre atitude do fariseu, porque este somente se manteve vinculado à reputação da mulher, sem qualquer esperança na conversão desta. Jesus concluiu a parábola do prestamista com uma pergunta dirigida ao fariseu: «Qual deles o amará mais?» (v. 42). A resposta do fariseu foi evidente e óbvia: «Aquele a quem perdoou mais, creio eu» (v. 43).

Após a resposta do fariseu, Jesus explica a parábola e o que estava a acontecer no mesmo instante. Conciliou a parábola e a hospitalidade com que Jesus foi recebido em casa do fariseu e a forma com que a mulher foi julgada. A mulher, pecadora, desfavorecida, pedinte do perdão de Jesus e esquecida pela sociedade, foi a que recebeu o perdão, porque foram os gestos e a atitude de crença em Jesus que permitiram que fosse perdoada e salva: «A tua fé te salvou. Vai em paz» (v. 50). Este novo paradigma do perdão inaugurado por Jesus é elucidativo acerca da novidade e do escândalo provocado, até porque “pela lei do amor, trazida por Jesus, o encontro com Deus (no qual se manifesta e brota “o rito do amor”) concede o perdão total, salva a pessoa integralmente, levando a uma transformação de vida reconciliadora (cf. Lc 7, 50; 8,3; 19,8)”.⁷³

A estranheza dos outros convidados no perdão de Jesus é o resultado da antiga conceção do perdão, exclusiva de Deus e dependente dos sacrifícios no templo. O antigo

⁷² “Su perdón despierta la alegría y el agradecimiento en los pecadores, pues se sienten aceptados por Dios no por sus méritos, sino por la gran bondad del Padre del cielo. Los «perfectos» reaccionan de manera diferente: no se sienten pecadores ni tampoco perdonados. No necesitan de la misericordia de Dios. El mensaje de Jesús los deja indiferentes. Esta prostituta, por el contrario, conmovida por el perdón de Dios y las nuevas posibilidades que se abren a su vida, no sabe como expresar su alegría y agradecimiento. El fariseo Simón ve en ella los gestos ambiguos de una mujer de su oficio, que solo sabe soltarse el cabello, besar, acariciar y seducir con sus perfumes.” [José Antonio Pagola, *Jesús – Aproximación histórica* (Madrid: PPC Editorial, 2007), 143].

⁷³ Susana de Sousa Vilas Boas, *O amor que salva. Uma leitura de Lc 7, 36-50*. (Fátima: Difusora Bíblica, 2017), 87.

esquema de redenção ainda obedecia ao cumprimento das regras escritas e a inobservância destas era repostada por um processo de “liquidação” da pena no templo. Jesus com esta passagem bíblica elucidou o que era essencial e indicou o que era acessório e secundário na relação com Deus.⁷⁴ O acolhimento e o perdão são caminhos de encontro, de relação e de opção pelos mais fracos e débeis e que constituíram uma pedagogia e um exemplo na vida de Jesus.⁷⁵ Este ensinamento potencia a descoberta do próximo, a iniciativa que se quer aproximar, porque “a revelação de Deus como amor faz com que o encontro com Jesus, para ser autêntico, seja um ato de amor, uma manifestação concreta, tanto do amor do Mestre como daquele que vive o dinamismo do encontro, respondendo com amor ao Amor. (...) O fariseu procurou responder com a lei; a mulher, com adesão total de amor.”⁷⁶ O acolhimento e o perdão são a forma de Jesus “dar a mão” aos que querem o Reino e estar em comunhão estreita com Deus.

1.2 A parábola do fariseu e do cobrador de impostos (Lc 18, 9-14)

“⁹Disse também a seguinte parábola, a respeito de alguns que confiavam muito em si mesmos, tendo-se por justos e desprezando os demais: ¹⁰«Dois homens subiram ao templo para orar: um era fariseu e o outro, cobrador de impostos. ¹¹O fariseu, de pé, fazia interiormente esta oração: ‘Ó Deus, dou-te graças por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros; nem como este cobrador de impostos. ¹²Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo quanto possuo. ¹³O cobrador de impostos, mantendo-se à distância, nem sequer

⁷⁴ “Jesús, por el contrario, ve en el comportamiento de aquella mujer impura y pecadora el signo palpable del perdón inmenso de Dios: «Mucho se le debe de haber perdonado, porque es mucho el amor y la gratitud que está mostrando» Dios llega ofreciendo a todos su perdón y su misericordia. Su reinado está llamado a inaugurar una dinámica de perdón y compasión recíproca. Jesús ya no sabe vivir de otra manera.” [*Ibid.*, 144].

⁷⁵ Em Lc 7, 36-50 percebe-se, claramente, que pouco importa a vida de pecado que a mulher levava no passado, o importante é o novo começo que Jesus lhe propõe. (...) Perante esta mulher, como perante os pecadores que viviam, com amor, o encontro com o Mestre, Jesus emprega, com excelência, a pedagogia divina: aceita o homem no concreto das sua vida; a partir daí, Ele (verdadeiro Deus) atua e cria uma *criação* (Gl 6, 15).” [Susana de Sousa Vilas Boas, *O amor que salva. Uma leitura de Lc 7, 36-50*. (Fátima: Difusora Bíblica, 2017), 93].

⁷⁶ *Ibid.*, 96.

ousava levantar os olhos ao céu; mas batia no peito, dizendo: 'Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador.'¹⁴Digo-vos: Este voltou justificado para sua casa, e o outro não. Porque todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.»

Esta parábola contada por Jesus é de extrema importância na medida em que expõe a concepção de religiosidade escrupulosa do fariseu e, simultaneamente, apresenta uma fidelidade verdadeira na devoção do cobrador de impostos. A parábola situa as duas personagens num momento de oração no templo. Ambas são indicativas das suas condições sociais e da reputação que cada uma possui na sociedade. Este texto é uma espécie de lugar de tensão do que acontece nas relações humanas com o divino, enquanto instância plena da relação. A parábola não apresenta uma escala de valores que possam servir de modelo às relações humanas, mas é uma pregação de Jesus que serve para denunciar a disposição da pessoa que evita o outro e somente usa o próximo para se elevar perante Deus, tomando-o como termo de comparação.

Os fariseus eram conhecidos pela observância estrita aos preceitos religiosos e esta fidelidade ao formalismo do culto, de acordo com a parábola, colocava o valor da lei acima de tudo, inclusive acima do amor ao próximo, até porque “na história da interpretação e da influência cristãs de Lc 18, 9-14, o fariseu do texto foi encarado como comprovação de um fariseísmo exclusivo, o que põe sob suspeita de não observar a Torá todas as pessoas judaicas que não seguem o modo de vida judaico. Deste modo é que foi entendida a oração do fariseu.”⁷⁷

Os publicanos eram aqueles que coletavam os impostos no território do império romano. Uma passagem bíblica (Mt 9, 9-13) relata o chamamento de Mateus por Jesus

⁷⁷ Luise Schotroff, *As parábolas de Jesus: uma nova hermenêutica* (São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007), 17.

quando ainda era um coletor de impostos. O coletivo dos publicanos não gozava de grande popularidade junto da população, porque a função deles era ingrata e baseava-se em coletar os impostos das mercadorias transacionadas, as taxas de permanência num local urbano e dos tributos do exercício de atividades laborais. Estes eram considerados desrespeitadores da justiça e da lei, porque no universo dos publicanos havia alguns que enriqueciam pela corrupção e pelo peculato (Mt 5, 45-46).

A oração de ambos no tempo difere no que respeita à sinceridade de coração. O fariseu alterou a razão da ação de graças, porque, em vez de Deus ser o sujeito e a origem dos benefícios que recebeu, congratulou-se pela sua própria bondade e pelas suas ações que obedeciam à lei, pondo em prática as orientações da lei de Moisés (Dt 13, 5).⁷⁸ Um reparo importante à oração do fariseu é o desprezo na atitude de indiferença para com o publicano: “Ó Deus, dou-te graças por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros; nem como este cobrador de impostos” (v. 11). A atitude de desdém é o resultado do fariseu considerar que, por cumprir melhor as determinações religiosas, poderá adquirir o direito a desprezar. Os dízimos liquidados e as abstinências do fariseu não são mais consentâneas com o propósito de Jesus para a humanidade, porque a santidade não é o cômputo dos sacrifícios, dos dízimos e das abstinências.⁷⁹

Há um contraste entre a oração audível e discorrida do fariseu no templo e a oração silenciosa, apelativa e interpelativa do publicano como apelo à misericórdia de Deus. O

⁷⁸ “Los fariseos elaboran la doctrina del cumplimiento de la Ley hasta un nominalismo exacerbante y esto mismo los lleva a despreciar a los pecadores, a quienes consideran infractores de esa aplastante ley “. [Jorge Mario Bergoglio, *Algunas reflexiones en torno al tema de la corrupción* (México DF: Editorial Asociación Mexicana de Promoción y Cultura Social, 2016), 21].

⁷⁹ “El problema más grave del legalismo era el enorme daño que hacía en la espiritualidad de los que se dejaban atrapar por él. El poder de dominio se había apoderado de la ley y había hecho de ella una mediación no de gracia, sino de autoritarismo y de explotación. Todo quebrantamiento de la misma se constituía para el ilegal en desangre económico de purificaciones y sacrificios o en condenación y marginación. Los que se marginaban del sistema templario no pasaban de ser unos malditos.” [Gonzalo M. de la Torre Guerrero, *Las Parábolas que Narró Jesús* (Quibdó: Ediciones Fundación Universitaria Claretiana, 2009), 94].

fariseu apoiava-se numa forte estrutura vivencial da observância da Lei. O publicano entregava-se de voz silenciosa e do coração oprimido a Deus que escuta sem condenar. O publicano é escutado na sua dor. O fariseu é esquecido e não é justificado pelo seu excesso de autoconfiança, diferente da súplica de misericórdia do publicano.

A oração do publicano, elemento do grupo desprezado pelos judeus, só se remete para a súplica do perdão de Deus em voz interior, ao invés, do fariseu que declama as virtudes da sua pessoa, sem modéstia e sem moderação. A autossuficiência do fariseu proclamada em viva voz não é o reconhecimento da sua humildade e da sua condição de pecador, mas antes manifesta a sua magnificência vazia de amor ao próximo.⁸⁰ O fariseu cumpre todas as observâncias inscritas na lei e estende esta observância até ao que não lhe é pedido, nomeadamente no jejum.

Os judeus tinham um dia obrigatório de jejum, o Dia da Expição, o “Yom Kipur”, em que iam ao templo oferecer sacrifícios de expiação pelos pecados, para além da abstinência na ingestão de alimentos e, principalmente, da abstinência na ingestão de líquidos.⁸¹ O fariseu ultrapassava o que lhe era imposto pela Lei, jejuava mais dias que o obrigatório e pagava os dízimos dos rendimentos agrícolas e de tudo o que auferia. Para os judeus do tempo de Jesus, não podia haver melhor manifestação de rigor e de exemplo que este fariseu, personagem da parábola.⁸²

⁸⁰ “Pecador, sí”, como lo decía el publicano en el templo (“¡Dios mío, ten piedad de mí, que soy un pecador!”, Le 18,13); como lo sintió y lo dijo Pedro, primero con palabras (“Aléjate de mí, Señor, que soy un pecador”, Le 5,8) y luego con lágrimas al oír aquella noche el canto del gallo, momento éste que la genialidad de J. S. Bach plasmó en la sublime aria *Erbarme dich, mein Gott* (Ten piedad de mí, Señor).” [Jorge Mario Bergoglio, *Algunas reflexiones en torno al tema de la corrupción* (México DF: Editorial Asociación Mexicana de Promoción y Cultura Social, 2016), 7].

⁸¹ Lv 16 torna específico o rito de expiação que tinha como finalidade o perdão de Deus. É uma sequência de atos rituais praticados pelo sumo sacerdote e visava a expiação dos pecados. A sucessão de normas estritas e o cumprimento destas destinavam-se a pedir e a acolher o perdão, dom de Deus.

⁸² “El fariseo ora de pie, seguro y sin temor alguno. Su conciencia no le acusa de ningún pecado por el que tenga que expiar. De su corazón brota espontáneamente el agradecimiento: «Oh Dios, te doy gracias». No es un acto de hipocresía. Todo lo que dice es real. Cumple fielmente todos los mandatos: no pertenece al grupo de pecadores, en el que, naturalmente, está el recaudador. Ayuna todos los lunes y jueves por los pecados del pueblo, aunque solo es obligatorio una vez al año, el día de la Expiación. No solo paga los diezmos obligatorios

Sobre o publicano não se refere se este cumpre os preceitos religiosos do jejum e do pagamento do dízimo, mas a sua postura de olhar para baixo, de estar no fundo do templo e de bater no próprio peito, um gesto de arrependimento exclusivo das mulheres,⁸³ sugere que a sua oração é um ato de consciência que leva ao reconhecimento de si mesmo como pecador e da injustiça que pratica devido à ocupação que desempenha. “Assim é Deus, diz Jesus, como está escrito no Sl 51. Ele diz sim ao pecador desesperado e não àquele que se autojustifica. Ele é o Deus dos desesperados e [a] sua misericórdia com os de coração contrito é sem limites.”⁸⁴

Esta parábola associa-se à pedagogia de Jesus no sentido em que relata uma situação de vida quotidiana que facilita a reflexão no leitor e pretende fomentar uma opção. Ainda que neste caso seja relatada uma situação quotidiana no templo de Jerusalém, o cerne está na graça de Deus e na misericórdia divina intercedida pelo publicano. Jesus empreende uma pedagogia próxima dos mais necessitados, sem recorrer a intrincadas construções conceituais para exprimir o simples do Reino.

O valor do perdão ultrapassa o preceito da lei, o que provoca descontentamento no povo judeu, cumpridores escrupulosos das determinações que o mesmo Deus, Pai de Jesus, transmitiu a Moisés. Este motivo de escândalo, “pedra no caminho”, ultrapassar-se-ia se, como no caso do publicano, o amor ao próximo anunciado por Jesus fosse o preceito maior a cumprir e não somente o cumprimento dos rituais da observância da Lei de Moisés.

de los productos del campo (grano, aceite, vino), sino incluso de todo lo que gana. Su vida es ejemplar. Cumple fielmente sus obligaciones y hasta las sobrepasa. No se atribuye a sí mismo mérito alguno, es Dios quien sostiene su vida santa. Si este hombre no es justo, ¿quién lo va a ser? Es un modelo de fidelidad y obediencia a Dios.” [José Antonio Pagola, *Jesús – Aproximación histórica* (Madrid: PPC Editorial, 2007), 132].

⁸³ François Bovon, *El Evangelio segun San Lucas (Lc 15, 1 –19,27)* III (Salamanca: Sígueme, 2004), 265.

⁸⁴ Joachim Jeremias, *As parábolas de Jesus* (São Paulo: Paulos Editora, 2007), 146.

A parábola é um utensílio pedagógico na medida em que dá a conhecer a Deus Pai que ama os fracos e os desfavorecidos e não se preocupa em contabilizar o número de sacrifícios, jejuns ou díizimos, se estes não levarem à comunhão com Deus e com os irmãos.

1.3 A parábola do bom samaritano (Lc 10, 25-37)

“²⁵Levantou-se, então, um doutor da Lei e perguntou-lhe, para o experimentar: «Mestre, que hei-de fazer para possuir a vida eterna?» ²⁶Disse-lhe Jesus: «Que está escrito na Lei? Como lês?» ²⁷O outro respondeu: «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.» ²⁸Disse-lhe Jesus: «Respondeste bem; faz isso e viverás.» ²⁹Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: «E quem é o meu próximo?» ³⁰Tomando a palavra, Jesus respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. ³¹Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. ³²Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. ³³Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. ³⁴Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. ³⁵No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: 'Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar.' ³⁶Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?» ³⁷Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo.»”

Esta parábola de Jesus versa a vulnerabilidade, a fragilidade e o amor ao próximo como sinal do amor a Deus. O amor ao próximo é o cerne da parábola. Agilizar o amor ao próximo como o projeto de vida do cristão é o resultado da proposta pedagógica desta parábola. A ação da parábola decorre numa zona deserta onde passa um caminho para Jerusalém, a

capital religiosa à época e a cidade do Templo de Jerusalém. Quem “subisse” a Jerusalém para rezar cumpria os seus preceitos religiosos distintamente. Um grupo religioso que usava este caminho semanalmente para o exercício do culto eram os sacerdotes e os levitas na ida para o templo e no regresso a Jericó.⁸⁵

Paralelamente aos sacerdotes e aos levitas, também peregrinos e comerciantes palpavam esta estrada. Um desconhecido é atacado, violentado e assaltado, ficando tombado no caminho. O texto não refere a nacionalidade ou a descendência deste. À passagem de dois viajantes para o serviço religioso, um sacerdote e um levita, nada aconteceu e o caído não despertou o coração aos dois, ficando sem auxílio. Estes dois viriam do templo de Jerusalém após cumprirem as obrigações religiosas semanais.

O périplo de um samaritano fez surgir quem ajudou a recompor o caído. A compaixão e o amor ao próximo na pessoa do samaritano são a salvação do caído. Este próximo, abandonado à sua sorte, não foi esquecido por Deus, porque foi operada a misericórdia na pessoa do samaritano. Os cuidados de saúde prestados como a desinfeção das feridas com vinho, a hidratação com azeite, o transporte à estalagem mais próxima e a liquidação prévia das despesas com o necessitado são gestos paternais e não expectáveis de um desconhecido samaritano que, à época, gozava de uma fama negativa e era afamada a inimizade entre judeus e samaritanos, ainda que o texto não refira a proveniência do que foi atacado.⁸⁶ Jesus surpreende o auditório quando dá a entender que a misericórdia humana exemplificada nesta parábola é um exemplo do que é o Reino de Deus.

⁸⁵ José Antonio Pagola, *Jesús – Aproximación histórica* (Madrid, PPC Editorial, 2007), 135.

⁸⁶ “A ereção deste templo [de Garizim, na Samaria] rival de Jerusalém tem sido considerada por muitos autores como o elemento decisivo que levará à separação definitiva de judeus e samaritanos. O templo do monte Garizim era sobretudo um rival, pois as tradições religiosas de Siquém eram muito mais antigas do que as de Jerusalém e tinham raízes que remontavam ao tempo dos patriarcas e de Josué.” [João Lourenço, “Os samaritanos: um enigma na história bíblica.” *Didaskalia* 15 (1985): 60].

A dificuldade dos doutores da lei era compreender, neste exemplo, como é que era possível Jesus ser o Messias, o Filho de Deus, se no Reino a misericórdia vem do inimigo? Se o Messias dizia ser quem era, como é que aceitaria que um samaritano pudesse inverter a ordem natural das relações entre os povos à época e ajudar o inimigo? Claro que no Reino de Deus não se prevê qualquer distinção entre gente pura ou impura e faz da humanidade inteira o povo eleito de Deus, sem o menosprezo de ninguém. A compaixão pelo caído e pelo que precisa é o melhor caminho para o Reino.

Outra característica surpreendente nesta parábola é a inversão da estrutura religiosa vigente, porque os que passam ao lado são os que estão em primeiro lugar no serviço religioso e o que ama é aquele que é odiado. Nesta época, a designação de “samaritano” chegou a constituir um insulto (Jo 8, 48). Os que reclamam para si o Reino futuro são os que não o promovem. A misericórdia não tem nacionalidade e não é impulsionada por amizades nacionalistas. Esta nasce no coração daquele que ama e dá a mão ao caído. Com esta parábola, Jesus ensina que o amor ao próximo é condição primordial de acesso ao Reino, porque o próximo é o próprio Jesus na figura do caído na berma (Mt 25, 40).⁸⁷

A parábola é um convite explícito à caridade e ao amor sem limites pelo próximo que subjetivamente se impõe no quotidiano. Contrariamente ao pecado que afasta do coração, o amor ao próximo reabilita e estrutura a relação com Deus e com os outros e, ainda, é reflexo do amor de Deus pela humanidade ao ter enviado o seu Filho. A parábola despoleta uma pedagogia do encontro e, em vez de ser de mão dada, é de mão estendida. Jesus ensina agora a dar a mão como um exemplo maior de compaixão e amor sem limites para com o

⁸⁷ “Explícitamente, en cambio, la parábola [do samaritano] no concluye con una definición de quién es nuestro prójimo, sino con la orden de que nos comportemos como prójimo de todo aquel que se encuentre en necesidad. De cualquier modo, la parábola del buen samaritano es una llamada a mostrar misericordia y compasión con todos los miembros de la comunidad humana que sufren, sin reparar en barreras religiosas o étnicas.” [John Paul Meier, *Un juicio marginal. Nueva visión del Jesús histórico III* (Estella: Editorial Verbo Divino, 2003), 535].

próximo.⁸⁸ A novidade de Jesus é a dinâmica de amor entre todos os cristãos. Na ferida do outro está patente a vontade em exemplificar Jesus. A última frase da parábola: «Vai e faz tu também o mesmo.» (v.37) é o convite de Jesus a fazer do caminho da vida um encontro com o próximo.

⁸⁸ “En este mismo texto, llamado el “Elogio de la misericordia” afirma en otro apartado: “El más bello milagro de la misericordia humana consiste en lo siguiente: el que es verdaderamente misericordioso, se suelta de sí mismo, se identifica con el hermano que sufre misericordia, se lanza audazmente a lo imprevisible, su libertad se torna para él en la extrema audacia de perderse a sí mismo”. [Karl Rahner, *Escritos de teología* (Madrid: Taurus, 1967), 288].

III. PROPOSTA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA DE LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS”

Este capítulo tem por base a reflexão crítica acerca da prática da lecionação, possibilitando o crescimento pessoal, enquanto docente integrado no sistema de ensino público e universal. Iniciaremos com uma apreciação da escola de estágio, envolvendo uma breve caracterização do estabelecimento de ensino, bem como uma descrição da turma onde desenvolvemos a prática pedagógica.

Será abordado o enquadramento da unidade letiva “Jesus, um homem para os outros” no programa protocolar de EMRC, dando especial ênfase às considerações pedagógicas e didáticas da disciplina e, ainda, fazendo referência aos domínios e conteúdos inerentes à lecionação da respetiva unidade letiva.

Tal como já foi referenciado, neste périplo pedagógico é elaborada, também, uma apresentação resumida da unidade letiva em análise e uma descrição acerca do desenrolar da prática letiva em cada uma das seis aulas.

Por último, realizar-se-á uma reflexão e uma avaliação incidentes na prática pedagógica ministrada no estágio em cada uma das sessões, tendo em conta as variadas experiências de aprendizagem e de ensino.

1. Apreciação do ambiente de estágio

Cada escola no seu contexto tem uma identidade própria que provém da interação, do trabalho conjunto e dos interesses partilhados pelos vários intervenientes que nela participam. À escola pertence desenvolver e manifestar um dever importante na educação

de uma sociedade mais perfeita e equitativa, com pessoas cientes do seu papel na sociedade, bem como dos seus deveres cívicos, nas áreas específicas da educação. Para esta tarefa atribuída à escola inserida na sociedade são necessários os meios e uma estrutura apta para desenvolver com sucesso a ação pedagógica.

1.1 Caracterização da escola EB2/3 de Mundão

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) realizou-se na escola sede do Agrupamento de Escolas de Mundão, situada no distrito de Viseu, numa turma do 6.º ano de escolaridade.

O Agrupamento de Escolas de Mundão é constituído por dez estabelecimentos de ensino: EB 2/3 de Mundão; EB1 de Cavernães; EB1 de Cepões; EB1 de Nogueira de Côta; EB1 de Casal de Esporão; EB1 de Mundão N.1; EB1 de Mundão N.2; EB1 de Travassós de Cima; JI de Casal de Mundão e JI de Sanguinhedo de Couta. Compõem o Agrupamento de Escolas de Mundão a escola sede, Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de Mundão, cinco estabelecimentos de ensino com Educação Pré-escolar e 1.º Ciclo, dois estabelecimentos de ensino do 1.º Ciclo e, por fim, dois estabelecimentos de ensino do Pré-escolar.

O Agrupamento de Escolas de Mundão foi erigido obedecendo ao Decreto-Lei N.º 115-A/98, de 4 de maio e tem como máxima maior: “Educar / formar pessoas e cidadãos cada vez mais autónomos, responsáveis, cultos e solidários, democrática e civicamente comprometidos na construção de um destino coletivo e de um projeto de sociedade, que potenciem a afirmação das mais nobres e elevadas qualidades de cada ser humano”.⁸⁹

⁸⁹ Agrupamento de Escolas de Mundão, “Projeto Educativo TEIP 2013/17”, Agrupamento de Escolas de Mundão, https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=YWVtdW5kYW8ubmV0fGVzY29sYXxneDo1YzkyNDE5NjM2ZmVkNjQ2&fbclid=IwAR1dGVynP0gf45XFV7MQ961E4m_eNKB37s3XnBzJN_F_nkhpypc0qBo90L8 (acedido a 18 de maio de 2019).

O conjunto dos estabelecimentos acima mencionados possuem, na generalidade, condições adequadas no plano da comodidade, da habitabilidade, da proteção, da higiene e limpeza, sendo de destacar a particularidade das instalações do estabelecimento de ensino do 1.º Ciclo de Casal de Esporão, em que a biblioteca da escola integra a Rede de Bibliotecas Escolares.⁹⁰

O meio envolvente deste Agrupamento de Escolas é um meio rural, sendo que a origem dos alunos que frequentam este agrupamento é da freguesia de Mundão e de algumas freguesias periféricas. Ainda que os alunos pertençam a um meio socioeconómico desfavorável, o agrupamento tem-se destacado pela permanente qualidade do ensino ao longo de vinte anos.

1.2 Caracterização da turma da Prática de Ensino Supervisionado

O conhecimento prévio que temos da turma de estágio, sexto ano, turma D, por meio do Projeto Curricular de Turma, permitiu que nos debruçássemos de forma mais cuidadosa e incisiva sobre a realidade pessoal de cada aluno. Os dados fornecidos relativos a cada um possibilitam a atenção minuciosa por parte do professor estagiário no que concerne à realidade individual e pessoal para que todos usufruam das mesmas oportunidades no processo de aprendizagem e para que sejam tomadas medidas inclusivas em casos identificados. Todas estas informações foram fornecidas de antemão pela diretora de turma à época.

⁹⁰ *Ibid.*, 8.

A turma é composta por dezoito alunos, dez alunas e oito alunos, verificando-se quase que equidade entre os sexos. O mesmo acontece nas idades dos alunos: doze elementos têm onze anos, dois elementos têm dez anos e, por fim, quatro elementos têm doze anos. Metade da turma beneficia de apoio socioeconómico: sete alunos beneficiam de escalão A e dois de escalão B. Relativamente às idades dos pais, estas encontram-se entre os trinta e seis e os sessenta e seis anos, enquanto as das mães se encontram compreendidas entre os trinta e três e os sessenta anos. As profissões dos pais são diversificadas, com maior incidência na construção civil (pais) e no serviço doméstico (mães), passando ainda pelo comércio, restauração, empresas, ensino e outras. Todos os pais se encontram empregados, exceto um, enquanto apenas oito mães trabalham por conta de outrem e as restantes dizem-se domésticas ou desempregadas. Quanto ao nível das habilitações literárias situam-se entre o terceiro ano de escolaridade e o mestrado, embora apenas cinco no universo dos pais e mães, tenham formação superior. Não há famílias numerosas na turma, dado que a maioria dos alunos têm um irmão ou uma irmã; dois são filhos únicos, dois têm dois irmãos, um tem três irmãos e um tem quatro irmãos.

Relativamente ao nível do percurso escolar dos elementos da turma há quatro alunos com retenção: um aluno ficou retido no segundo ano do primeiro ciclo; outro aluno sofreu uma retenção no quinto ano; outra aluna ficou retida no segundo ano do primeiro ciclo e, por fim, outro aluno ficou retido, no quinto ano de escolaridade.

Ao nível dos interesses extraescolares e extracurriculares, a grande maioria dos alunos refere como atividades preferidas praticar desporto (diversas modalidades); seguindo-se quatro alunos que gostam de ver televisão; dois gostam de jogar computador; dois gostam de brincar com os seus animais de estimação; dois gostam de estudar; um prefere ouvir música e outro ver filmes. Alguns referem mais que uma atividade nas suas preferências.

No que diz respeito à atitude perante o trabalho escolar, a turma é heterogénea, mas prevalece a afirmação de motivação para o estudo. As disciplinas em que os alunos dizem ter mais dificuldade são Matemática e Português. Pelo contrário, as disciplinas mais fáceis dizem ser Educação Física e Educação Visual e Tecnológica. Depois destas, (num intervalo de três ou quatro alunos) aparecem o Inglês, as Ciências Naturais e a História e Geografia de Portugal. Alguns alunos referem mais que uma disciplina nas suas escolhas. Em relação à profissão que estes gostariam de ter quatro dizem não saber e os restantes revelam expectativas muito variadas, numa perspetiva média / alta.

Pelo que se observou em aula e de acordo com as informações cedidas pelos docentes constituintes do conselho de turma podemos dizer que, na generalidade, a turma demonstra interesse no ensino e na participação nas atividades escolares. Há alguns alunos que demonstram ser menos participativos, o que poderá influenciar no rendimento na aprendizagem futura. Como professor estagiário tive o cuidado de incentivar os alunos menos participativos, estimulando-os para a interação com os restantes colegas de turma, enquanto estratégia de promoção de superação de dificuldades no processo de ensino e de aprendizagem.

Entre o professor estagiário e a turma na sua totalidade criou-se um ambiente de respeito mútuo, uma relação pedagógica recíproca e uma atitude de entreaajuda nas dificuldades que surgiram que se traduziu no final em aprendizagens significativas e relações de amizade plenas de cooperação.

2. O enquadramento da unidade letiva “Jesus, um homem para os outros” no programa de EMRC

2.1 Considerações pedagógicas e didáticas para a disciplina de EMRC

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, numa primeira abordagem, incide sobre o conhecimento da fé cristã em contexto escolar. Esta dimensão educativa da fé no contexto interdisciplinar da escola é o lugar de encontro entre o Evangelho e a cultura humana, entre Jesus Cristo e cada pessoa. A característica fundamental da EMRC constitui-se na inserção da aprendizagem da religião católica na formação da personalidade do aluno. O valor da disciplina de EMRC manifesta-se na incorporação dos conteúdos da fé no conjunto dos demais saberes em processo dialógico entre formação e educação.⁹¹ Há uma complementaridade entre a EMRC e as demais disciplinas que se entrelaçam num único esforço interdisciplinar no encargo da formação da responsabilidade e na preservação e desenvolvimento da dignidade humana.

Ao nível didático, a essência do ensino da EMRC não difere do que é particular e específico da componente religiosa, ou seja, o conteúdo que se pretende abordar na disciplina coincide, necessariamente, com a mensagem cristã. Munir o aluno da capacidade de reflexão sobre o seu lugar no mundo por meio de uma perspectiva cristã é a forma de incorporar a fé na cultura e a cultura na fé. Ao nível pedagógico, provir o processo de ensino-aprendizagem da EMRC com a componente do testemunho da pessoa de Jesus Cristo e da sua mensagem é robustecer a unidade entre a didática e a pedagogia específica da disciplina. Apresentar

⁹¹ “O que confere ao ensino religioso escolar a sua peculiar característica, é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de relacionar-se com outras formas do saber. Como forma original do ministério da Palavra, de facto, o ensino religioso escolar torna presente o Evangelho no processo pessoal de assimilação, sistemática e crítica, da cultura”. [Congregação para o Clero, *Diretório Geral para a Catequese* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1998) n. 221].

Jesus Cristo e testemunhá-lo para daí desenvolver e extrapolar um sentido para a vida, constitui a riqueza e o núcleo central da disciplina de EMRC.

A implicação entre EMRC e as várias disciplinas numa espiral de inter-relação e a harmonia entre o conteúdo (didática) e o modo de ensinar (pedagogia) revela uma unidade no horizonte educativo que o ensino religioso cristão proporciona. O ensino de EMRC deve ajudar o aluno na busca da sua vocação natural para a felicidade com Deus e permitir que Jesus Cristo o transforme neste caminho para o Pai. O papel do professor de EMRC é apresentar Jesus Cristo “que acompanha de mãos dadas” o aluno. Cabe à EMRC complementar o ensino da mensagem cristã com a educação ética e moral para a promoção da dignidade da pessoa no processo educativo. Uma primeira observação recai sobre a relação entre o ensino de EMRC nas escolas portuguesas e a essência da Educação Cristã.

A Declaração “*Gravissimum Educationis*” sobre a educação Cristã⁹² aponta alguns princípios fundantes que alicerçam a importância da educação do homem e a influência deste no progresso social. Em primeiro lugar, os batizados devem consciencializar-se da sua vocação à santidade, devem promover a esperança e estimular o enaltecimento cristão do mundo, mediante os valores naturais inerentes à consideração integral do homem redimido por Jesus Cristo que contribuem para o bem da sociedade⁹³.

Outro princípio fundamental no ensino de EMRC é a orientação que o professor proporciona ao dar a compreender os elementos da ética social cristã, a pessoa humana, a justiça, a liberdade e a paz mundial⁹⁴. A formação de consciências nutridas dos valores

⁹² Concílio Vaticano II, *Declaração “Gravissimum Educationis” sobre a Educação Cristã*, (28 de outubro de 1965): AAS 58 (1966), 728-739.

⁹³ *Ibid.*, n.º 2.

⁹⁴ *Ibid.*, n.º 89.

cristãos e dos princípios éticos leva à descoberta do processo educativo cristão na coordenação da cultura humana com a mensagem de salvação.⁹⁵

Um outro documento de referência “Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade” expressa a importância da disciplina de EMRC como uma dádiva ao serviço da educação integral. A EMRC, ao partir das interrogações sobre o sentido da vida, remete para o Evangelho de Cristo como resposta plena e perfeita às ânsias humanas, através dos valores de fé e de humanidade.⁹⁶ “A Educação Moral e Religiosa Católica tem em vista a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa.”⁹⁷ Esta finalidade superior é aquela que congrega todas as outras finalidades da disciplina que são os elementos curriculares essenciais. É uma finalidade que se operacionaliza em finalidades decorrentes e anexas.

A disciplina de EMRC tem as seguintes finalidades:

- apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
 - conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- adquirir uma visão cristã da vida;
 - entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;

⁹⁵ *Ibid.*, n.º 100.

⁹⁶ Conferência Episcopal Portuguesa, “Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade.” *Pastoral Catequética* 5 (2006): 8.

⁹⁷ *Ibid.*, 12

- adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- apreender o fundamento religioso da moral cristã;
- conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.⁹⁸

2.2 Enquadramento da unidade no programa do sexto ano e a sua articulação com os outros temas

A unidade letiva “Jesus, um homem para os outros” constitui por si só um elemento completo na medida em que os conteúdos inerentes à vida de Jesus são marcados pela singularidade e pela integralidade. Esta unidade letiva não deixa de ser transversal ao ano em questão, ao ciclo e a todo o programa escolar de EMRC pela sua axialidade, enquanto referência a Jesus e ao seu projeto de salvação para a humanidade. Há uma clara sequência lógica na inserção desta unidade no programa de sexto ano, porque a unidade letiva anterior incide acerca do tema da pessoa humana e a unidade letiva seguinte acerca da partilha do pão. Esta opera como que uma consequência ética e moral após a referência à vida de Jesus

⁹⁸ *Ibid.*, n.º 8

na UL2, através do sacramento da Eucaristia. Portanto, é óbvia a centralidade e a unificação desta UL2 na disposição do programa da disciplina de EMRC.

A análise à UL2 permite uma visão abrangente dos três domínios maiores de aprendizagem. Em primeiro lugar a “Religião e a experiência religiosa” no que concerne à pessoa de Jesus na sua centralidade, reconhecendo em Jesus a sua messianidade, a filiação divina, os momentos-chave da Paixão, da Morte e da Ressurreição e a continuidade pela fundação da Igreja, comunidade de testemunhas do ressuscitado.

Em segundo lugar, a “Cultura cristã e a visão cristã da vida” oferecem uma compreensão do compromisso moral que o acontecimento da pessoa de Jesus, na sua plenitude, constitui como um horizonte vivencial de relação. Em terceiro lugar, no âmbito do domínio “Ética e Moral” é-nos possível, a partir da pessoa e da vida de Jesus, direcionar o valor da vida na condução do agir ético em situações quotidianas emergentes. Por fim, os conteúdos que compõem a estrutura programática da UL2 englobam-se como uma matéria fundamental do programa de EMRC, uma vez que, sem a “origem” (Jesus) não teríamos qualquer referência vital para a humanidade como a pessoa e a vida do Filho de Deus.

2.3 Os domínios e os conteúdos referentes à unidade letiva

“Jesus, um homem para os outros”

O processo de desenvolvimento dos alunos e a natureza da disciplina de EMRC são os âmbitos que promovem a operacionalização das competências específicas da disciplina trabalhadas ao longo do percurso global do programa protocolar de EMRC.

Os domínios da disciplina desenvolvem-se em cinco campos, nomeadamente, “Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida”, “Ética e Moral”, “Religião e Experiência Religiosa”,

“Cultura Bíblica” e, por fim, “Património e Arte Cristã”.⁹⁹ Cada um destes cinco campos desdobra-se em competências que, enquadradas nos domínios, se apresentam como determinantes para a identidade de EMRC.¹⁰⁰ As competências são dinâmicas e relacionais, o que leva a considerar como permeáveis as competências e os domínios entre si. Uma unidade pode alicerçar-se em competências de vários domínios, imagem da maneabilidade de cada unidade se adaptar a cada domínio e de estimular várias competências.

De seguida, é apresentado um quadro onde estão expostas as metas curriculares que são consideradas para o Segundo Ciclo do Ensino Básico e os domínios correspondentes.

	<i>Domínios</i>	<i>Metas Curriculares</i>	<i>5.º ano</i>	<i>6.º ano</i>
A	Religião e experiência religiosa	A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	X	
		B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	X	X
B	Cultura Cristã e visão Cristã da vida	E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.		X
		F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	X	
		G. Identificar os valores evangélicos.	X	X
		I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.		X
		J. Descobrir a simbólica cristã.		X
		K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.		X

⁹⁹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, (Lisboa: 2014) <http://www.educris.com/v2/emrc/4273-programa-de-emrc---edicao-2014>, 168.

¹⁰⁰ *Ibid.*, 8.

		L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	X	
C	Ética e Moral	M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do cotidiano.	X	X
		N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	X	X
		O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.		X
		P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	X	
		Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	X	

TABELA 1 – DOMÍNIOS E METAS DE EMRC DO 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO¹⁰¹.

Para o programa de EMRC do 6.º ano, segue-se a sequência dos cinco objetivos a alcançar na lecionação da UL2.

- reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã;
- identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, com o núcleo central da mensagem cristã;
- compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus;
- reconhecer a Ressurreição de Cristo como vitória da Vida sobre a morte;
- mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano.¹⁰²

No decurso da planificação da UL2 foram considerados os objetivos decorrentes do domínio “Religião e experiência religiosa” contemplando-se o objetivo B – “Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”. Do domínio “Cultura cristã e visão cristã da vida”, desenvolveram-se o objetivo E – “Identificar o núcleo central do

¹⁰¹ *Ibid.*, 51-69

¹⁰² *Ibid.*, 66

cristianismo e do catolicismo” e o objetivo K – “Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso”. Do domínio “Ética e moral” decorreu o objetivo M – “Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano”¹⁰³.

Os conteúdos abordados nesta UL percorrem os momentos principais da vida de Jesus e fazem até referência à sua preexistência quando se referem à messianidade e à filiação divina. Aos conteúdos abordados está incorporada uma operacionalização da competência respetiva. A cada uma das competências estão associados conteúdos programáticos. A tabela seguinte apresenta em consonância as metas, os objetivos e os conteúdos programáticos da disciplina de EMRC para a UL2 do sexto ano de escolaridade.

<i>Metas</i>	<i>Objetivos</i>	<i>Conteúdos programáticos</i>
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã.	<p>Quem é Jesus de Nazaré?</p> <ul style="list-style-type: none"> – Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias (Cristo). O Filho de Deus. – O anúncio do Reino de Deus: a vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor. - O nascimento de Jesus marcou a história: – A arte celebra o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus. – O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus, dada a sua importância;
L. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico	2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, com o núcleo central da mensagem cristã.	<p>Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura:</p> <ul style="list-style-type: none"> – A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa (cf. Lc 12, 22ss); – Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus: inclusão dos marginalizados, dos pobres, dos doentes – A revolução do coração humano: viver centrado no amor ao próximo (e próximo é todo o que precisa de

¹⁰³ *Ibid.*, 100.

criados com um fundamento religioso.		<p>mim, independentemente da sua origem ou identidade);</p> <ul style="list-style-type: none"> – O perdão de Deus e a necessidade de arrependimento; – Uma religião que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade,
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus.	<p>O conflito com os poderosos: os saduceus, os fariseus, os romanos.</p> <ul style="list-style-type: none"> · O destino de Jesus: <ul style="list-style-type: none"> – Mc 14,32-50: Oração no Getsemani e prisão; – Mc 14,53-65: Jesus é julgado e condenado pelo tribunal judaico; – Mc 15,1-15: Jesus é julgado e condenado à morte por Pilatos; – Mc 15,24-37: Crucificação e morte de Jesus na cruz.
	4. Reconhecer a Ressurreição de Cristo como vitória da Vida sobre a morte.	<p>A ressurreição – Jesus é o Senhor e o Filho de Deus:</p> <ul style="list-style-type: none"> – At 9: Conversão (vocação) de Saulo; – At 10,34-43: Discurso de Pedro em casa de Cornélio; – At 22: Discurso de Paulo à multidão; · Deus quer a vida e não a morte: <ul style="list-style-type: none"> – Jo 10,10: “Eu vim para que tenham vida”.
O. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano.	<p>Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros?</p> <ul style="list-style-type: none"> · Devo ser capaz de: <ul style="list-style-type: none"> – Respeitar; – Cuidar; – Ajudar; – Compreender; – Partilhar; – Amar.

TABELA 2 - CORRESPONDÊNCIA DAS METAS, OBJETIVOS E CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS DA UL2.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: 2014), 66-67.

3. A unidade letiva “Jesus, um Homem para os outros”

3.1 Proposta de planificação da unidade “Jesus, um Homem para os outros”



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Planificação de Aula (1 de 6)

**Agrupamento de Escolas de
Mundão**
Ano letivo 2015/2016

Unidade Letiva 2: “Jesus, um Homem para os
Outros”

Aula n.º 19

Ano: 6º | Turma: D

Data: 11/02/2016

Tempo previsto: 45m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento, verificação das presenças e sumário			- Acolhimento aos alunos - Registo do sumário	- Computador - Projetor - Quadro - Caderno diário	5 m	- Assiduidade - Pontualidade dos alunos
SUMÁRIO: Introdução ao estudo da Unidade Letiva 2 “Jesus, um Homem para os Outros”. Jesus: Messias e marco importante na história. Elaboração de uma ficha de trabalho.						
E. Identificar o núcleo fundamental do	1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o	- Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o	Após o registo do sumário, e para iniciar o tema da Unidade Letiva 2, o docente convida os alunos a visualizarem uma animação “A Parábola da Ovelha Perdida” que retrata Jesus	- Projetor de vídeo - Computador	5 m	

<p>cristianismo e do catolicismo</p> <p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história</p> <p>(Domínio: cultura cristã e visão cristã da vida)</p>	<p>centro da identidade cristã</p> <p>2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã</p> <p>3. Compreender qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus</p>	<p>Messias (Cristo). O Filho de Deus</p> <p>- O Anúncio do Reino de Deus: a vitória definitiva do bem, da justiça e do amor</p> <p>- O Nascimento de Jesus marcou a história</p> <p>- O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o</p>	<p>a acolher os que estão afastados do amor de Deus. Ao perder uma das cem ovelhas que pastoreava, o pastor deixa as noventa e nove que estão salvas e procura aquela que ficou para trás. Quando a encontra, faz uma grande festa.</p> <p>Depois de visualizarem a animação, os alunos são solicitados a dar a sua opinião, através de um breve diálogo, acerca da parábola apresentada.</p> <p>O professor convida à exploração de um PowerPoint intitulado “Jesus Cristo” e sugere aos alunos que leiam em voz alta os conteúdos. Os alunos farão a leitura dos textos incluídos na apresentação, pela ordem dos lugares da sala. Seguir-se-á um momento de diálogo a registar os principais momentos da vida de Jesus, nomeadamente o seu Nascimento como eixo temporal do Calendário Gregoriano, as circunstâncias da viagem de Maria e José à cidade de Belém e o reconhecimento pelo Anjo de Jesus como o Messias.</p> <p>Para exemplificar o conceito de “marco”, o professor pediu aos alunos que colocassem as</p>	<p>- Projetor de vídeo - Computador</p>	<p>5m</p> <p>10 m</p>	<p>- Atenção e empenho nas tarefas propostas</p> <p>- Curiosidade e interesse na atividade proposta</p> <p>- Intervenções fundamentadas</p>
---	---	---	--	---	-----------------------	---



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas de Mundão
Ano letivo 2015/2016

Planificação de Aula (2 de 6)

Unidade Letiva 2: “Jesus, um Homem para os
Outros”

Aula n.º 20

Ano: 6º | Turma: D

Data: 18/02/2016

Tempo previsto: 45m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento, verificação das presenças e sumário			<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento aos alunos - Registo do sumário 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor - Quadro - Caderno diário 	5 m	<ul style="list-style-type: none"> - Assiduidade - Pontualidade dos alunos
SUMÁRIO: Correção do trabalho de casa. O Deus misericordioso de Jesus.						
<p>Identificar o núcleo fundamental do cristianismo e do catolicismo</p> <p>(Domínio: cultura cristã e visão cristã da vida)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã 	<ul style="list-style-type: none"> - Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias (Cristo). O Filho de Deus - O Anúncio do Reino de Deus: a vitória definitiva 	<p>Após o registo do sumário no quadro por um dos alunos, o docente verifica a realização do trabalho de casa proposto na última aula e pede que as respostas ao exercício de palavras cruzadas sejam escritas no quadro por alunos escolhidos ao acaso.</p> <p>Ainda na sucessão da última aula, o docente explica a dúvida suscitada relativa à incerteza</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Esferográfica - Ficha de trabalho policopiada 	<p>5 m</p> <p>10 m</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Atenção e empenho nas tarefas propostas

		do bem, da justiça e do amor	da data do nascimento de Jesus Cristo e ao facto de esta data não coincidir com o ano zero do calendário cristão.			
			Relativo à pessoa de Jesus Cristo, Messias e marco na história, o docente convida a um exercício de paralaxe operado a partir da observação pelos alunos do próprio dedo polegar. A paralaxe é a constatação da alteração aparente do dedo que é observado por um dos olhos de cada vez. Com esta observação alternada do próprio dedo, pretende-se verificar duas constatações, um pouco diferentes, do mesmo dedo examinado. Com este exemplo pretende-se descobrir que o mesmo objeto tem duas observações diferentes se o ponto de vista é alterado.		5 m	- Curiosidade e interesse na atividade proposta - Intervenções fundamentadas
		- O Nascimento de Jesus marcou a história - O calendário usado entre nós tem como ponto	Após o procedimento da observação, o docente expõe uma apresentação sobre Jesus, Messias já anunciado no AT através do profeta Miqueias, e sobre Jesus, o homem histórico e	- Projetor de vídeo - Computador	15 m	- Interesse, motivação e participação nos trabalhos propostos



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas de Mundão
Ano letivo 2015/2016

Planificação de Aula (3 de 6)

Unidade Letiva 2: “Jesus, um Homem para os
Outros”

Aula n.º 21

Ano: 6º | Turma: D

Data: 25/02/2016

Tempo previsto: 45m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento, verificação das presenças e sumário						
	SUMÁRIO: O perdão de Deus no episódio bíblico da Mulher adúltera. Elaboração de uma banda desenhada.		- Acolhimento aos alunos - Registo do sumário	- Computador - Quadro - Caderno diário	5 m	- Assiduidade - Pontualidade dos alunos
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã 2. Identificar o Deus	- Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias (Cristo). O Filho de Deus	Um dos alunos escreve o sumário no quadro e os restantes colegas registam o mesmo no caderno diário. O professor inicia a aula operando um exemplo do perdão de Deus que Jesus dá a conhecer à Humanidade. O docente, munido de uma garrafa de água e uma esponja, entornará uma	- Esferográfica - Caderno diário - Esponja e água	5 m	- Atenção e empenho nas tarefas propostas

<p>E. Identificar o núcleo fundamental do cristianismo e do catolicismo</p> <p>(Domínio: cultura cristã e visão cristã da vida)</p>	<p>misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã</p>		<p>pequena quantidade de água numa das mesas da sala e, de seguida, utiliza uma esponja para absorver e limpar a água derramada na mesa. Com este exemplo pretende-se estabelecer uma analogia entre o pecado presente no homem, a água derramada na mesa, e a ação do perdão de Deus na imagem da esponja que absorve a água e neutraliza uma mancha na mesa.</p>		5 m	
	<p>3. Compreender qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus</p>	<p>- O Anúncio do Reino de Deus: a vitória definitiva do bem, da justiça e do amor</p>	<p>Posteriormente, será apresentado um conjunto de diapositivos sobre o acolhimento e o perdão de Deus que Jesus dá a conhecer pelos Evangelhos.</p>	<p>- Projetor de vídeo - Computador</p>	5 m	<p>- Curiosidade e interesse na atividade proposta</p>
		<p>- Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura</p>	<p>Inserido na apresentação, encontra-se um vídeo a relatar o episódio bíblico da <i>Mulher adúltera</i> (Jo 8, 3-11). Esta passagem bíblica pretende transmitir a confiança do próprio Jesus em Deus Pai e o acolhimento / perdão de Deus para com os marginalizados devido ao pecado.</p>			
		<p>- O perdão de Deus e a necessidade de arrependimento</p>	<p>Segue-se a realização de uma atividade que consiste na elaboração de uma banda desenhada em seis vinhetas acerca da Parábola da Mulher adúltera.</p>	<p>-Ficha de trabalho policopiada</p>	20 m	<p>- Interesse, motivação e participação nos trabalhos propostos</p>

			<p>Síntese: Aos alunos serão pedidas cinco palavras a preencher na ficha de trabalho, acerca dos conteúdos abordados na aula. O conjunto de todas as palavras será o conteúdo, numa aula posterior, de uma nuvem (Cloud) de palavras acerca da Pessoa de Jesus.</p>	<p>- Esferográfica e lápis.</p>	<p>5 m</p>	
--	--	--	--	---------------------------------	------------	--

Interdisciplinaridade com as disciplinas de Ciências Naturais e Educação Visual



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas de Mundão
Ano letivo 2015/2016

Planificação de Aula (4 de 6)

Unidade Letiva 2: “Jesus, um Homem para os
Outros”

Aula n.º 22

Ano: 6º | Turma: D

Data: 03/03/2016

Tempo previsto: 45m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			- Acolhimento aos alunos - Registo do sumário	- Computador - Quadro - Caderno diário	5 m	- Assiduidade - Pontualidade dos alunos
SUMÁRIO: A demanda dos poderosos contra Jesus e as causas da sua condenação.						
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história (Domínio: religião e experiência religiosa)	1- Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o	-Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias (Cristo). O Filho de Deus	Um dos alunos escreve o sumário no quadro e os restantes colegas registam o mesmo no caderno diário. Para iniciar a aula o professor convida os alunos a cantar a canção <i>Minha força és Tu</i> . Como suporte de ajuda ao canto é disponibilizado um vídeo com a letra. Este contém imagens alusivas à Paixão e à Ressurreição de Jesus, temas a abordar no desenvolvimento da aula.	- Esferográfica - Caderno diário	5 m	- Atenção e empenho nas tarefas propostas

E. Identificar o núcleo fundamental do cristianismo e do catolicismo (Domínio: cultura cristã e visão cristã da vida)	centro da identidade cristã		Ainda na sequência da temática do perdão, o professor fará uma pequena experiência a simbolizar o perdão. Num prato coloca várias moedas que representam as pessoas. É vertida água com um corante que simboliza os pecados que <i>submergem</i> as pessoas. É colocada uma vela a arder, representando a Luz de Cristo, e, por cima desta, um copo de vidro transparente. A vela a arder provocará vácuo dentro do copo, o que faz sugar a água do prato para as margens interiores do copo invertido que está colocado sobre a vela que arde, representando os pecados que são perdoados ou afastados pelo perdão de Jesus.	- Vela, prato, moedas e água tingida.	10 m	- Curiosidade e interesse na atividade proposta
	2 - Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã	-O Anúncio do Reino de Deus: a vitória definitiva do bem, da justiça e do amor -Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura	O professor disponibilizará um PowerPoint relativo aos grupos dos Saduceus, dos Fariseus e dos Sacerdotes, principais mentores da causa contra Jesus no seu julgamento. Incidirá também sobre a Prisão de Jesus no Getsémani.	- Projetor de vídeo - Computador	10 m	- Intervenções fundamentadas
	3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus	- O perdão de Deus e a necessidade de arrependimento - O conflito com os poderosos: os saduceus, os fariseus, os romanos.	Apresentação de um vídeo sobre o julgamento de Jesus por Pilatos. Exploração do filme com o intuito de, a partir da morte de Jesus, retirar ensinamentos para a vida concreta.		10 m	- Interesse, motivação e participação nos trabalhos propostos

			<p>Síntese: Por fim, como consolidação dos conhecimentos e síntese final, o professor propõe a elaboração de uma ficha de trabalho com a proposta de um crucigrama para que os alunos preencham. Serão pedidas seis palavras a preencher na ficha de trabalho, acerca dos conteúdos abordados na aula. O conjunto de todas as palavras será o conteúdo, numa aula posterior, de uma nuvem (Cloud) de palavras acerca da Pessoa de Jesus. A aula finaliza com a distribuição a cada aluno de um pequeno livro com o texto bíblico da Paixão de Jesus.</p>	<p>-Ficha de trabalho policopiada - Esferográfica e lápis.</p>	5 m	
--	--	--	---	--	-----	--

Interdisciplinaridade com as disciplinas de Ciências Naturais e História e Geografia de Portugal.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas de Mundão
Ano letivo 2015/2016

Planificação de Aula (5 de 6)

Unidade Letiva 2: “Jesus, um Homem para os
Outros”

Aula n.º 23

Ano: 6º | Turma: D

Data: 10/03/2016

Tempo previsto: 45m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			- Acolhimento aos alunos - Registo do sumário	- Quadro - Caderno diário	5 m	- Assiduidade - Pontualidade dos alunos
SUMÁRIO: A condenação, a Paixão e a Morte de Jesus Cristo. Ficha de trabalho.						
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história E. Identificar o núcleo fundamental do cristianismo e do catolicismo	1- Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã	-Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias (Cristo). O Filho de Deus -A ressurreição, Jesus Cristo é o	- Um dos alunos escreve o sumário no quadro e os restantes colegas registam o mesmo no caderno diário. Para iniciar a aula o professor convida os alunos a refletir sobre os conteúdos abordados na última aula, nomeadamente acerca dos acontecimentos da Paixão e Morte de Jesus Cristo.	- Esferográfica - Caderno diário	5 m	-Atenção e empenho nas tarefas propostas

<p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do cotidiano</p> <p>(Domínio: Religião e experiência religiosa)</p> <p>(Domínio: Cultura cristã e Visão cristã da vida)</p> <p>(Domínio: Ética e Moral)</p>	<p>2 - Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã</p>	<p>Senhor, Jesus é o Filho de Deus</p> <p>-Deus quer a vida e não a morte</p>	<p>Apresentação de um vídeo sobre a Ressurreição e Ascensão de Jesus Cristo. Exploração do filme através do diálogo com os alunos.</p> <p>Visualização de um PowerPoint alusivo à Páscoa, acontecimento que celebra a Ressurreição de Jesus Cristo, e às implicações na vida dos cristãos.</p>	<p>-Projektor de vídeo</p> <p>-Computador</p>	5 m	<p>-Intervenções fundamentadas</p> <p>-Curiosidade e interesse na atividade proposta</p> <p>-Interesse, motivação e participação nos trabalhos propostos</p>
	<p>3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus</p>		<p>Elaboração de um cartaz pela turma que consiste na coloração / preenchimento de uma cruz desenhada numa folha A3, através da impressão do dedo em várias cores, de modo a preencher o desenho com o formato da cruz.</p>	<p>-Projektor de vídeo</p> <p>-Computador</p>	5 m	
	<p>4. Reconhecer a Ressurreição de Jesus Cristo como vitória da Vida sobre a morte</p>		<p>Realização de uma ficha de trabalho que consiste na descoberta de uma imagem através da ligação de pontos numerados que formarão uma representação da Ascensão de Jesus Cristo.</p>	<p>-Tintas guache e cartaz</p>	10 m	
			<p>Síntese: Aos alunos serão pedidas cinco palavras a preencher na ficha de trabalho,</p>	<p>-Ficha de trabalho policopiada</p> <p>-Esferográfica e lápis.</p>	10 m	
				<p>- Esferográfica e lápis.</p>	5 m	

			acerca dos conteúdos abordados na aula. O conjunto de todas as palavras será o conteúdo, numa aula posterior, de uma nuvem (Cloud) de palavras acerca da Pessoa de Jesus.			
--	--	--	---	--	--	--

Interdisciplinaridade com as disciplinas de Educação Visual e História e Geografia de Portugal.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas de Mundão
Ano letivo 2015/2016

Planificação de Aula (6 de 6)

Unidade Letiva 2: “Jesus, um Homem para os
Outros”

Aula n.º 23

Ano: 6º | Turma: D

Data: 17/03/2016

Tempo previsto: 45m

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			- Acolhimento aos alunos - Registo do sumário	- Quadro - Caderno diário	5 m	- Assiduidade - Pontualidade dos alunos
SUMÁRIO: A Ressurreição e a Ascensão de Jesus Cristo. Ficha de trabalho.						
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	1- Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã	-Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias (Cristo). O Filho de Deus	Um dos alunos escreve o sumário no quadro e os restantes colegas registam o mesmo no caderno diário.	- Esferográfica - Caderno diário	5 m	-Atenção e empenho nas tarefas propostas
E. Identificar o núcleo fundamental do cristianismo e do catolicismo		-A ressurreição, Jesus Cristo é o	Ainda na temática do perdão e porque os alunos foram convidados a participar no sacramento da Reconciliação no último dia de aulas do segundo período, o professor fará uma pequena experiência para simbolizar o perdão. Após um aviso de segurança, devido ao manuseamento de substâncias não	- Prato com água - Pimenta em pó - Detergente	10 m	

<p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do cotidiano</p> <p>(Domínio: Cultura cristã e Visão cristã da vida)</p> <p>(Domínio: Ética e Moral)</p>	<p>2 - Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã</p>	<p>Senhor, Jesus é o Filho de Deus</p> <p>-Deus quer a vida e não a morte</p>	<p>comestíveis, num pequeno prato é colocada água somente a cobrir a superfície. A água é polvilhada com pimenta branca em pó. A pimenta flutuará sem que seja absorvida pela água. De seguida, o professor coloca uma gota de detergente de loiça e acontece que a pimenta à superfície gradualmente submerge na água. Com esta experiência pretende-se formular um exemplo de natureza física acerca do que é o sacramento da Reconciliação</p> <p>O professor disponibilizará um vídeo de uma música “Vasos de barro”¹⁰⁵ e convidará ao diálogo acerca da letra que incide sobre a Ressurreição de Jesus e as consequências vivenciais para a vida dos cristãos. Posteriormente, será entregue a cada elemento uma cartolina de tamanho A6 e o professor convidará e encorajará à escrita de um compromisso pessoal na construção de um mundo melhor com os outros.</p> <p>Síntese: O professor disponibilizará o cartaz com as várias palavras que os alunos foram escrevendo ao longo das aulas e instigará a</p>	<p>-Projektor de vídeo</p> <p>-Computador</p> <p>-Ficha de trabalho policopiada</p> <p>-Esferográfica e lápis.</p> <p>- Cartaz</p>	<p>10 m</p>	<p>-Intervenções fundamentadas</p> <p>-Curiosidade e interesse na atividade proposta</p> <p>-Interesse, motivação e participação nos trabalhos propostos</p>
	<p>3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus</p> <p>4. Reconhecer a Ressurreição de Jesus Cristo como vitória da Vida sobre a morte</p>				<p>15 m</p>	

¹⁰⁵ A letra e a música são da autoria de Ângelo dos Santos Pereira interpretado pelo “Grupo das Terças”.

			<p>usarem alguma ideia relativa ao que estes escreveram acerca de Jesus Cristo. A cartolina ficará para cada um, não tendo sido devolvida ou divulgado qualquer registo escrito dos alunos acerca do compromisso traçado.</p> <p>Em agradecimento à simpatia e respeito demonstrado pelos alunos, o professor distribuirá rebuçados no final da aula.</p>			
--	--	--	---	--	--	--

Interdisciplinaridade com as disciplinas de Educação Visual e História e Geografia de Portugal.

3.2 Planos de aula

3.2.1 Aula 1

Sumário: Introdução ao estudo da Unidade Letiva 2 “Jesus, um Homem para os Outros”. Jesus: Messias e marco importante na história. Elaboração de uma ficha de trabalho.

A primeira aula foi lecionada a 11 de fevereiro de 2016. Teve como metas a E. “Identificar o núcleo fundamental do cristianismo e do catolicismo” e a B. “Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”. Estas metas incluem-se no domínio “Cultura cristã e visão cristã da vida”. Os objetivos a atingir são: “Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã”, “Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã” e “Compreender qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus”.

A aula começou com um cumprimento recíproco e o professor pediu aos alunos que escrevessem o sumário no caderno diário. Para iniciar a UL “Jesus, um Homem para os outros”, os alunos foram convidados a visualizar uma pequena animação intitulada “A parábola da ovelha perdida”. Pretendeu-se com este momento inicial, introduzir o tema do amor de Deus anunciado por Jesus. Deus ama em primeiro lugar a humanidade e este amor é sem exclusão. A imagem do “pastor” é um exemplo de como Deus vela por todos. O desafio apresentado pela parábola é o “risco”, porventura, da segurança da humanidade, o conjunto maior, em contraposição a uma pequena parte exposta ao perigo. É análoga a imagem do pastor que resgata o elemento mais enfraquecido com a imagem de Deus que envia o seu Filho. Este envio não garante segurança, mas cumpre a vontade divina de resgatar

a humanidade mesmo com o sacrifício de Jesus. A humanidade pode ser associada à ovelha perdida pela nota da fragilidade.

Seguiu-se a visualização de um PowerPoint intitulado “Jesus Cristo” acerca dos principais momentos da vida de Jesus. O professor sugeriu aos alunos que lessem em voz alta os conteúdos da apresentação. Os alunos fizeram a leitura dos textos incluídos na apresentação, pela ordem dos lugares da sala. Proporcionou-se um diálogo com os alunos acerca da vida de Jesus, nomeadamente o nascimento, as circunstâncias da viagem de Maria e José à cidade de Belém com o motivo de recenseamento e o reconhecimento pelo anjo a Jesus como o Messias. A data do nascimento de Jesus marcou a inauguração de uma nova época. Para exemplificar a noção do nascimento de Jesus como marco importante na história cronológica, foi pedido aos alunos que colocassem a borracha de apagar lápis ao meio da mesa. Esta delimitação do espaço da mesa sugeriu que o marco, neste caso a borracha, divide o que está antes e o que está depois, ou seja, tal como a borracha marca o centro da mesa, assim o nascimento de Jesus marca um “antes” e um “depois”.

Após a visualização e a interpretação dos recursos temáticos apresentados, os alunos realizaram uma ficha de trabalho. Pretendeu-se que estes aplicassem os conteúdos abordados através de um exercício de palavras cruzadas acerca dos principais momentos e das principais personagens no acontecimento do nascimento de Jesus.

Como síntese da aula, o professor propôs a eleição de cinco palavras que caracterizassem a pessoa de Jesus. Com esta dinâmica pretendeu-se a construção de uma nuvem ou *cloud* em cartaz, para posteriormente ser afixada no painel da sala de aula e conterá os principais conceitos apreendidos acerca da temática abordada. Como trabalho de casa, o professor propôs aos alunos que completassem a ficha de trabalho em casa se ainda não estivesse finalizada.

3.2.2 Aula 2

Sumário: Correção do trabalho de casa. O Deus misericordioso de Jesus.

A segunda aula foi lecionada a 18 de fevereiro de 2016. Teve como meta a E. “Identificar o núcleo fundamental do cristianismo e do catolicismo”. Esta meta inclui-se no domínio “Cultura cristã e visão cristã da vida”. Os objetivos a atingir são: “Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã”, “Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã” e “Compreender qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus”.

A aula começou com um cumprimento recíproco e o professor pediu ao aluno com o número coincidente com o dia do mês que escrevesse o sumário no quadro e os restantes no caderno diário. O docente verificou a realização do trabalho de casa proposto na última aula e pediu que as respostas ao exercício de palavras cruzadas fossem escritas no quadro por alguns alunos escolhidos ao acaso.

Na aula anterior tinha surgido uma dúvida acerca do erro de cálculo na instauração do calendário cristão, nomeadamente o erro cometido por Dionísio, o Exíguo, quando presumiu a data do nascimento de Jesus. Relativo à pessoa de Jesus Cristo, Messias e marco na história, o docente convidou a um exercício de paralaxe operado a partir da observação pelos alunos do próprio dedo polegar. A paralaxe é a constatação da alteração aparente do dedo que é observado por um dos olhos de cada vez. Com esta observação alternada do próprio dedo, pretendeu-se verificar duas observações, um pouco diferentes, do mesmo dedo examinado. Com este exemplo constatou-se que o mesmo objeto tem duas observações diferentes se o ponto de vista for alterado.

Após o procedimento da observação, o docente expõe uma apresentação sobre Jesus, Messias já anunciado no AT através do profeta Miqueias (Mq 5, 1.3-4), e sobre Jesus, o homem histórico e testemunhado documentalmente por Tácito, historiador dos império romano. O docente alertou para a possibilidade e para a concordância entre as duas formas de ver o mesmo objeto, as duas observações sob diferentes ângulos de visão. A mesma concordância ocorreu na pessoa de Jesus Cristo, porque o relato histórico da sua pessoa em nada se opõe ao facto de ser o Messias. Efetuar uma paralaxe ou uma observação de perspectiva diferente da mesma pessoa não provoca uma incompatibilidade, mas, pelo contrário, uma consonância de duas observações acerca do mesmo objeto observado.

Como síntese final, o professor pediu que escrevessem cinco palavras na segunda página da ficha de trabalho da aula anterior, para que houvesse uma continuidade e também evitando repetições de palavras para associar à pessoa de Jesus.

3.2.3 Aula 3

Sumário: O perdão de Deus no episódio bíblico da *Mulher adúltera*.

Elaboração de uma banda desenhada.

A terceira aula foi lecionada a 25 de fevereiro de 2016. Teve como meta a E. “Identificar o núcleo fundamental do cristianismo e do catolicismo”. Esta meta inscreve-se no domínio “Cultura cristã e visão cristã da vida”. Os objetivos a atingir são: “Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã”, “Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã” e “Compreender qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus”.

A aula começou com um cumprimento recíproco e o professor pediu ao aluno com o número coincidente com o dia do mês que escrevesse o sumário no quadro e os restantes no caderno diário.

O professor iniciou a aula operando um exemplo do perdão de Deus que Jesus dá a conhecer à Humanidade. O docente, munido de uma garrafa de água e de uma esponja, entornou uma pequena quantidade de água numa das mesas da sala e, de seguida, utilizou uma esponja para absorver e limpar a água derramada na mesa. Com este exemplo pretendeu-se estabelecer uma analogia entre a culpa do pecado presente no homem, a água derramada na mesa, e a ação do perdão de Deus na imagem da esponja que absorve a água e neutraliza uma hipotética mancha na mesa.

De seguida, apresentou um conjunto de diapositivos sobre o acolhimento e o perdão de Deus que Jesus dá a conhecer pelos Evangelhos. Inserido na apresentação, encontrava-se um vídeo a relatar o episódio bíblico da “Mulher adúltera” (Jo 8, 3-11). Com esta passagem bíblica pretendeu-se transmitir a confiança do próprio Jesus em Deus Pai e o acolhimento

pelo perdão de Deus para com os marginalizados devido ao pecado. O professor, através deste episódio bíblico, tornou patente, em primeiro lugar, a relação de Jesus com Deus Pai misericordioso que oferece a possibilidade de voltar à comunhão antes rompida pelo pecado, e, em segundo lugar, o exemplo de Jesus a manifestar o efeito do perdão de Deus através da reintegração na comunidade e do regresso à pertença do Povo de Deus. Jesus manifesta a “ligação” com Deus pelo perdão do que antes tinha sido “desligado” pelo pecado. O regresso ou a reintegração na comunidade que Jesus operava através do perdão dos pecados antevê o sacramento da Reconciliação, posteriormente concedido à Igreja.

O professor apresentou como atividade a elaboração de uma banda desenhada. Entregou uma folha com seis vinhetas em branco para que os alunos preenchessem com desenhos, falas e legendas e assim narrassem a história da “Mulher adúltera” ao gosto de cada um. O professor não indicou qual o momento da história a representar em cada vinheta, deixando ao critério de cada um a eleição dos momentos principais da história a reproduzir.

Por fim, pediu aos alunos que escrevessem cinco palavras na folha da ficha de trabalho anterior acerca da pessoa de Jesus, interveniente na história e promotor do perdão e da misericórdia de Deus.

3.2.4 Aula 4

Sumário: A demanda dos poderosos contra Jesus e as causas da sua condenação.

Ficha de trabalho.

A quarta aula foi lecionada a 3 de março de 2016. Teve como metas a B. “Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história” e a E. “Identificar o núcleo fundamental do cristianismo e do catolicismo”. Estas metas inscrevem-se no domínio “Cultura cristã e visão cristã da vida”. Os objetivos a atingir são: “Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã”, “Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã” e “Compreender qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus”.

A aula começou com um cumprimento recíproco e o professor pediu ao aluno com o número coincidente com o dia do mês que escrevesse o sumário no quadro e os restantes no caderno diário.

Para iniciar a aula o professor convidou os alunos a cantar a canção “Minha força és Tu”. Como suporte de ajuda ao canto foi disponibilizado um vídeo com a letra. Este continha imagens alusivas à Paixão e a Ressurreição de Jesus, temas abordados no desenvolvimento da aula.

Ainda na sequência da temática do perdão, o professor fez uma pequena experiência a simbolizar o perdão dos pecados. Primeiro o pecado como uma realidade envolvente que cerca a pessoa, e segundo, Deus que altera a consequência do pecado na pessoa, através da reconciliação que reincorpora a pessoa no Povo de Deus. Num prato o professor colocou uma moeda que representa a pessoa. Foi vertida água com um corante que representou os pecados que “submerge” a pessoa e foi colocada na água uma vela a arder, simbolizando a

Luz de Cristo, e, por cima desta, um copo de vidro transparente. A vela a arder provocou vácuo dentro do copo, o que fez sugar a água do prato para as margens interiores do copo invertido que estava colocado sobre a vela que ardia, representando, assim, os pecados que são perdoados ou afastados pelo perdão de Jesus.

De seguida, o professor disponibilizou um PowerPoint relativo aos grupos dos Saduceus, dos Fariseus e dos Sacerdotes, principais mentores da causa contra Jesus no seu julgamento. Incidiu, também, sobre a Prisão de Jesus no Getsémani. Os grupos dos Saduceus, dos Fariseus e dos Sacerdotes foram os sujeitos incriminadores de Jesus, acusando-o dos crimes de usurpação da filiação divina e da proclamação de ser o Messias-Rei. Tais acusações refletiam, no enquadramento jurídico, um crime de traição, punível com a morte. Esta demanda dos chefes religiosos procurou a anuência da chefia civil na figura de Pilatos, porque a pena de morte estava reservada ao perfeito romano. O professor apresentou um vídeo sobre o julgamento de Jesus por Pilatos e a sua exploração com o intuito de, a partir da morte de Jesus, retirar ensinamentos para a vida concreta.

Por fim, como consolidação dos conhecimentos e síntese final, o professor propôs a elaboração de uma ficha de trabalho com a proposta de um crucigrama que os alunos preencheram. Foram pedidas seis palavras para serem preenchidas na ficha de trabalho, acerca dos conteúdos abordados na aula ligados à Paixão de Jesus. O conjunto de todas as palavras será o conteúdo, numa aula posterior, de uma nuvem (Cloud) de palavras acerca da Pessoa de Jesus. A aula finalizou com a distribuição a cada aluno de um pequeno livro com o texto bíblico da Paixão de Jesus.

3.2.5 Aula 5

Sumário: A condenação, a Paixão e a Morte de Jesus Cristo.

Ficha de trabalho.

A quinta aula foi lecionada a 10 de março de 2016. Teve como metas a B. “Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”, a E. “Identificar o núcleo fundamental do cristianismo e do catolicismo” e a M. “Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano”. Estas metas inscrevem-se no domínio “Cultura cristã e visão cristã da vida”. Os objetivos a atingir são: “Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã”, “Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã”, “Compreender, pela interpretação de textos bíblicos qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus” e “Reconhecer a Ressurreição de Jesus Cristo como vitória da Vida sobre a morte”.

A aula começou com um cumprimento recíproco e o professor pediu ao aluno com o número coincidente com o dia do mês que escrevesse o sumário no quadro e os restantes no caderno diário.

Para iniciar a aula o professor convidou os alunos a refletir sobre os conteúdos abordados na última aula, acerca dos acontecimentos envolventes à condenação de Jesus Cristo, nomeadamente os intervenientes no processo no tribunal religioso e no tribunal civil.

Ainda na sequência da temática dos momentos finais da vida de Jesus, o professor apresentou um vídeo sobre a Ressurreição e a Ascensão. Seguiu-se um momento de exploração do vídeo em causa, em diálogo moderado pelo professor. Pretendeu-se demonstrar o acontecimento da Ressurreição sob a ótica das testemunhas do sepulcro vazio e posterior narração e relato destas à comunidade envolvente. Os acontecimentos entre a

Ressurreição e a Ascensão, como o aparecimento de Jesus a Tomé, foram também objeto de reflexão dialogada entre o professor e os alunos.

Foi visualizado um PowerPoint alusivo à Páscoa, acontecimento que celebra a Ressurreição de Jesus Cristo, e às implicações na vida dos cristãos. Na exploração deste conteúdo visual, também houve o recurso ao diálogo entre o professor e os alunos, tendo como tônica a implicação ética e moral dos acontecimentos trabalhados na aula. Dialogou-se acerca da importância do compromisso cristão na vida das pessoas e o valor da participação no sacramento da eucaristia como recordação e memória do sacrifício de Jesus.

Foi elaborado um cartaz pela turma que consistiu na coloração / preenchimento de uma cruz desenhada numa folha A3, através da impressão do dedo em várias cores, de modo a preencher o desenho com o formato da cruz. Esta atividade coletiva foi um testemunho pessoal, através da impressão digital, do símbolo maior dos cristãos, a cruz.

Por fim, como consolidação de conhecimentos e síntese final, o professor propôs a elaboração de uma ficha de trabalho com a proposta de ser ligada uma série de pontos numerados que, no fim, formou uma imagem respeitante à Ascensão de Jesus ao céu. Para concluir, o professor pediu que escrevessem cinco palavras na folha da ficha de trabalho acerca da pessoa de Jesus.

3.2.6 Aula 6

Sumário: A Ressurreição e a Ascensão de Jesus Cristo.

Ficha de trabalho.

A sexta aula foi lecionada a 17 de março de 2016. Teve como metas a B. “Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história” e a E. “Identificar o núcleo fundamental do cristianismo e do catolicismo”. Estas metas inscrevem-se nos domínios “Religião e experiência religiosa” e “Cultura cristã e visão cristã da vida”. Os objetivos a atingir são: “Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã” e “Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã”.

Um dos alunos escreve o sumário no quadro e os restantes colegas registam o mesmo no caderno diário. Para iniciar a aula o professor convida os alunos a dialogar acerca das temáticas abordadas na aula anterior, nomeadamente acerca da Ressurreição e da Ascensão e compromisso cristão associado e influenciado por Jesus.

Ainda na temática do perdão e porque os alunos foram convidados a participar no sacramento da Reconciliação no último dia de aulas do segundo período, o professor fez uma pequena experiência a simbolizar o perdão. Após um aviso de segurança devido ao manuseamento de substâncias não comestíveis, num pequeno prato foi colocada água somente a cobrir a superfície. A água foi polvilhada com pimenta branca em pó. A pimenta flutuou sem que fosse absorvida pela água. De seguida, o professor colocou uma gota de detergente de loiça e aconteceu que a pimenta à superfície gradualmente submergiu na água. Com esta experiência pretendeu-se formular um exemplo de natureza física acerca do que é o sacramento da reconciliação. À pimenta assemelhar-se-iam os pecados e ao perdão

sacramental a gota de detergente que limpa e torna lúcido o que estava encoberto. Nesta experiência as propriedades físicas da pimenta em póvilho permitiram que flutuasse à superfície da água, porque as ligações naturais entre as várias partículas permitem que estas flutuem sobre a água. Ao adicionar uma pequena quantidade de detergente, quebrou-se a estrutura molecular devido às suas propriedades surfactantes, provocando uma separação nas partículas de pimenta à superfície da água e, assim, submergiram.

De seguida, o professor disponibilizou um vídeo da uma música “Vasos de barro”¹⁰⁶ e convidou ao diálogo acerca da letra que incidiu sobre a Ressurreição de Jesus e as consequências vivenciais para a vida dos cristãos.

Posteriormente, foi entregue a cada elemento uma cartolina de tamanho A6 e o professor convidou e encorajou à escrita de um compromisso pessoal na construção de um mundo melhor com os outros. Ao mesmo tempo disponibilizou o cartaz com as várias palavras que os alunos foram escrevendo ao longo das aulas e instigou a usarem alguma ideia relativa ao que os alunos escreveram acerca de Jesus Cristo. A cartolina com o compromisso escrito ficou para cada um, não tendo sido divulgado qualquer ideia dos alunos acerca do compromisso traçado. Em agradecimento à simpatia e respeito demonstrado pelos alunos, o professor distribuiu rebuçados no final da aula.

¹⁰⁶ A letra e a música são da autoria de Ângelo dos Santos Pereira interpretado pelo “Grupo das Terças”.

CONCLUSÃO

Ao terminar esta investigação, uma conclusão se afigura: o protagonista é a pessoa de Jesus Cristo. Esta conclusão não é infundada, mas provém do contributo que a vida de Jesus imprime, enquanto fundamento e razão de existência, à disciplina de EMRC.

A lecionação da UL2 que decorreu na disciplina de Prática de Ensino Supervisionada constituiu um contributo maior na minha formação enquanto docente. A pessoa de Jesus e a sua mensagem, fundamento da disciplina de EMRC, são o sentido da existência da mesma, na medida em que só a partir do exemplo de Jesus é que se pode fundar e oferecer um horizonte de sentido. A cristologia e a eclesiologia foram contribuições valiosas para a reflexão acerca da exemplaridade de Jesus e da sua presença entre nós.

A reflexão sobre a vida concreta de Jesus teve como característica a coincidência entre o anunciado e o nascido em Belém. A mesma coincidência se verificou numa das sessões onde a mesma pessoa de Jesus coincidia entre o relato bíblico e o relato histórico de figuras exteriores ao cristianismo. Não obstante à Ressurreição também se aplica a mesma axialidade entre o Jesus que morreu e o Jesus testemunhado pelos discípulos e pelos apóstolos. A edificação da Igreja não foi mais que uma consequência do Ressuscitado e do Pentecostes e, por isso, é que num dos pontos a Igreja é associada ao lugar de Jesus Cristo e, simultaneamente, templo do Espírito Santo.

A lecionação da UL “Jesus, um homem para os outros” permitiu realizar uma reflexão sobre o contributo da disciplina de EMRC para a escola. A referência maior, Jesus Cristo, é o exemplo a transmitir para que a comunidade escolar assuma a promoção do bem comum como prioritário, munindo-se do acolhimento e do perdão como um caminho para o encontro com Deus e com o próximo. É pela força do exemplo de Jesus que se pretende fomentar o

sentido da disciplina de EMRC. A decisão moral que visa o bem do próximo situa-se distante de uma adequação ao que é permitido ou ao que é obrigatório. O cerne desta escolha é a vida de Jesus no sentido em que, a partir dos episódios bíblicos apresentados, se oferece uma exemplaridade solidária de Jesus através da consideração do outro como prioritário e merecedor da atitude de amor.

A humanização do próximo é uma consequência decorrente do exemplo de Jesus. A individualização do outro é antítese do amor ao próximo. Evitar o rosto do próximo é o mesmo que individualizar uma parte da comunidade, negando-lhe a característica da humanidade presente em cada um. A disciplina de EMRC é potenciada pela relação a Jesus na medida em que se pretende fomentar a relação da comunidade humana com Jesus e valorizar a pessoa, sujeito do amor ao próximo: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 15, 12). É este convite ao amor que influi a disciplina de EMRC, porque desde logo referencia a fonte do amor e potencia a consequência deste mesmo amor quando exemplificado. São as naturezas da relação e da abertura ao próximo que se pretendem como elementos estruturadores para a construção da comunidade escolar e, extrapolando, da comunidade humana. A UL “Jesus, um homem para os outros” é um esforço na composição de uma tessitura entre a vida de Jesus e a vida de cada um na sua situação específica, onde as tónicas do acolhimento e do perdão manifestam o amor como eixo fundamental da relação e da vida humanas.

O professor de EMRC, ainda que seja o sujeito na transmissão de conteúdos programáticos, deve ser alguém que considere a caminhada dos alunos até Jesus como o cerne da disciplina, ou seja, deve ensiná-los a acolher Jesus e a deixarem-se guiar pelo Jesus que dá a mão.

Assim sendo, com a conclusão desta nova etapa no meu percurso de formação, considero-me mais enriquecido e desperto para encarar os desafios que surgirão ao longo do meu percurso pessoal e profissional e difundir a mensagem de Jesus nas aulas de EMRC.

Bibliografia

- Bergoglio, Jorge Mario. *Algunas reflexiones en torno al tema de la corrupción*. México DF: Ediciones Asociación Mexicana de Promoción y Cultura Social, 2016.
- Bíblia Sagrada*, Fátima: Difusora Bíblica, 2015.
- Bovon, François. *El Evangelio segun San Lucas Lc 1-9 I*. Salamanca: Sígueme, 1995.
- Bovon, François. *El Evangelio segun San Lucas (Lc 15, 1 –19,27) II*. Salamanca: Sígueme, 2004.
- Bueno de la Fuente, Eloy. *Eclesiología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998.
- Cantalamessa, Raniero. *La Pascua de nuestra salvación. Tradiciones pascales de la Biblia y de la Iglesia primitiva*. Bogotá: Editorial San Pablo, 2007.
- Cardedal, Olegario, Gonzalez Faus, José, e Ratzinger, Joseph. *Salvador del mundo: Historia y actualidad de Jesucristo*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1997.
- Carvalho, José Ornelas. "Origem e evolução do messianismo em israel." *Didaskalia* 30 (2000): 29-51.
- Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.
- Conferência Episcopal Portuguesa. "Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade." *Pastoral Catequética* 5 (2006): 7-16.
- Congregação para o Clero, *Diretório Geral para a Catequese* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1998)
- Correia, João Alberto Sousa, "A hospitalidade na construção da identidade cristã. Um leitura de Lc 24, 13-35 em chave narrativa." *Theologica* 49, 1, (2014): 105-118.
- Correia, João Alberto Sousa, "A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia (I)." *Theologica* 43, 1, (2008):195-213.

- Couto, António Sílvio, “A Igreja peregrina à luz da Trindade na eclesiologia de Yves Congar,” *Didaskalia* 34 (2004): 145-194
- Concílio Vaticano II, Declaração “Gravissimum Educationis” sobre a Educação Cristã, (28 de outubro de 1965): AAS 58 (1966), 728-739.
- Denzinger, Heirich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja Católica*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2006.
- De Lange, Nicholas. *Introduction to Judaism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- Dumais, Marcel. *El Sermón de la montaña (Mateo 5-7)*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1998.
- Fabris, Rinaldo. *Jesus de Nazaret, História e Interpretación*. Salamanca: Sígueme, 1985.
- García Paredes, José Cristo Rey. *Mariología*. Salamanca: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.
- Gonzalez de Cardedal, Olegario. *Cristologia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.
- Gonzalez de Cardedal, Olegario. *Fundamentos de Cristología II*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006.
- Gonzalez de Cardenal, Olegario. *El Quehacer de la Teología*. Salamanca: Biblioteca de Autores Cristianos, 2008.
- Haight, Roger. *Jesús, símbolo de Deus*. Madrid: Editorial Trotta, 1999.
- Jeremias, Joachim. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Paulos Editora, 2007.
- Jeremias, Joachim, *Abba. El mensaje central del Nuevo Testamento*, Salamanca: Sígueme, 2005.
- João Paulo II. *La virgen Maria: Catequesis sobre el Credo*. Madrid: Editorial Palabra, 2001.

- Kasper, Walter. *Jesús, El Cristo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1978.
- Lourenço, João. "Os samaritanos: um enigma na história bíblica." *Didaskalia* 15 (1985): 49-77.
- Meier, John Paul. *Un judío marginal. Nueva visión del Jesús histórico* III. Estella: Editorial Verbo Divino, 2003.
- Merino, Luiz Diez. "El cordero de Dios en la literature intertestamental" in Flores Florentino: *Dead Sea scrolls and other early jewish studies in honor of Florentino Garcia Martinez*. Boston: Brill Academic Publishers, 2007.
- Pagola, José Antonio. *Jesús. Aproximación histórica*. Madrid: PPC Editorial, 2007.
- Pikaza, Xabier. *Hijo de Hombre Historia de Jesús Galileo*. Valência: Editorial Tirant lo Blanch, 2007.
- Rahner, Karl. *Escritos de teología*. Madrid: Taurus, 1967.
- Ramos, Felipe Fernández. *Pasión de nuestro señor JesuCristo*. Salamanca: Editorial San Esteban, 2007.
- Schökel, Luis Alonso. *Biblia del Peregrino, Nuevo Testamento* III. Estella: Verbo Divino, 1997.
- Schottroff, Luise. *As parábolas de Jesus: uma nova hermenêutica*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007.
- Vilas Boas, Susana de Sousa. *O amor que salva. Uma leitura de Lc 7, 36-50*. Fátima: Difusora Bíblica, 2017.
- Torre Guerrero, Gonzalo. *Las Parábolas que Narró Jesús*. Quibdó: Ediciones Fundación Universitaria Claretiana, 2009.

Webgrafia

Agrupamento de Escolas de Mundão. "Projeto Educativo TEIP (2013/2017)"

Agrupamento de Escolas de Mundão,

https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=YWVtdW5kYW8ubmV0fGVzY29sYXxneDo1YzkyNDE5NjM2ZmVkNjQ2&fbclid=IwAR1dGVynP0gf45XFV7MQ961E4m_eNKB37s3XnBzJN_F_nkhpycp0qBo90L8

(acedido a 18 de maio de 2019).

Etymology Dictionay Online.

https://www.etymonline.com/word/hypostasis#etymonline_v_51248

(acedido a 14 de maio de 2019).

Secretariado Nacional da Educação Cristã, "Programa de Educação Moral e Religiosa Católica"

<http://www.educris.com/v2/emrc/4273-programa-de-emrc---edicao-2014>.

(acedido a 21 de junho de 2019).

ANEXOS

Aula 1

PowerPoint “Jesus, um Homem para os outros” (Aula 1)



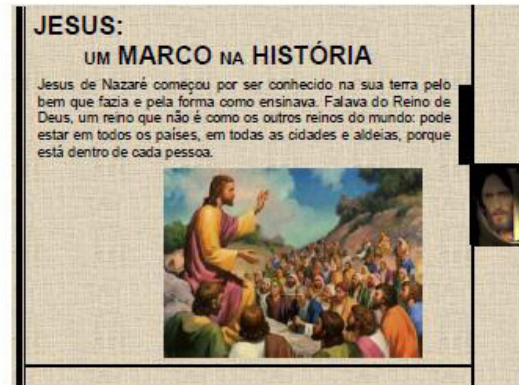
1



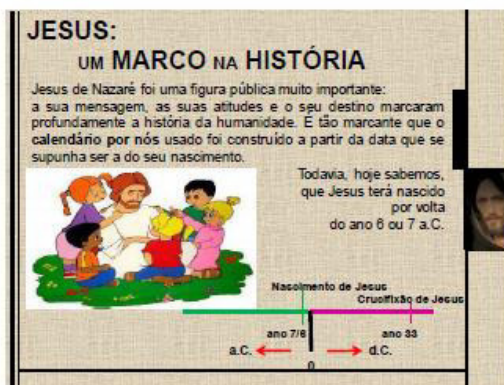
2



3



4



5



6

O calendário usado no Ocidente chama-se **Calendário Gregoriano**.



7

Na **Europa**, há **20.000 anos**, homens que viviam da caça e ainda não se tinham tornado sedentários, escavavam pequenos orifícios e riscavam traços em pedaços de ossos e madeira, possivelmente contando os dias entre as fases da Lua.



Os povos do **Crescente Fértil** e do **Egipto** já tinham calendários, há perto de **5.000 anos**.

Também os havia:
chineses
hebreus

índios na América.

Sabe-se que existiram aproximadamente **40 calendários**, muitos dos quais já não são usados.



8

Jesus nasceu em Belém de Judá, durante o império romano.



9

O pai de Jesus era José, carpinteiro de Nazaré, pequena cidade da Galileia.



10

Maria, era a mãe de Jesus.



11

Os seus pais eram judeus e viviam em Nazaré, na pequena província da Palestina, que fica no Médio Oriente. Falavam aramáico.



12

Estes tinham ficado sob o domínio romano, quando no ano 63 ac, as legiões de Pompeu tomaram Jerusalém. As populações conquistadas pelo Império, eram forçadas a contribuir para o sistema fiscal de Roma, através de pagamento de impostos. os governadores de Roma realizavam periodicamente, recenseamentos para atualização do registo dos seus contribuintes



13

César Augusto deu ordens para que todos os povos da Palestina, que estavam no domínio do império Romano, se recenseassem nos lugares de origem dos seus antepassados.



14

Foi nestas circunstâncias que José e Maria fizeram uma viagem de Nazaré para Belém quando Maria estava grávida de Jesus, já próximo do nascimento.



15

Trajetos desde Nazaré até Belém – 33 horas a caminhar (160 km).



16

O nascimento de Jesus é-nos relatado pelos Evangelistas São Lucas e São Mateus.



17

Ele é o Messias prometido por Deus.



18

Aula 2

PowerPoint “Jesus, um Homem para os outros”



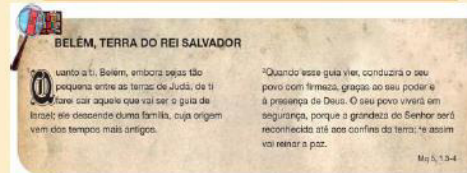
1



2

Jesus, o Messias Prometido

No Evangelho de Mateus, Jesus é aquele que **cumpr**a profecia do Antigo Testamento, referida no Livro de **Miqueias**. Este profeta anuncia o nascimento de um Messias, um Salvador enviado por Deus e esperado pelo povo e que **haveria** de nascer em **Belém**.



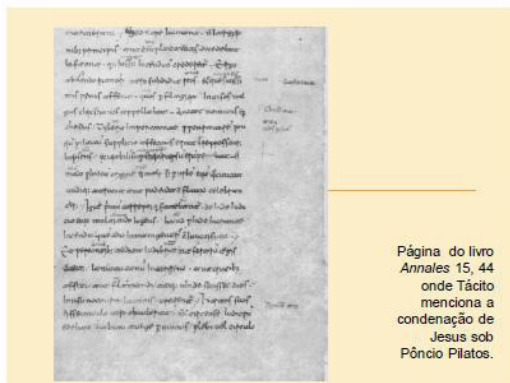
3

Uma boa referência histórica sobre Jesus foi escrita por Tácito no *Annales*.

Por conseguinte, para se livrar do relatório, Nero colocou a culpa e infligiu as mais requintadas torturas numa classe odiada pelas suas abominações, chamados cristãos pela população. “Christus”, de quem o nome teve sua origem, sofreu a penalidade extrema durante o reinado de Tibério às mãos de um de nossos procuradores, Pôncio Pilatos, e uma superstição mais perniciososa, portanto, marcada para o momento, mais uma vez surgiu não só na Judeia, a primeira fonte do mal, mas mesmo Roma, onde todas as coisas horríveis e vergonhosas de toda parte do mundo encontram o seu centro e se tornam populares.

Públio Cornélio Tácito

4



Página do livro *Annales* 15, 44 onde Tácito menciona a condenação de Jesus sob Pôncio Pilatos.

5



6

O Deus de Jesus

- ✦ O amor infinito e universal de Deus
- ✦ Deus não faz acepção de pessoas
- ✦ Ama até os que praticam o mal
- ✦ Jesus convive com os marginais



Aula 3

PowerPoint “A mulher adúltera”



1



2



3



4



5



6

O projecto de Deus

- Valorização dos bens espirituais vs bens materiais
- Felicidade e bens espirituais
- O «ser» +++
e o «ter» ---



7

Mudança de vida

- Apela à conversão
- Ao arrependimento
- Ao cumprimento da vontade de Deus



Jesus e Pedro, por James Tissot

8

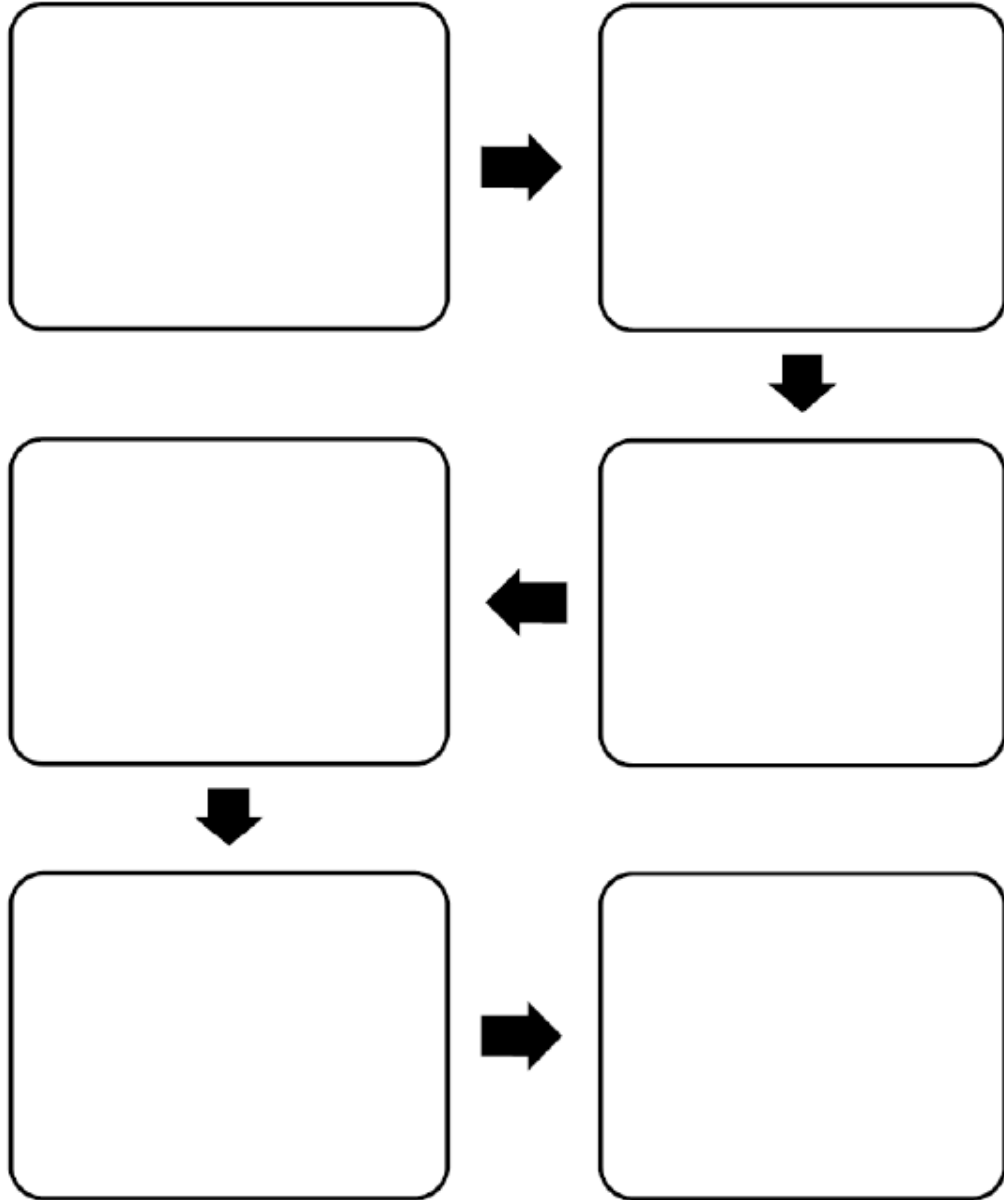
Ficha de trabalho

Nome _____ nº _____ Data ____ - ____ - ____

EMRC
MUNDÃO
2015/2016



Banda desenhada
Jesus e a mulher adúltera



Escreve cinco palavras à tua escolha sobre Jesus.

Aula 4

PowerPoint “A demanda dos poderosos contra Jesus”



1



2

O CONFLITO COM O PODER

Apesar da mensagem de amor de Jesus, nem todos gostavam dele, muitos deles eram importantes e poderosos.

Os **Saduceus** eram apegados às tradições. Davam especial importância às leis que estão na Bíblia, em especial, a Lei dada a Moisés e as tradições. Era um grupo que detinha muito poder e influência.

Os **Fariseus** eram um grupo religioso cujos membros observavam, rigorosamente, a Lei dada a Moisés e as tradições. Tratava-se de um grupo de classe média.

Os **Sacerdotes** eram religiosos que serviam no Templo.

3

JESUS É PRESO, JULGADO E CONDENADO

Jesus tinha consciência de que havia muitos que não gostavam dele e que queriam a sua morte.

Um dia, depois de ter jantado com os seus discípulos a Última Ceia

sairam todos de casa, já de noite.

4

Num campo de oliveiras chamado Getsêmani, Jesus ficou a rezar, enquanto os discípulos, cansados, adormeciam.

Na escuridão da noite, chegaram homens armados, enviados pelos chefes que não gostavam de Jesus.

Vinham prendê-lo, guiados por um dos discípulos, Judas Iscariotes, que tinha aceitado dinheiro para lhes indicar onde Jesus estava.

Quando o prenderam, todos os discípulos fugiram com medo.

5

Vinham prendê-lo, guiados por um dos discípulos, Judas Iscariotes, que tinha aceitado dinheiro para lhes indicar onde Jesus estava.


Quando o prenderam, todos os discípulos fugiram com medo.

6



Foi levado à presença do chefe dos sacerdotes, que se chamava Caifás. Começou então o seu julgamento. Contudo, não conseguiam encontrar razões para o condenarem.

7



Mc 14, 61-64

Mas Jesus continuava calado e nada respondia. Então o chefe dos sacerdotes tomou a perguntar-lhe: "És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?" E ele disse: "Sim, sou eu. Não-de ver o Filho do Homem à direita de Deus todo-poderoso chegar sobre as nuvens do céu."

Ao ouvir isto o chefe dos sacerdotes rasgou a roupa, em sinal de protesto, e disse: "Não precisamos de mais provas. Ouviram como ele ofendeu Deus! Que lhes parece?" Depois disto, todo o tribunal decidiu que Jesus devia ser condenado à morte.

8

Jesus não quis defender-se. Os julgamentos romanos decorriam, em geral, ao ar livre, abertos à multidão que se proporcionava que se pudessem manifestar.




9

Era importante que Jesus fosse condenado pela manhã. Como o prefeito romano, que se chamava Pôncio Pilatos não se preocupava com as questões religiosas, afirmaram que Jesus teria dito ser REI. Isso é verdade, mas o seu reino não era político, mas de amor.

Os chefes religiosos convenceram Pilatos de que Jesus era uma verdadeira ameaça à paz.

Esse sim foi um verdadeiro motivo que levou à condenação à morte, através da crucifixação, tendo sido primeiro flagelado.

Durante o percurso que os condenados faziam até ao lugar onde eram crucificados, tinham de carregar com uma parte da cruz. Chegados ao monte Gólgota (ou do Calvário), fora da cidade de Jerusalém, pregaram Jesus à cruz.



Os evangelistas não são unânimes, mas o mais provável é que Jesus tivesse morrido completamente sozinho, sem a presença de nenhum dos seus discípulos, que tinham fugido com medo de serem condenados com ele.

10

Ficha de trabalho

Agrupamento de Escolas de Mundão, Viseu

Educação Moral e Religiosa Católica—6º ano

Data ____ - ____ - ____

Nome _____ Turma ____ nº ____

1. Sobre o que falámos acerca de Jesus, completa o seguinte crucigrama.

Crucigrama.

Verticais

1. Província do norte da Palestina onde ficava a cidade de Nazaré.
2. Província ao sul da Palestina onde ficava a cidade de Belém.
3. Cidade onde, segundo o Evangelho de Lucas, Jesus nasceu.
4. Nome do pai de Jesus.
5. Nome atribuído a Jesus por ser aquele que cumpre a profecia de Miqueias.
6. Cidade onde vivia a família de Jesus.
7. Evangelista para quem Jesus é aquele que cumpre as profecias do Antigo Testamento.
8. Nome da mãe de Jesus.

Horizontais

1. Rei muito importante na história de Israel, que era antepassado de Jesus.
2. Motivo pelo qual, segundo o evangelista Lucas, Maria e José tiveram de se deslocar a Belém.
3. Pequena província do Império Romano e país dos Judeus, situada no Médio Oriente.
4. Nome do Imperador Romano que ordenou o recenseamento de todo o povo.
5. Profissão do pai de Jesus.
6. Língua falada pelos Judeus da Palestina no tempo de Jesus.
7. Evangelista que narra o nascimento de Jesus em Belém.

2. Escreve cinco palavras à tua escolha acerca de quem é para ti Jesus. Estas palavras servirão para preencher uma nuvem (Cloud) de todas as palavras de todos os alunos da turma.

Livro com o texto bíblico da Paixão de Jesus



(Marcos 14, 32 – 65)

Oração de Jesus em Getsémani - ³²Chegaram a uma propriedade chamada Getsémani, e Jesus disse aos discípulos: «Ficai aqui enquanto Eu vou orar.» ³³Tomando consigo Pedro, Tiago e João, começou a sentir pavor e a angustiar-se. ³⁴E disse-lhes: «A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai.» ³⁵Adiantando-se um pouco, caiu por terra e orou para que, se possível, passasse dele aquela hora. ³⁶E dizia: «Abbá, Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Mas não se faça o que Eu quero, e sim o que Tu queres.» ³⁷Depois, foi ter com os discípulos, encontrou-os a dormir e disse a Pedro: «Simão, dormes? Nem uma hora pudeste vigiar!» ³⁸Vigiai e orai, para não cederdes à tentação; o espírito está cheio de ardor, mas a carne é débil». ³⁹Retirou-se de novo e orou, dizendo as mesmas palavras. ⁴⁰E, voltando de novo, encontrou-os a dormir, pois os seus olhos estavam pesados; e não sabiam que responder-lhe. ⁴¹Voltou pela terceira vez e disse-lhes: «Dormi agora e descansai! Pois bem, chegou a hora. Eis que o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos

pecadores. ⁴²Levantai-vos! Vamos! Eis que chega o que me vai entregar.»

Prisão de Jesus - ⁴³E logo, ainda Ele estava a falar, chegou Judas, um dos Doze, e, com ele, muito povo com espadas e varapaus, da parte dos sumos sacerdotes, dos doutores da Lei e dos anciãos. ⁴⁴Ora, o que O ia entregar tinha-lhes dado este sinal: «Aquele que eu beijar é esse mesmo; prendei-o e levai-o bem guardado.» ⁴⁵Mal chegou, aproximou-se de Jesus, dizendo: «Mestre!», e beijou-o. ⁴⁶Os outros deitaram-lhe as mãos e prenderam-no. ⁴⁷Então, um dos que estavam presentes, puxando da espada, feriu o criado do Sumo Sacerdote e cortou-lhe uma orelha. ⁴⁸E tomando a palavra, Jesus disse-lhes: «Como se eu fosse um salteador, viesdes com espadas e varapaus para me prender! ⁴⁹Estava todos os dias junto de vós, no templo, a ensinar, e não me prendestes; mas é para se cumprirem as Escrituras.» ⁵⁰Então, os discípulos, deixando-o, fugiram todos.

Jesus no tribunal judaico - ⁵³Conduziram Jesus a casa do Sumo Sacerdote, onde se juntaram todos os sumos sacerdotes, os anciãos e os doutores da Lei. ⁵⁴E Pedro tinha-o

seguido de longe até dentro do palácio do Sumo Sacerdote, onde se sentou com os guardas a aquecer-se ao lume. ⁵⁵Ora os sumos sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam um testemunho contra Jesus a fim de lhe dar a morte, mas não o encontravam; ⁵⁶de facto, muitos testemunharam falsamente contra Ele, mas os testemunhos não eram coincidentes. ⁵⁷E alguns ergueram-se e proferiram contra Ele este falso testemunho: ⁵⁸«Ouvimo-lo dizer: 'Demolirei este templo construído pela mão dos homens e, em três dias, edificarei outro que não será feito pela mão dos homens.'» ⁵⁹Mas nem assim o depoimento deles concordava. ⁶⁰Então, o Sumo Sacerdote ergueu-se no meio da assembleia e interrogou Jesus: «Não respondes nada ao que estes testemunham contra ti?» ⁶¹Mas Ele continuava em silêncio e nada respondia. O Sumo Sacerdote voltou a interrogá-lo: «És Tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?» ⁶²Jesus respondeu: «Eu sou. E vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poder e vir sobre as nuvens do céu.» ⁶³O Sumo Sacerdote rasgou, então, as suas vestes e disse: «Que necessidade temos ainda de testemunhas? ⁶⁴Ouvistes a blasfémia! Que vos parece?» E

todos sentenciavam que Ele era réu de morte.
⁶⁵Depois, alguns começaram a cuspir-lhe, a cobrir-lhe o rosto com um véu e, batendo-lhe, a dizer: «Profetiza!» E os guardas davam-lhe bofetadas.

(Marcos 15, 1-15)

Jesus no tribunal romano: Pilatos – ¹Logo de manhã, os sumos sacerdotes reuniram-se em conselho com os anciãos e os doutores da Lei e todo o Sinédrio; e, tendo manietado Jesus, levaram-no e entregaram-no a Pilatos.
²Perguntou-lhe Pilatos: «És Tu o rei dos Judeus?» Jesus respondeu-lhe: «Tu o dizes.»
³Os sumos sacerdotes acusavam-no de muitas coisas.
⁴Pilatos interrogou-o de novo, dizendo: «Não respondes nada? Vê de quantas coisas és acusado!»
⁵Mas Jesus nada mais respondeu, de modo que Pilatos estava estupefacto.

Jesus e Barrabás – ⁶Ora, em cada festa, Pilatos costumava soltar-lhes um preso que eles pedissem.
⁷Havia um, chamado Barrabás, preso com os insurrectos que tinham cometido um assassinio durante a revolta.
⁸A multidão chegou e começou a pedir-lhe o que

ele costumava conceder.
⁹Pilatos, respondendo, disse: «Quereis que vos solte o rei dos judeus?»
¹⁰Porque sabia que era por inveja que os sumos sacerdotes o tinham entregado.
¹¹Os sumos sacerdotes, porém, instigaram a multidão a pedir que lhes soltasse, de preferência, Barrabás.
¹²Tomando novamente a palavra, Pilatos disse-lhes: «Então que quereis que faça daquele a quem chamais rei dos judeus?»
¹³Eles gritaram novamente: «Crucifica-o!»
¹⁴Pilatos insistiu: «Que fez Ele de mal?» Mas eles gritaram ainda mais: «Crucifica-o!»
¹⁵Pilatos, desejando agradar à multidão, soltou-lhes Barrabás; e, depois de mandar flagelar Jesus, entregou-o para ser crucificado.

(Marcos 15, 24 – 39)

Jesus crucificado e escarnecido – ²⁴Depois, crucificaram-no e repartiram entre si as suas vestes, tirando-as à sorte, para ver o que cabia a cada um.
²⁵Eram umas nove horas da manhã, quando o crucificaram.
²⁶Na inscrição com a condenação, lia-se: «O rei dos judeus.»
²⁷Com Ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita e o outro à sua esquerda.
²⁸Deste modo, cumpriu-se a passagem da Escritura que diz:

Foi contado entre os malfiteiros.
²⁹Os que passavam injuriavam-no e, abanando a cabeça, diziam: «Olha o que destrói o templo e o reconstrói em três dias!»
³⁰Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!»
³¹Da mesma forma, os sumos sacerdotes e os doutores da Lei troçavam dele entre si: «Salvou os outros mas não pode salvar-se a si mesmo!»
³²O Messias, o Rei de Israel! Desça agora da cruz para nós vermos e acreditarmos!» Até os que estavam crucificados com Ele o injuriavam.

Morte de Jesus – ³³Ao chegar o meio-dia, fez-se trevas por toda a terra, até às três da tarde.
³⁴E às três da tarde, Jesus exclamou em alta voz: «Eloí, Eloí, lemá sabachtáni?», que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?
³⁵Ao ouvi-lo, alguns que estavam ali disseram: «Está a chamar por Elias!»
³⁶Um deles correu a embeber uma esponja em vinagre, pô-la numa cana e deu-lhe de beber, dizendo: «Esperemos, a ver se Elias vem tirá-lo dali.»
³⁷Mas Jesus, com um grito forte, expirou.
³⁸E o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo.
³⁹O centurião que estava em frente dele, ao vê-lo expirar daquela maneira, disse: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!»

Letra da música “Minha força és Tu” (Banda Jota)

Minha força és Tu (3 x)

Não vai ruir,
esta casa que em ti ergo
Podem entrar:
chuvas, dores, mágoas, ventos.
És minha rocha,
que me abraça em ternura.
Se os rios movem,
os lagos sobem,
os mares podem transbordar
Não tenho medo,
és meu sustento,
em ti me vou edificar.

Minha força és Tu (4 x)

Faz-te ouvir.
Nos teus versos me alimento.

Para espalhar,
Tua Palavra ao mundo.
Tu és a marra,
pilar onde eu me prendo
Se as brisas sopram,
ventos levantam,
e a tempestade vai chegar
Não tenho medo,
és meu sustento,
em ti me vou edificar.

Minha força és Tu (4 x)

Se os rios movem,
os lagos sobem,
os mares podem transbordar
Não tenho medo,
és meu sustento,
em ti me vou edificar.

Minha força és Tu (4 x)

Aula 5

PowerPoint “A Páscoa de Jesus”



1



2

DEUS QUER A VIDA E NÃO A MORTE

Após a morte de Jesus parecia o fim. Estaria tudo perdido? Afinal Jesus não era o Enviado de Deus?

Se Ele vinha em nome de Deus, como podia Deus permitir que ele morresse daquela maneira? Mas Deus quer a vida e não a morte, mas para ressuscitar era necessário morrer. Para um flor nascer é necessário que a semente morra. Os seus amigos e discípulos puderam vê-lo ressuscitado. Os cristãos sabem que Jesus está vivo e é isso que lhes tem dado alento ao longo dos séculos.

3

Os cristãos acreditam que Jesus é o Filho de Deus, viveu fazendo e ensinando o bem, morreu e ressuscitou por ter defendido a dignidade de todas as pessoas e o amor universal e infinito de Deus.

Por isso a festa cristã mais importante é a

Páscoa

que celebra a ressurreição de Jesus.

4

Que podemos nós fazer para termos uma vida feliz? A vida é uma história que se vai construindo passo a passo. Jesus ensinou que uma vida feliz é aquela que se vive a amar os outros e a procurar ajudá-los.

Creio que Deus nos colocou neste mundo encantador para sermos felizes e apreciarmos a vida. (...) O melhor meio para alcançar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros.

Baden Powell. Última Mensagem

Vale a pena procurar a felicidade dos outros, procurando construir um mundo onde todos tenham lugar e possam sentir-se na sua própria casa. Isso exige de nós atenção aos outros, aos seus problemas e necessidades, para não vivermos fechados sobre nós próprios, como se fôssemos um reduto sem janelas para cada pessoa que connosco partilha o mundo em que nos foi dado viver.

5

Cruz impressa em cartolina A3
para impressão do dedo em várias cores



Ficha de trabalho Ascensão de Jesus

Nome _____

Nº _____ Data _____ -- _____ -- _____

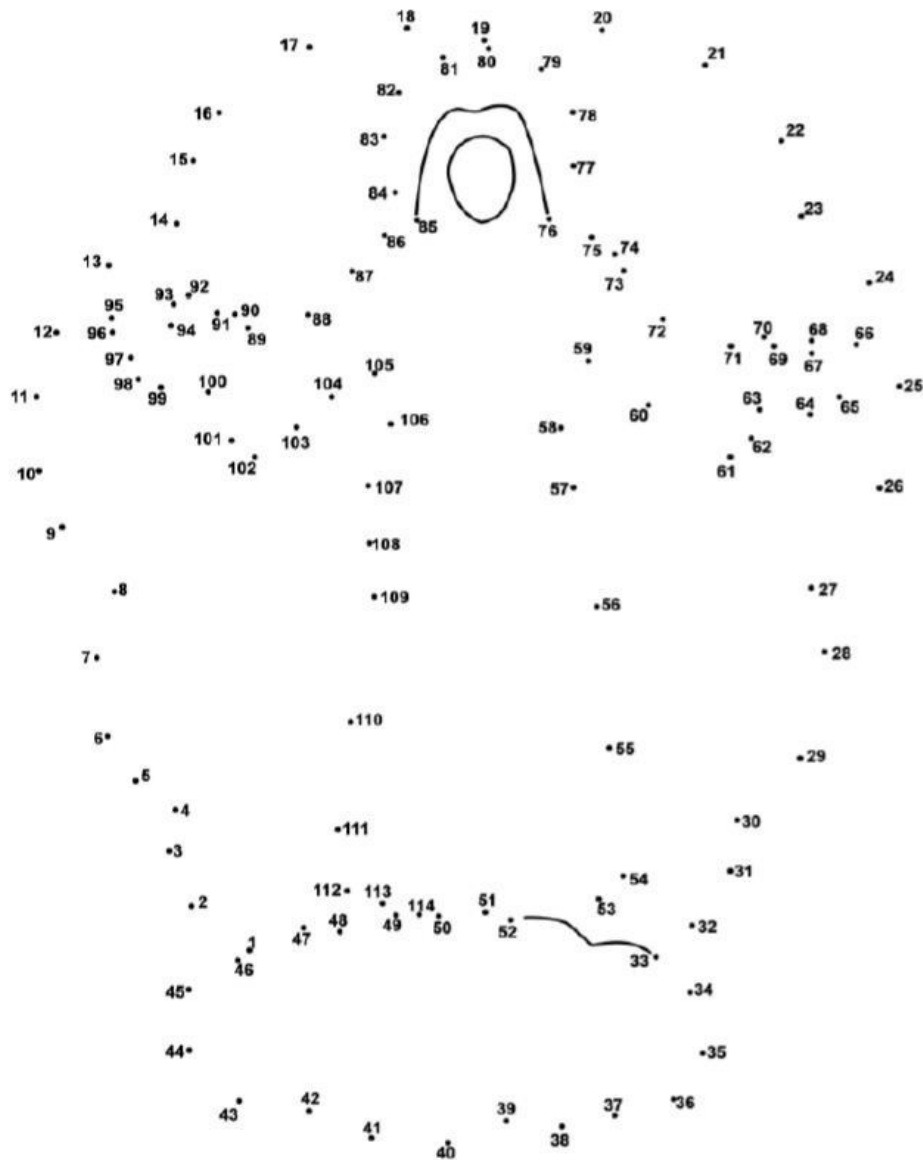
EMRC MUNDÃO

2015/2016

6º D

A Ascensão de Jesus Cristo.

Une os pontos numerados.



Ficha de trabalho

ESCOLA BÁSICA E INTEGRADA 2/3 DE MUNDÃO

EMRC 2015/2016

6º D

Nome _____

Nº _____ Data ____ -- ____ -- _____

2. Escreve seis palavras à tua escolha acerca de Jesus.

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

6. _____

Aula 6

Letra da música “Vasos de barro” (Autoria Ângelo dos Santos Pereira)

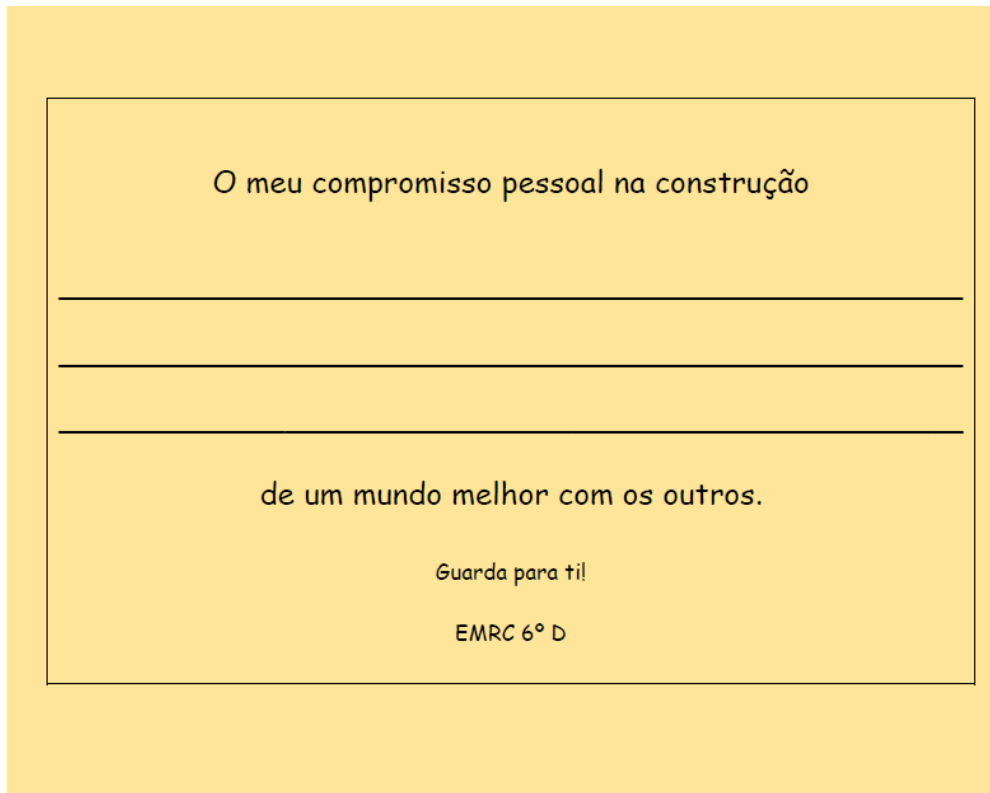
Nós não nos pregamos a nós, mas ao Senhor,
E apenas o fazemos por Seu Amor.
Das trevas, resplandece a Luz, disse Deus,
E foi Ele quem brilhou no coração dos seus.

Trazemos, porém, este Tesouro em vasos de barro,
Para que se possa ver vir de Deus esse poder.

Em tudo somos atribulados e perseguidos,
Mas não desamparados e nunca vencidos.
No nosso corpo levamos, sem cessar,
A morte de Jesus, p'rá Sua Vida manifestar.

Sabemos que Aquele que O ressuscitou
Também ressuscitará aqueles para quem olhou.
E assim, jamais iremos perder a alegria.
Grande é o peso da Glória que nos espera um dia.

Cartolina A6 Compromisso pessoal dos alunos



O meu compromisso pessoal na construção

de um mundo melhor com os outros.

Guarda para ti!

EMRC 6º D

Cartaz A2 “Cloud” de palavras acerca de Jesus



EMRC 6.º D 2015/2016